

UM ROMANCE DE
PAULA

TOYNETI BENALIA

Por um
AMOR
como dos
LIVROS





PAULA TOYNETI BENALIA

Por um
AMOR
como dos
LIVROS



Copyright 2017 Paula Toyneti Benalia

Capa: ***Marina Avila***
Revisão: ***Luisa Soresini R. Diláscio***
Martinha Fagundes
Diagramação: ***Cristiane Saavedra***

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a expressa permissão da autora.

Texto de acordo com as normas do novo acordo ortográfico da língua portuguesa
(Decreto Legislativo Nº 54 de 1995)

Para todos aqueles, que como eu, sonham com um mundo cada vez mais repleto de livros. Eles nos fazem sonhar e acreditar. E tudo que a humanidade precisa para não se perder são: os sonhos e os livros.

SUMÁRIO



Capa	
Título	
Ficha Catalográfica	
Dedicatória	
Janeiro de 2011	
Capítulo 1	
Capítulo 2	
Capítulo 3	
Capítulo 4	
Capítulo 5	
Capítulo 6	
Capítulo 7	
Capítulo 8	
Capítulo 9	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Capítulo 17	
Capítulo 18	
Capítulo 19	
Capítulo 20	
Capítulo 21	
Capítulo 22	
Capítulo 23	
Capítulo 24	
Capítulo 25	
Capítulo 26	
Capítulo 27	
Capítulo 28	

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Epílogo
Agradecimientos

“Muitas vezes perdemos a possibilidade de felicidade de tanto nos preparamos para recebê-la.

Por que então não agarrá-la toda de uma vez?

Jane Austen



saído de casa bem cedo. Minha mãe passou o dia todo sorrindo falsamente para mim, inventando doces e conversas para me distrair. Ou, talvez, a tentativa era distrair a si mesma.

Às oito da noite, meu pai começou a esmurrar a porta de casa. Não estava trancada, mas ele estava bêbado e não ia perceber isso. Nas próximas horas, ele bateria na minha mãe, se tudo corresse bem, não encostaria as mãos em mim. Contudo, geralmente, nada ocorria bem e eu entrava na rodada.

Era um revezamento. Quando minha mãe já estava caída no chão, cansada de apanhar e tentar me defender, era a minha vez. Quando também já estava exausta e ferida o suficiente para não ir à escola na próxima semana, ele voltava para ela.

Até se cansar.

No outro dia, o efeito do álcool já tinha passado e fingia não se lembrar de nada, com isso, minha mãe acompanhava sua amnésia. Mas meu corpo e o dela não esqueciam. Eu tinha vontade de matar os dois. Raiva, ódio, vergonha, humilhação e mais uma centena de sentimentos que tomavam meu ser.

Para aliviar? Eu entrava no meu quarto, pegava meus livros e entrava nesse mundo paralelo e dele retirava todas as informações e numerava em uma lista denominada “amor como dos livros”.

Eu precisava de um namorado que seria meu futuro marido. Só assim eu poderia ficar livre desse inferno, já que a condição financeira da minha família não proporcionaria um estudo decente que me garantiria um futuro brilhante.

Porém, esse homem teria que ser como dos meus romances. Se ele não se encaixasse nos seis itens por mim descritos, não teria espaço no meu coração. E eu preferia morar na rua a ter um homem desprezível como meu pai ao meu lado.

LISTA POR UM AMOR COMO DOS LIVROS:

- Tem que ser homem de verdade. Homens de verdade não são covardes, não batem e nem abusam de uma mulher. Não tiram proveito e nem promovem desrespeito. Um homem que honre as calças que usa.*
- Tem que ser fiel. E ser fiel não é só no sentido de ser monogâmico. Ser fiel é não trocar a mulher por nada. Nem por*

trabalho, dinheiro ou bebida. A mulher ser o principal do seu ser e o resto, ser o resto.

- Tem que ser romântico. Muito romântico. Quero flores, presentes, abraços e beijos constantes. Não pode esquecer nenhuma data, seja aniversário de namoro, de casamento ou até aniversário do peixe (quero ter um peixe).*
- Tem que ser carinhoso. Me abraçar como se abraça a vida, me amar mais que a si mesmo e me beijar até quando os dentes não estiverem mais na boca.*
- Tem que ter defeitos aceitáveis. Já que ninguém é perfeito, eu aceito alguns defeitos. Ciúmes na medida exata, esnobe quando está comigo e quer mostrar ao mundo que me ama, protetor em excesso, na verdade, quero defeitos que nos livros se tornem qualidades fofas.*
- Tem que ser lindo. Lindo de morrer!*
- Tem que me amar. Amar até o infinito e assim vivermos felizes para sempre.*

Obs: não aceito mudanças de nenhum item!



*Sonhava com um mundo onde todas as coisas se encaixassem.
Então, comecei a colocar amor em tudo e, por fim, encontrei sentido até na dor*

Nicolle

2016

Respirei fundo, me apoiei na parede para não desmaiar e apertei os lábios. Não ia chorar. Chorar reduz o ser humano a uma condição infeliz. Todas as suas fraquezas expostas, seus medos escancarados e sua dor dando um show gratuito para uma plateia que sempre olhava com pena.

— Você está bem, querida? — uma senhora que passava na rua perguntou.

— Sim. É apenas o calor — respondi sem nem olhar.

Ficou mais alguns instantes do meu lado e depois desistiu, saindo sem dizer tchau.

Eu estava com câncer! Com leucemia! Estava com os dias contados e eu... Nem o pensamento conseguia completar, tamanho meu desespero. Só 21 anos. Eu não tenho namorado, não tenho filhos e tudo que tenho é uma família ferrada.

Eu tenho várias opções em mente. Chorar era a que meu corpo mais pedia. Estava fora de cogitação!

Eu poderia me jogar da próxima ponte. Seria uma morte mais rápida e, talvez, pouparia meus pais de um trabalho maior. Mas eu não faria isso. Não ainda.

Eu poderia sair gritando, berrando para o mundo e encontrar uma amiga que me desse o ombro para descansar. Escutaria que tudo ficaria bem e que era passageiro. Não aceitaria esse discurso também, porque não seria real. Ou poderia aproveitar os últimos dias, meses, ou anos, e buscar aquilo que anotei em uma lista há muito tempo: o meu amor como dos livros. Sem medo de errar, de ser feliz, ou infeliz, sem nada a temer, afinal, o próximo dia poderá não existir e meu fim poderá ser esquecido facilmente.

Era isso que eu faria!

Eu encontraria a minha luz e depois a deixaria brilhando aqui no mundo e partiria. Morrer deve ser terrível, mas morrer com um sorriso no rosto pode ser melhor do que só morrer.

Tudo bem que eu só tinha 16 anos quando fiz aquela lista, mas os sonhos não têm idade e nem validade. Apesar dos meus estarem com a validade bem próxima do vencimento. Antes de ir para casa e explicar para minha mãe o porquê tinha saído mais cedo do trabalho, decidi andar sem rumo e tentar me acalmar.

Ninguém sabia que eu estava doente. Eu tive perda de apetite e de peso nos

últimos meses, sempre indisposta e como estava ficando sem ânimo de sair para o trabalho, resolvi procurar um médico e pedir umas vitaminas. Pediu alguns exames e ali estava eu saindo do consultório com um encaminhamento para um especialista, doutor Melier, oncologista.

Minha casa ficava a meia hora de onde estava, se eu estivesse de carro, a pé, demoraria horas. Era isso que eu faria: iria a pé.

Comecei minha caminhada a passos de tartarugas e andei como se meu corpo fosse um fardo. Na verdade, hoje, ele era um. Um fardo pesado que eu tinha que carregar sozinha por um tempo determinado.

O médico tinha sido o mais sincero possível: “Nicolle, eu não sou especialista, mas creio que já está bem avançado pelos seus sintomas e alguns meses é tudo o que você tem”.

— Alguns meses de tratamento? — perguntei sem entender. Sempre fui um pouco lenta.

— Não. Alguns meses de vida.

Dentre todas as reações que eu poderia ter no momento, sorri. Não, não estava feliz! Sorri porque não soube fazer outra coisa e ele me olhou com pena.

Andei alguns quarteirões e quando tudo não poderia ficar pior, tropecei em um buraco no asfalto e como estava de rasteirinha, levei de brinde a tampa do dedão arrancada. A última vez que fiz isso, tinha cinco anos.

Gemi, xinguei e amaldiçoei todos os fabricantes de sapatos e políticos existentes no mundo. Eu me abaixei e levantei a tampa, colando ela novamente sobre o sangue que escorria.

Respirei fundo de novo e continuei minha caminhada sobre o sol escaldante em pleno verão do Rio de Janeiro.

Conferi e vi que tinha dez reais no bolso. Desviei um pouco do meu percurso, até chegar à avenida da orla da praia e parei para comprar uma água de coco bem gelada. Tomei a água, em pé mesmo, ignorando meu dedo que doía para cacete e depois pedi que o dono da barraca colocasse o coco vazio em uma sacola. Adorava chegar até em casa, cortá-lo e comer com uma colher a castanha ainda mole.

Depois de escutar mil desculpas por ele não ter uma sacola decente, acabou colocando dentro de uma ecobag preta com uma caveira desenhada. Bem sinistro. Completando meu lindo dia.

Continuei minha caminhada rumo para casa, com uma sentença de morte

nas mãos, uma caveira desenhada na sacola e o pé sangrando.

Definitivamente o mundo me amava e conspirava ao meu favor!

O que aconteceu em seguida, não teve lógica e eu fiquei sem entender, quando alguns policiais se aproximaram e um colocou a algema em meu braço.

— Você está presa por furto.

Nada mais foi dito. Fui jogada atrás de um carro de polícia e levada para a delegacia.

E mesmo assim não me permiti chorar!



*Mas se olhar no que esta escondido por camadas da vida,
vai encontrar a essência e conhecer seres humanos incríveis.*

Já na delegacia, fui empurrada como uma assassina até uma sala. Ninguém se preocupou em perguntar meu nome, ou me explicar o que estava acontecendo. Estava sendo acusada de roubar alguma coisa. Isso eu tinha entendido.

O que eu não compreendia era como isso tinha passado pela cabeça de alguém. Tinha saído do médico há meia hora. O que roubei nesse percurso? Também não tinha nada nas mãos, a não ser a sacola macabra com o coco e os meus exames. Isso era tudo.

— Eu cuido da meliante! — Escutei alguém falar às minhas costas.

Não me dei ao trabalho de olhar quem era, mas o odiei no mesmo instante. Era inteligente o suficiente para saber que meliante significa vagabunda, malandra e que não demonstra ter vergonha.

Vamos começar por vagabunda. Saía de casa às seis da manhã, andava duas horas a pé e chegava ao trabalho às oito. Trabalhava em uma fábrica de bancos de carros e motos, e passava o dia todo fechada dentro de um galpão, lidando com todo tipo de cola, produtos químicos e maquinários perigosos. Saía às sete, às vezes oito horas da noite e me dava ao luxo de voltar para casa de ônibus.

Malandra! Geralmente o malandro é aquele que leva a vida fazendo tudo por diversão e prazer, sem se preocupar com os meios. Não me lembrava da última vez que tinha sorrido até chorar, ou que tinha feito alguma coisa para o meu prazer.

Pessoa que não demonstra vergonha! Bom, essa definitivamente não era eu. Quase tinha que tomar banho de roupa, de tanta vergonha que eu tinha, até de mim mesma.

— Não tenho o dia todo para perder com pessoas como você. Então, se cooperar e responder rápido eu posso ir pra casa e almoçar em paz, sem ter que tomar outros meios indelicados para descobrirmos a verdade.

Voltei ao mundo real e vi que alguém me encarava e me fazia perguntas. Um homem, de uns trinta anos, e que deveria ser o delegado, me olhava irritado. E ele era a fonte do meu ódio. Ele que tinha me chamado de meliante.

— Não escutei o que você perguntou. Me desculpe, mas pode repetir a pergunta?

Eu estava tentando ser educada para não piorar as coisas. Mas a frase que

rondava a minha mente era bem diferente. “Filho da puta, babaca, vá se f%\$*&”!

Deu um soco na mesa e todas as canetas e papéis pularam, juntamente comigo.

— Cadê seus documentos? — perguntou. Na verdade, ordenou.

Pisquei assustada. Começava na verdade a ficar apavorada. Eu não tinha nenhum documento comigo. Simples assim.

— Não estou com nenhum documento. Ficaram todos em casa!

Ele me encarou com dois olhos furiosos. Olhos verdes, por sinal. Muito bonitos, só para constar.

— Ou você os perdeu, correndo, depois de praticar o furto?

— Antes de continuarmos essa conversa, poderia me dizer o que estou sendo acusada de roubar? — perguntei bem furiosa.

Não gostou do meu tom de voz pelo visto, já que sua testa enrugou igual a daqueles cachorros bem fofinhos que parecem pregueados. Mas ele não parecia fofinho. Estava mais para pitbull.

— Não estamos em uma mesa de bar batendo um papo. Então, eu pergunto e você se limita a responder. Estamos entendidos?

Balancei a cabeça, concordando.

— Fiz uma pergunta, pode responder.

— Sim!

— Como eu estou num ótimo dia e de bom humor, vou sugerir que você pegue o celular e ligue para alguém trazer seus documentos. Urgente!

Olhei para cima, como se dos céus pudesse vir algum socorro, depois para baixo envergonhada e por fim o encarei. Acompanhava meus movimentos com o maxilar trincado.

— Não tenho celular.

Eu já tinha comprado dois, mas meu pai sempre quebrava em alguma briga. Desisti de comprar outro.

— Você deve estar achando que isso aqui é um circo e eu sou o palhaço — abaixou na mesa e falou com olhar sombrio.

— Não tive tempo de roubar um — falei tentando descontrair. Ele não sorriu.

— Só porque eu estou em um excelente dia, como já disse, pode utilizar o da delegacia.

Ele empurrou o aparelho e o peguei tremendo. Se ele estava em um excelente dia, eu não queria conhecê-lo no péssimo.

Disquei o número de casa e minha mãe atendeu depois de uns cinco toques.

— Mãe, estou com um probleminha aqui. Será que você pode pegar meus documentos e arranjar alguém para trazer pra mim em um endereço que vou te passar?

— Olha, Nick, não sei em que rolo você se meteu — e nem vai querer saber, claro —, mas seu pai não está em casa — foi beber, claro — e não tenho carro e nem carta, você sabe disso. Os vizinhos também não conversam com a gente.

Sim! Os vizinhos tinham medo do meu pai!

— Certo, mãe. Vou tentar ver o que faço. Se eu não voltar para casa hoje, não se preocupe, estou bem.

Ótima na verdade. Com câncer, faltando um pedaço do pé, presa, acusada de roubo e, nesse momento, assinando a sentença de morte.

— Não tem ninguém que pode trazer meus documentos. Me desculpe.

Ele me olhou por um longo momento.

— Vamos fazer o seguinte. Vou colocá-la em uma cela e você fica lá. Vou almoçar, porque estou morrendo de fome e quando eu voltar, vamos ter uma conversa mais séria.

E sem se importar com mais nada, ele saiu e me jogaram em uma cela, sozinha. Aproveitei a cama fétida e horrorosa e me sentei. Sem rumo, sem perspectiva de vida e totalmente sem liberdade.

E esperei. Lamentando-me pela perda de tempo. Nesse exato momento, já poderia ter conhecido o meu amor como dos livros. A chance era bem pequena. Mas presa aqui, ela era nula.

Nas próximas horas, me deixei sofrer pelo dedo, que estava horroroso, pela fome que sentia, apesar de andar sem apetite, hoje, especialmente, sentia meu estômago roncar.

Como por castigo, fui deixada o resto do dia naquele lugar e só quando percebi por uma janela minúscula, que o sol estava indo embora, fui levada novamente para a sala.

O senhor poderoso estava sentado no seu trono encantado e me aguardava

com seu jeito prepotente. Preenchia toda a cadeira gigante e me deixei observar como ele era forte. Muito forte e muito bonito. Droga!

— Vamos continuar, senhorita?

Jogaram-me na cadeira. Nesse movimento, meu pé se torceu e eu gemi de dor, quando meu dedo recém-decepado entrou em contato com o chão. Olhei para baixo e vi que a tampa estava solta novamente e o sangue escorria pelo chão. Eu não morreria de hemorragia, mas a dor era terrível.

— Precisa de ajuda Dr. Markes? — o imbecil que me empurrou, perguntou.

— Não, pode ir — falou secamente.

Definitivamente, ele não era legal.

— Qual o seu nome completo, garota?

— Nicolle, com dois “eles”, da Silva.

Ele digitou no computador e debruçou sobre a mesa.

— Por que roubou aquelas roupas?

— Não roubei nada. Não sei nem porque estou aqui.

— Deixa eu te refrescar a memória. Recebemos um chamado, de uma loja ali no calçadão da orla da praia. Eles receberam uma cliente, que descrevem ser exatamente como você — pegou um papel na mesa atrás da sua cadeira — 1,70 mais ou menos, de altura, olhos verdes claros, morena, cabelos negros presos em um rabo de cavalo, vestindo uma calça jeans e uma regata preta.

Ele colocou o papel sobre a mesa e me olhou. De cima a baixo.

— Isso me lembra de você, Nicolle!

— Sim. Eu sou bem normal. Minha mãe sempre disse isso.

— Vamos juntar a isso, o fato de que a sacola da loja é exatamente igual à que você estava segurando no flagrante.

— Só que na sacola da loja, eles devem colocar roupas e, na minha, você, como o bom delegado que precisa ser, deve ter reparado que tinha um coco dentro. Vazio ainda por cima. Sem água dentro!

Eu me exaltei um pouco para falar isso e senti um arrepio com o olhar que ele me lançou. Não estava nada bom.

— Não sou um bom delegado. Eu sou o melhor. Se isso te serve de consolo, nunca deixo alguém impune.

— Se isso for verdade, você vai ser processado por calúnia e difamação, já

que eu não roubei nada e estava simplesmente saindo do médico e parei para tomar uma água de coco. Isso é crime agora?

Já estava bem exaltada.

— Sugiro que você baixe o tom de voz comigo, ou a deixo mofando em uma cadeia qualquer.

— Se você fizer isso, eu juro que o mato. Eu não posso perder nem um minuto da minha vida. Será que você compreende isso?

Eu estava a ponto de bater nele!

Ele se levantou e eu soube que estava ferrada. Aproximou-se da minha cadeira, abaixou e olhou bem no fundo dos meus olhos. Acho que ele fez um exame completo na minha vista. Se perguntasse, deveria saber até meu grau de miopia.

— Sua vida não tem valor nenhum aqui e eu estou pouco me lixando se você vai perder um dia ou 10 anos aqui. Eu vou ligar no médico que você disse ter ido e confirmar seu álibi. Se isso for mentira, é melhor você falar antes que eu pegue o telefone nas mãos. Eu não vou facilitar a sua vida. Fique sabendo disso.

Balancei a cabeça e não me atrevia a falar mais nada. Deu a volta na mesa e pegou o telefone.

— Qual o nome do médico?

— Tem o telefone marcado nos envelopes dos exames que estavam comigo.

Ele os pegou sobre a mesa e conferiu. Discou o número e aguardei.

Só faltava agora, o médico não se lembrar de mim. Seria meu fim.

O telefone era sem fio e ele saiu da sala para que eu não escutasse a conversa.

Depois de alguns minutos retornou. Sossegadamente se sentou na cadeira, cruzou as pernas e por fim me olhou.

— O médico confirmou sua história. O horário do roubo bate com o do médico. Você está livre.

Simples assim. Sem arrependimentos, sem pedidos de desculpa e sem flores. Idiota!

— Pode se levantar e sair.

Olhei para o relógio na parede e já eram quase nove horas da noite. Eu

estava muito, muito longe de casa, sem dinheiro e com a dignidade jogada dentro de um saco de lixo. Estava tudo perfeito. O mundo me amava.

Eu me levantei e senti uma dor terrível no pé. Olhei para baixo e vi que já estava inchado. Além do dedão decepado, eu tinha torcido o tornozelo. Beleza! Eu teria que caminhar umas três horas, tranquilo.

— Você pode me devolver os exames?

— Sim, claro. São seus.

Estendeu os dois envelopes.

— O saco com o coco foi jogado fora — completou.

— Sem problemas. Eu vou sobreviver sem meu coco — falei ironicamente.

Eu me virei e saí mancando.

Já na porta da delegacia, respirei fundo e implorei para que nada mais me acontecesse. Ou então, teria mesmo que pular da ponte.



Eu já tinha conseguido andar três quarteirões quando vi um carro se aproximar e parar ao meu lado. Não olhei. Estava assustada.

Quando vi que alguém desceu, me irritei profundamente e gritei, sem nem mesmo olhar. Nada poderia ficar pior, né?

— Se você veio me assaltar, sinto informar que eu não tenho nem dez centavos no bolso. Se quiser minhas roupas, lamento informar que não custaram nem cinquenta reais. Se você está querendo receber dinheiro com sequestro, sinto muito, muito mesmo, mas você vai perder seu tempo. É bem capaz que meu pai te dê dinheiro para você me matar e vai ser pouca coisa. Sou pobre e não tenho muito valor!

Eu estava berrando, feito louca e gesticulando feito uma maluca que saiu do manicômio.

— Se quiser abusar de mim, também está ferrado, vai ter que me matar primeiro. Vou lutar até a morte e olha que eu não estou me importando muito de morrer.

Quando vi que o ser humano não encostou nenhuma arma ou faca em mim, resolvi me virar e ver quem era. Abri e fechei a boca várias vezes. Era o senhor poderoso. Em carne, osso e massa muscular. Muita massa muscular.

— Só ia oferecer uma carona. Você não vai conseguir chegar até em casa assim e veio parar inocentemente nesse lugar.

— Ah, agora você está preocupado comigo? — perguntei colocando as mãos na cintura.

— Na verdade não. É que como eu disse, sou o melhor delegado que existe e sei quando devo corrigir uma injustiça.

— Senhor justiceiro, pode ficar tranquilo, eu não vou entrar nesse seu camburão só para te livrar da consciência pesada.

— Primeiro que meu carro não é um camburão. É uma Land Rover. Segundo que eu não sou justiceiro. Terceiro que eu não estou te convidado, estou dando uma ordem. Entra nesse carro agora!

Ele apontou para a porta. Era só o que me faltava agora. Alguém me dando ordens. Perdi toda a compostura e apontei o dedo bem no nariz dele.

— Escuta aqui, seu idiota, você não é ninguém para me dar ordens. Então

vai se FER-RAR!

Eu tive a certeza de que ia levar um tiro nesse exato momento, quando ele colocou a mão no bolso da calça. Bom, pelo menos a morte ia ser rápida.

Com toda a calma do mundo, tirou uma algema e colocou nos meus braços. Pisquei. Pisquei de novo. Mais uma vez. E depois não pisquei mais. Eu não estava acreditando nisso.

— Você ficou maluco? — berrei.

— Meu trabalho também é cuidar da sociedade e você é um perigo para si mesma. Está sozinha, andando por ruas perigosas. Na verdade, andando não, se arrastando. Prefiro que você facilite a minha vida. Eu estou com fome e com uma mulher linda me esperando na cama.

— Você só pensa em comer?

— Sim! — respondeu com um sorriso. Era a primeira vez que eu via seus dentes. — Só penso em comer. As duas coisas!

Babaca um milhão de vezes.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ele me pegou no colo e me colocou sentada no banco da frente do carro.

Eu não tenho certeza se ainda respirava. Mas eu tinha algumas certezas. Primeiro, ele era muito cheiroso. Segundo, não tinha nenhuma gordura no corpo, era uma parede de músculos. Terceiro, fiquei com vontade de morder a bunda dele. E quarto, era muito idiota por pensar tudo isso.

Ele deu a volta e se sentou. Atou meu cinto e o dele e deu partida no carro.

— Me diga seu endereço — pediu enquanto ligava o GPS.

Falei sem muita vontade e abracei meus exames, frustrada. Abracei vírgula, né, encostei-os no peito, porque eu tinha algemas nas mãos.

Arrancou com o carro e ligou o som.

— Posso ser uma assassina, sabia?

Eu queria irritá-lo. Simples assim.

— Você pode, mas não é. Conheço pessoas como você e sei de longe que você não seria capaz nem de matar os cogumelos do jogo do Mário.

— Engraçado, você achou que eu fosse ladra algumas horas atrás.

Dei uma risada irônica e bufei.

— Não achei. Eu só estava averiguando. Esse é o meu trabalho.

— Mas me manteve naquela delegacia o dia todo. Você me fez perder um dia da minha vida.

— Você tem uma vida pela frente, é uma criança ainda. Um dia não vai fazer diferença.

Fechei os olhos e deixei que aquilo tocasse bem fundo no meu peito. Ele não fazia ideia de como um dia faria diferença.

— Nossa, você joga Mário e eu que sou a criança? — falei, tirando o foco do assunto que me incomodava.

— Jogo o que tenho vontade. E eu gosto de Mário.

Certo. Problema dele.

O silêncio tomou conta do carro. Encostei a cabeça no assento e fechei os olhos. Não estava mais a fim de conversar. Só abri de novo quando o carro parou. Mas não estávamos em frente à minha casa. Estávamos em frente a um hospital particular.

— Não moro aqui.

— Jura? — respondeu já desatando os cintos. — Achei que você morasse. Hospitais são ótimos em hospedagens. Comida sem graça e camas péssimas.

Ele pegou minhas mãos e tirou as algemas, desceu do carro e bateu a porta tão forte que achei que os vidros cairiam a qualquer momento.

Abriu a minha porta e fez sinal para que eu descesse.

— Vamos ver o seu pé antes de levá-la para casa. Eu sei que você está com dor.

Quase me deixei comover por sua preocupação. Ninguém se importava com as minhas dores. Mas vejam bem, quase. Lembrei-me logo de que eu o odiava e que só estava nessa situação por causa dele.

Desci lentamente e quando meu pé tocou no chão, gemi. Só não chorei porque era feio. Mas percebi que estava doendo mais ainda.

— Me deixa te ajudar?

Ele se aproximou e me pegou no colo de novo. Dessa vez, resolvi aproveitar e respirei tão forte seu perfume, que seria necessário metade da Amazônia para fazer a fotossíntese para que os outros seres humanos pudessem respirar também.

— Não tenho dinheiro para pagar o médico.

— Não me lembro de ter te pedido dinheiro — argumentou.

Como ele era educado! Me impressionava.

Entramos no pronto-socorro e me colocou sentada em uma maca. Saiu para falar com um enfermeiro e preencheu alguns papéis. Em menos de dez minutos já tinha um médico para me atender. Dinheiro fazia toda a diferença.

Limparam meu pé, fizeram um curativo no dedo e enfaixaram o tornozelo.

— Você teve uma luxação. Nada grave, mas precisa ficar alguns dias de repouso para melhorar. Sem andar. Posso lhe dar um atestado se você trabalhar — o médico disse, já pegando os papéis na mão.

— Não será necessário! — respondi. Eu não faltaria ao trabalho, nem por decreto.

A empresa já tinha demitido mais de 200 funcionários. Não podia correr esse risco.

O senhor prepotente ficou nos observando o tempo todo. O médico me deu alguns medicamentos e fui liberada. Dessa vez, fui levada até o carro em uma cadeira de rodas, guiada por um enfermeiro. Ele mesmo me ajudou a entrar no carro.

— Agora vamos para sua casa — por fim o delegado falou.

Só então percebi que nem seu nome eu sabia. Decidi imaginar como ele se chamaria, só para distrair meus pensamentos, enquanto dirigia em silêncio.

Olhei de rabo de olho algumas vezes, para ver se os nomes se encaixavam. Pensei em Lucas, Marcelo, Tadeu, Rodrigo e mais uns dez nomes. Que coisa mais boba eu estava fazendo.

— Você não para de me olhar, Nicolle. Quer perguntar alguma coisa ou só confirmar se minha beleza é real?

— É que... é... —.nossa, eu estava muito constrangida. — Não sei seu nome.

— E nem precisa saber.

Meu Deus! Quanta educação?

Voltei a olhar para frente e o ignorei por completo.

— Por que não pegou o atestado? Você não trabalha? — perguntou quebrando o silêncio.

— Você não precisa saber. Não te interessa.

Boa! Devolvi na mesma moeda.

— Se não me interessasse, não estava perguntando.

Olhei pra ele inconformada.

— Como você é infantil. Quantos anos têm? Parece que uns dez. Primeiro você joga Mário e agora responde como um adolescente malcriado.

— Engraçado que eu nunca me comporto assim. Parece que você traz meu melhor lado. Costumo ser bem pior.

Deus Pai, se esse era o seu melhor; coitada da família dele, da mulher. Será que ele tinha mulher? Bom, tinha dito que tinha uma mulher linda na cama, mas podia ser namorada ou colega só, né? Será que a beleza compensaria seu jeito bruto e chato?

Acho que não. Não se encaixava na minha lista de amores dos livros. Em nada. Eu nem sei o porquê estava tentando colocá-lo nela. Definitivamente, me drogaram no hospital.

— Nicolle, perguntei se essa é a sua casa.

De volta ao mundo real, eu olhei. Eu nem tinha visto que chegamos.

— Sim, essa é a minha casa.

Na verdade a casa do meu pai. Eu nunca me senti pertencendo àquele lugar.

— Você não vai trabalhar amanhã. Estamos combinados?

— Como você sabe que eu trabalho?

— Sei de tudo. Você aceitou o atestado, mas vi como se preocupou.

— Preciso trabalhar. Ou perco o emprego — desabafei.

O pior seria chegar ao trabalho. Meu pai precisaria me levar e eu duvidava que ele fosse fazer isso. Eu não conseguiria nem chegar ao ponto de ônibus.

— Aqui está meu cartão. — Estendeu para mim. — Me ligue se precisar. Eu sei que você vai precisar.

Gargalhei.

— Nem morta quero precisar de você!

Eu achei que ele me mataria, mas tudo que fez foi abrir um belo sorriso. O mais lindo que eu já tinha visto. Inferno!

— Vocês sempre precisam...

Irritada, desci sem sua ajuda e bati a porta com toda a força do mundo. Entrei em casa mancando e nem olhei para trás. Vai que eu precisasse mesmo?



Muito as vezes, o que ama te olha tanto, que nao te ve.

Entrei em casa e encontrei meu pai caído no sofá. Bêbado. Agradei mentalmente por isso. Já que estava inconsciente. Olhei ao redor e procurei minha mãe. Ela devia estar no quarto. Me arrastando, fui até lá e a encontrei deitada na cama chorando. Sentei-me do seu lado e comecei a acariciar seus cabelos.

— Você está ferida?

Eu sempre cuidava dos seus machucados. Ela sempre ficava com as piores marcas.

— Não. Foi só um tapa na cara. O problema é que ele tinha prometido que não beberia hoje. Tinha feito o jantar e esperado ele.

— Mãe, ele sempre promete isso. Você não percebe que não vai acontecer?

Ela não respondeu, porque sabia a verdade e tentava se enganar todos os dias.

— Você precisa de alguma coisa?

— Não, Nick, é melhor você ir pro seu quarto, quando ele acordar, vai vir para a cama e não vai gostar de lhe ver aqui.

Ele não ia gostar, ele não ficaria feliz, ele, ele, ele! Era sempre ele. Ela não percebeu que eu cheguei tarde, que tive problemas, que estava machucada e ferida por dentro. Nunca percebia. Era sempre ele.

Saí e fechei a porta. Eu teria que enfrentar tudo sozinha, sem saber se estava preparada para isso.

Alimentei-me, tomei um banho, me deitei e caí no sono, exausta.

Quando o despertador tocou, a primeira coisa que lembrei foi do pé. A dor era horrível e quando olhei, estava inchado. Droga! Eu tinha que ir trabalhar e caminhando. Olhei em cima da cômoda e vi o cartão do senhor poderoso. Na hora nem me lembrei de olhar seu nome.

Kauã Markes

Delegado de polícia

Atrás, o telefone celular e o e-mail se destacavam ao lado do brasão da polícia. Guardei na bolsa, por precaução e me troquei correndo. Eu demoraria o dobro para chegar ao trabalho. Graças a Deus, todo mundo ainda estava dormindo e não precisei ver a cara do meu pai.

Assim que coloquei o pé na rua e comecei a caminhar, percebi que não seria fácil. Dava um passo com a perna boa e arrastava a outra com a ajuda das mãos. Se eu colocasse o peso do meu corpo no pé machucado, eu gritaria de dor. Como uma simples luxação poderia me fazer sofrer tanto?

Olhei para o relógio e calculei que chegaria atrasada ao trabalho. Nunca me atrasava, então, eles me perdoariam. Eu esperava que sim. Um carro parou ao meu lado. Eu o reconheci no mesmo instante. Qual era o problema desse cara?

Ele abaixou o vidro. Fingi que não o vi e continuei andando.

— Nicolle, entra no carro.

Ele adorava me dar ordens e o engraçado nisso tudo, é que ele me conhecia fazia um dia.

Ignorei.

— Se você não entrar nesse carro, eu vou descer, te algemar e te levar à força. Você não vai querer dificultar a minha vida, vai?

Parei e olhei perplexa.

— Você não faria isso. Eu te mato se o fizer.

— Que inferno, garota!

Irritado, desceu do carro e veio ao meu encontro. Dei alguns passos para trás e respirando fundo, se aproximou.

— Vamos explicar algumas aqui. Eu não aceito ser contrariado e você tem feito isso o tempo todo.

Franzi a testa.

— Deixa eu te explicar algumas coisas também. Você não manda em mim, não me conhece, não é meu parente, você não é nada meu! — berrei. — Estou tentando entender o que você está fazendo atrás de mim.

— Olha o seu pé — apontou. — Como pode ser tão irresponsável e desobedecer às ordens médicas?

Sua voz era suave dessa vez e enxerguei preocupação por trás dos seus olhos. Um cuidado que ninguém tinha por mim. Só lembrando, ele era um estranho e tinha me prendido no dia anterior!

— Não posso perder um dia de trabalho. Vão me mandar embora e se eu não trabalhar, não tenho nem como comer — desabafei.

Meu pai já tinha me dito isso várias vezes, “não sou obrigado a sustentar

vagabundas”, repetia sempre.

— Então aceite minha carona. Até você melhorar.

Ele me encarou com uma seriedade incomum, esperando a minha resposta.

Abri um sorriso e acabei aceitando. Decidi baixar a guarda.

Abriu a porta e me ajudou a entrar. Depois ocupou seu lugar e perguntou antes de sair:

— Onde você trabalha?

— Na MJW. Você conhece?

— Conheço. E ela é bem longe daqui.

Fechou a cara e não falou mais comigo. Podia jurar que era bipolar. Nem o som ele ligou. Espiei algumas vezes, só para me lembrar dele. Nada demais.

Reparei que a camisa branca ficava com os botões quase explodindo no peito. Ele, com certeza, malhava mais que o normal. Qual era o meu problema? Estava paquerando o cara, sendo que ele era um troglodita.

— Nicolle, você sai para almoçar? — perguntou quebrando o silêncio.

— Não. Hoje eu saio uma hora mais cedo, então não faço horário de almoço.

Freou bruscamente e encostou o carro.

— Como assim, você não almoça?

Ele balançou a cabeça, parecendo inconformado.

— Não tenho essa obsessão por comida como você. Às vezes, eu não faço hora de almoço e consigo ganhar um extra, ou uma folga.

Hoje, no caso, pretendia sair mais cedo e tentar agendar a consulta com o médico especialista. Ele não precisava saber disso.

— Nunca conheci alguém tão irresponsável com a saúde como você. Você ao menos tomou café da manhã?

Agora ele parecia à beira de um colapso nervoso.

— Sim.

Desviei o olhar para que ele não visse a mentira estampada em meus olhos. Eu era péssima com mentiras.

— O que você comeu no café da manhã, Nicolle?

— Eu... Eu comi... pão! É o que todo mundo come no café da manhã: pão!

Uhr!!! Como eu poderia ter gaguejado? Droga!

— Você não comeu. Sabe o que vou fazer com você? Vou levá-la em um restaurante depois do trabalho e vou abrir sua boca e te fazer comer à força. Que horas você sai do trabalho?

— Às seis — menti.

Eu ia ao médico e não queria ele perto de mim.

— Às seis horas, vou estar na porta do seu trabalho lhe esperando.

Sem mais nenhuma palavra, saiu acelerando de novo e só parou na porta da fábrica. Abri a porta e desci. Eu me debrucei sobre o vidro aberto e fiquei olhando sua cada mal-humorada. Que ficava linda por sinal. Será que ele ficava feio de algum jeito? Nicolle idiota!

— Posso te fazer uma pergunta?

Observei o queixo dele estremecer de raiva e engolir seco. Por fim me olhou, mas não me respondeu.

— Por que está se preocupando tanto comigo? — perguntei mesmo assim — E não me venha dizer que é por senso de justiça que eu não vou acreditar.

— Não sei. Simplesmente não sei. Vamos fazer o seguinte — ele se abaixou e pegou a carteira —, vou te dar dinheiro para pagar o táxi até você melhorar e não precisamos nos ver mais. Vai ser melhor. Nada de te buscar às seis.

Ele me estendeu algumas notas de cem reais.

Eu estava chocada e tão magoada que demorei em ter alguma reação. Então me virei e saí, sem olhar para trás. Kauã tinha me oferecido proteção, se preocupado comigo e depois trocado tudo por algumas notas de cem reais. Mais uma vez, o mundo me mostrava que não tinha valor.

Realmente, morrer não me parecia tão ruim.



*e quando o toque de carinho chega ate as feridas da alma,
se descobre que o amor chegou.
Ele está bem próximo.*

Trabalhei sem entusiasmo. O dia pareceu ter trinta horas. Não fiz horário de almoço e saí uma hora mais cedo. Meu pé estava visivelmente melhor, mas andar ainda era difícil.

Peguei um circular e fui até o endereço do médico para o qual fui encaminhada. Eu tinha sorte que a empresa pagava plano de saúde. Isso facilitaria muito a minha vida.

Cheguei ao consultório e apresentei o encaminhamento para a recepcionista. Ela leu e mandei que se atentasse ao fato do médico ter pedido urgência.

— Sinto muito, senhorita, mas consulta só para daqui quinze dias.

— Não posso esperar quinze dias. O médico pediu urgência.

— Não posso fazer nada, me desculpe.

— E se for particular?— perguntei inconformada.

— Particular, conseguimos te encaixar ainda hoje, tivemos uma desistência de última hora. A consulta é 450,00 reais.

Sim, o mundo estava conspirando contra mim.

Eu não tinha esse dinheiro. Sem alternativa, deixei marcado para daqui quinze dias. Assim que cheguei em casa, minha mãe enfim percebeu que eu mancava.

— Nick, o que houve?

— Nada de mais mãe. Torci o pé.

Ela me olhou desconfiada, mas por fim decidiu acreditar. Ela era expert em aceitar falsas verdades. Era mais fácil.

— Coloquei seu prato de comida no micro-ondas. Eu e seu pai já jantamos. É só você esquentar.

Deixei minhas coisas no quarto e fui esquentar o jantar. Sentei à mesa e fiquei brincando com a comida, sem fome. Comi o suficiente para não desmaiar e senti uma dor de cabeça começar a me atormentar.

Tomei um analgésico e decidi me deitar assim que terminei de tomar banho. Adormeci sonhando com uma parede de músculos que vinha me atormentado a

mente. Acordei com gritos vindos da sala e olhei no relógio, assustada. Eram duas da manhã. Meu pai tinha bebido.

— Não tenho dinheiro pra nada e tenho que sustentar essa garota — meu pai gritava.

A garota em questão era eu. Nos últimos anos, queria que minha mãe me colocasse para fora de casa. Segundo ele, eu dava gastos excessivos.

O problema é que eu dava todo o meu salário em casa, não me lembrava da última vez que tinha comprado roupa ou qualquer coisa que tinha vontade e nunca, nunca saía. Ele achava que não era o suficiente.

Nas suas contas, o que eu consumia e o aluguel, que ele colocava na minha conta, eram gastos abusivos.

Por que eu continuava ali? Simples! Não tinha condições de pagar um aluguel e me sustentar sozinha. Não tinha nenhum parente que conhecia e, meu pai e minha mãe eram tudo que eu tinha.

Realmente, eu tinha bem pouco.

Coloquei o travesseiro no ouvido e tentei ignorar. Quando os gritos da minha mãe se tornaram insuportáveis e por fim cessaram, saí do quarto.

Ela estava caída no sofá, chorando baixinho. Ele estava do lado, pronto para dar mais um soco.

— Não faça isso! — falei com ódio.

— Ah, você está aí, sua vagabunda. Quando vai entender que você é culpada por isso?

— No mesmo dia que ver você pagando por toda a maldade que comete com ela. No mesmo dia que te ver apanhando e sentindo na pele a dor e humilhação que nos faz passar.

Eu tremia de raiva e estava pouco me importando com a minha vida.

— Então vou te ensinar a me respeitar.

Veio o primeiro soco, na minha boca. Gemi de dor e continuei encarando ele.

— Covarde! — gritei.

Um chute na minha perna machucada me fez cair no chão. Com um sorriso no rosto, saiu cambaleando.

Ele era meu pai. E eu o odiava mais que todas as pessoas do mundo.

Busquei a bolsa de gelo e cuidei da minha mãe. Quando voltei para a cama, já eram três e meia da manhã. Às cinco e trinta, eu tinha que levantar.

Quando o despertador tocou, parecia que um trem tinha me atropelado.

Olhei no espelho do banheiro e me assustei com a cor do meu rosto. Era uma mistura de roxo com verde perto da boca e um lado estava maior que o outro.

Não consegui calçar meu tênis. Minha perna estava um pouco mais inchada depois do chute. Coloquei uma rasteirinha e respirei aliviada por conseguir andar com ela.

Decidi pagar o ônibus para ir ao trabalho e voltaria a pé. Até à tarde, provavelmente estaria me sentindo melhor. Tinha que andar só três quarteirões até o ponto de ônibus e tudo ficaria bem.

Um misto de sentimentos apertava meu peito por tudo que vinha acontecendo na minha vida. Mas quando abri a porta de casa e vi o sol nascendo, resolvi sorrir. Eu estava viva ainda e isso era um bom motivo para sorrir.

O sorriso sumiu no mesmo instante que vi um carro muito conhecido parado na frente da minha casa e um homem lindo de morrer, vestindo uma camisa branca que contrastava com seus cabelos negros, me olhando com a testa enrugada. Ia ignorá-lo, mas já sabia que ele me perseguiria. Então, melhor resolver logo.

Eu me aproximei e a cara dele ficou ainda pior. Eu devia estar com a aparência péssima.

— Você sempre enruga a testa assim? Sabia que isso causa rugas precoces?

— Devo ter envelhecido uns dez anos em dois dias então. Me parece que você consegue fazer isso comigo, o tempo todo! — Seu olhar era tão profundo, que não me dei ao luxo de piscar. — Me parece que sou incapaz de ficar longe de você. E me parece, que você se machuca muito longe de mim.

Deu um passo e ficou muito próximo a mim. O polegar dele traçou uma linha no meu maxilar e por fim, fechei os olhos.

Era algo tão simples. Um toque no meu rosto. Porém, tinha um efeito tão avassalador, que parecia que ele tocava meu coração.

— O que aconteceu com você, Nicolle?

Abaixei o olhar. Eu não diria a verdade. E eu era péssima com mentiras, né?

— Caí. Na minha tentativa de rastejar pela casa, tropecei e bati o rosto na

cabeceira da cama.

Ele pegou meu rosto em suas mãos e levantou meu olhar à altura dos seus, que estavam de um verde mais intenso.

— Não gosto que você se machuque. Pode compreender isso?

Assenti e antes que conseguisse concluir qualquer raciocínio lógico, ele me abraçou. Encostou meu rosto no seu peito e me protegeu com as mãos. E ali estava eu, abraçando um estranho e me sentindo como se pela primeira vez na vida pertencesse a algum lugar. Eu me sentia protegida pela primeira vez na vida.

Eu não conseguia deixar de confessar.

— Preciso de você então. Parece que me machucar, tem sido meu hobby preferido.

— Vem? — Pegou na minha mão e me colocou dentro do carro.

Eu parecia uma criança, rindo igual boba e indo passear pela primeira vez na vida. Eu estava realmente feliz.

— Coloque o cinto — pediu quando deu partida — Vou deixá-la no serviço e te buscar à tarde. Então vamos jantar e conversar.

— Vamos conversar sobre o quê? — perguntei, gostando da ideia.

— Sobre você, Nicolle.

— E sobre você também? — rebati.

Queria saber tudo. Porque ele estava ali, porque queria cuidar de mim. Quem era ele?

— Não. Vamos falar sobre você — afirmou, sem deixar espaço para argumentos.

— E o que você mais gostaria de saber sobre mim hoje, Kauã? — perguntei olhando para ele.

— O que te faz feliz. Eu preciso saber o que te faz sorrir.

Com um nó na garganta, não respondi. Saí do carro e bati a porta.

— Eu saio às seis horas! — falei pelo vidro.

Recusei-me a responder. Mas eu sabia a resposta, sem pensar. O que me faria feliz hoje, seria ver o seu sorriso.

E soube, nesse instante, que tinha algo errado!



emocionais; físicas; ou sociais.
Se for amor, vai acontecer.

Trabalhar, eu trabalhei. Agora, me concentrar foi tarefa impossível.

Quando o expediente terminou, fui correndo ao banheiro ver o que conseguia fazer com minha aparência.

Soltei os cabelos, passei um batom nos lábios e agradei por ter um pó na bolsa. Alisei minha roupa e olhei para o espelho, analisando o resultado. Meu rosto estava em três cores agora: verde, roxo e o bege de pó. Meus cabelos estavam achatados como se tivessem passados a ferro. Minhas roupas estavam amassadas por um dia exaustivo de trabalho. Enfim, eu estava pronta se fosse para ir a um baile de Halloween.

Que droga! Me deu vontade de desistir, mas pelo que eu conhecia do Kauã, estaria me esperando na frente do portão da fábrica e não conseguiria fugir dele. Até porque eu não queria. Isso era bem contraditório. Bom, ele que tinha pedido para me ver, então teria que se contentar com isso.

De longe já o avistei. Deveriam fazer um retrato dele e colocar na praia de Copacabana. Com toda certeza, atrairia milhares de mulheres turistas só pra vê-lo. Era uma forma de empreendedorismo, sabe. Um banner gigante do senhor músculo, à frente um barzinho, servindo tequila à moda Kauã. E uma loja de souvenirs, todas as lembranças com as fotos dele.

Era um exagero! Eu sei. A doença já afetava meus neurônios.

Mas ele estava encostado no carro, com as penas sobrepostas, os braços cruzados e aquela camisa branca. Se eu fosse sua namorada, compraria uma camisa branca para cada dia da semana. Na cama seria camisa branca e cueca. Na praia, camisa branca e sunga. Nas festas, camisa branca e gravata borboleta.

— Nicolle, você está bem? — perguntou me olhando profundamente.

— Tendo pequenas vertigens, pensamentos indevidos e ideias malucas! — falei sorrindo — Efeitos colaterais dos medicamentos que tomei para o pé — completei.

Eu era uma verdadeira catástrofe perto dele. Olha o que eu estava dizendo.

— Posso saber o teor dos pensamentos indevidos?

— NÃO! — falei mais rápido do que o normal. — Coisas novas sobre trabalho.

— E o que no trabalho pode ser considerado um pensamento indevido se você não estiver dormindo com o chefe?

Fiquei pink!

— Coisas como, como... odiar seu chefe!

— Vamos fingir que eu acredito. Até você ir embora, descubro.

Abriu a porta do carro e fez sinal para que eu entrasse.

Assim que me sentei, ele me encarou antes de sair.

— Já te disseram que você conta mentira muito mal, Nicolle?

— Não, eu acho que não! — falei sendo sincera.

Sabia disso, mas ninguém precisou me dizer. Até porque, eu nunca contava mentiras antes de conhecê-lo.

— Então vou ser o primeiro a lhe explicar. Toda vez que você conta mentira — deu partida no carro e saímos, não sei para onde —, você pisca excessivamente, você gagueja e passa a mão pelos cabelos. Para completar, você abre a boca, como se buscasse palavras e elas saem em forma de frases mal formuladas.

— Não tinha prestado tanta atenção em mim, dessa forma. Me parece que em três dias, você já tem um diagnóstico da minha pessoa. Mais alguma coisa a acrescentar? — perguntei ironicamente.

— Várias coisas a acrescentar.

Mexeu no som e colocou uma música triste para tocar.

— Você sorri, mas seus olhos não. Tem alguma coisa por trás do seu olhar que eu ainda não decifrei, mas perpassa tristeza. Estou descobrindo ainda.

Estava perplexa. Ninguém sabia tanto sobre mim. E ele era um estranho. Olhei inconformada e sem conseguir pronunciar nenhuma palavra.

— Tem mais esse detalhe. É muito fácil te surpreender e te deixar sem palavras. E eu adoro fazer isso.

Eu o encarei em silêncio, até ele estacionar o carro em um restaurante que fica perto do trabalho. Nunca tinha ido lá.

Assim que adentramos o restaurante, escolheu uma mesa em um canto reservado. Puxou a cadeira para que me sentasse e se posicionou à minha frente. Tentei ficar relaxada e sorrir, mas estava difícil. Isso me parecia um encontro e eu nunca tive um encontro em toda a minha vida. Eu sei, não é normal para uma

garota de 21 anos.

Os diversos problemas da minha vida, juntando a minha timidez, a minha falta de amigos e dinheiro para sair, resultaram nessa aberração.

— O que você quer comer? — Kauã perguntou com o cardápio nas mãos.

— O que você escolher, eu como.

— Essa não é a resposta certa, Nicolle.

— Não?

Olhei confusa.

— Não. Você deve sempre ter suas escolhas, nunca se submeter a dos outros e isso começa desde a comida que você come — explicou autoritário.

— Gosto muito de massa. Pode pedir lasanha pra mim — respondi sem graça.

— Ei! Não fique triste! — falou percebendo que meu sorriso se apagara.

Era muito difícil compreender ele. Uma hora estava sendo gentil e no mesmo instante se tornava aquele delegado que me criticava.

— Não estou triste. Eu nunca fico triste.

Olhei para ele que sacudia a cabeça.

— Todo mundo fica triste e eu tenho o dom de fazer as pessoas se entristecerem.

Não dissemos mais uma palavra até que a comida não foi servida. O silêncio era constrangedor e ficava remoendo sobre seu dom de deixar as pessoas tristes. Será que ele era como meu pai? Porque ele sim tinha essa façanha.

Se tinha algo em mim que as pessoas sempre comentavam, era a facilidade com que eu sorria. Não tinha um dia sequer que eu não fazia isso. E se tinha uma coisa que meu pai sempre conseguia era apagar esse sorriso.

— Você não vai comer? — perguntou observando que eu mexia na comida e pouco ingeria.

— Não sou de comer muito.

Estava cada dia conseguindo me alimentar menos. Eu não tinha fome.

— Você não comeu nada. É diferente de não comer muito. Quer me contar o que anda acontecendo?

Ele me olhou preocupado e levou algumas garfadas à boca enquanto esperava minha resposta.

— Não tem nada acontecendo.

— Não acredito em você, já disse. Olha o que você está fazendo, mexendo no cabelo, abrindo e fechando a boca sem parar.

Que droga! Ele era muito observador.

Ele suspirou me tirando do devaneio.

— Vamos esclarecer algumas coisas. Isso é o quê?

Apontei para nós dois.

— Estamos em um restaurante, jantando.

— Jura? Achei que estivemos em um zoológico, dando comida para os bichos.

Soltei os ombros, desanimada.

— Você quer classificar o nosso jantar? Acho que podemos dizer que é um encontro.

Sorri. Isso mesmo, eu sorri feito uma idiota. Eu estava gostando de ter um encontro com um troglodita. Onde ficava minha lista, meu amor como dos livros? Ele passava bem longe.

Ele continuava sério. Nunca sorria. E ficava tão lindo quando fazia isso. Não que ele estivesse feio. Longe disso.

— Você tem encontros sempre?

Não seria mais uma na sua lista. Ou talvez eu nem seria uma. O pensamento me deixou triste. Estava com sérios problemas mentais, juro, não era normal ficar babando por alguém, como eu estava fazendo.

— Tenho encontros sempre. Mas eles não acontecem em restaurantes.

— Não? E onde você gosta que esses encontros aconteçam?

— Na minha cama — constatou satisfeito.

Sim, Nicolle, na cama dele, sua mula!

Revirei os olhos e senti meu rosto queimar.

— Você quer um encontro comigo na sua... sua...

— Cama, Nicolle — completou a frase — Acho que esse é o fim dos encontros. O restaurante é o meio para este fim.

Simples assim. Muito simples. A não ser pelo fato de que eu nunca tinha ido para cama com ninguém, Kauã era um estranho que conhecia há dois dias, era mais bruto que um cavalo e eu estava de calcinha bege. Constatei que a calcinha

era o maior problema. E não, não era fio dental. Estava mais para fita adesiva.

— Não vou para a cama com você, HOJE!

O hoje saiu com uma ênfase desnecessária. No entanto, seria um desperdício estar morrendo e não ir para cama com aquele homem.

— Eu sei — falou calmamente.

Estendendo sua mão na mesa, alcançou a minha e a apertou.

— Sabe? Mas este não é o meio para o fim?

— Seria. Se você fosse com todas as outras mulheres que saem comigo. E você não é. Hoje o que vamos fazer, vai ser trocar alguns beijos e abraços. Se você permitir, posso deslizar lentamente minha mão sobre a sua bunda, sutilmente.

Falou com um brilho nos lábios e o desenho de um pequeno sorriso malicioso no rosto. Eu tinha parado de respirar e suspirei. Eu suspirei!

Assenti um pouco insegura. Eu queria a sua mão na minha bunda? Neguei com a cabeça. Eu não sabia.

— Sim, ou não?

Ele me fitava esperando a resposta. Então soltou minha mão, se levantou e arrastou a cadeira, colocando ela do meu lado, sentando bem próximo a mim, colocou a mão no meu rosto e me fez olhar para ele.

— Você é muito tímida, Nicolle. Isso me deixa em uma situação difícil.

Desviei os olhos, frustrada. Sabia que conseguir um namorado seria difícil e decepcionar o meu par no primeiro encontro foi desanimador.

— Me desculpe. Não sei como agir e você pode me levar para casa agora. Não vou mais estragar sua noite.

Suas sobrancelhas se arquearam, obviamente tentando entender o que acabava de sugerir.

— Te deixei em uma situação difícil. Eu não sei como agir e estou estragando tudo... — expliquei.

Então, pela primeira vez, ele gargalhou.

Eu achei que morreria nesse momento. Quando ele o fez, seus olhos quase fecharam, seus dentes brancos e perfeitos ficaram visíveis, covinhas apareceram nas suas bochechas e o som? O som era perfeito.

Mesmo ele rindo de mim, eu estava gostando. Relembrando que eu estava

afetada mentalmente.

— Nicolle, a situação difícil que você me deixa, é pelo fato de que talvez não possa nunca mais me levantar dessa cadeira e tenhamos que transformar essa mesa em uma cama.

Enfim a ficha caiu. Eu era pior que aqueles orelhões antigos, que você tinha que dar um soco do lado para completar a ligação.

Eu não fiquei vermelha. Não tinha como ficar, já que estava pink. Tentei sorrir.

Ele se aproximou do meu rosto e deixou nossos lábios muito próximos. Senti seu perfume novamente e parei de respirar de novo. Talvez eu não morresse por conta da leucemia. Teria um infarto antes.

— Eu nunca sorrio. Antes de você, nunca encontrei motivos. Eu nunca sonhei com nenhuma mulher e tenho feito isso nos últimos três dias.

Seus lábios se encostaram aos meus, em um selinho delicado. E ali permaneceram. Nossas respirações estavam irregulares.

— Tudo que eu quero fazer é cuidar de você. Sorrir com você e sonhar com nós dois. E isso é algo novo, assim como tudo pra você. Eu sou virgem em relacionamentos, já há algum tempo.

Dessa vez, sem hesitar, ele me beijou. Seus lábios foram agressivos e sua língua pediu passagem para dentro da minha boca. Suspirei e me deixei ser abraçada por ele. Eu nunca tinha beijado. Mas descobri que gostaria de fazer isso todos os dias e horas que restavam da minha vida!



*e nosso eu mais verdadeiro se expoe.
Pensar muito torna o homem racional
e quem realmente bombeia a vida, fica esquecido.*

Ele me levou até em casa. Nenhuma palavra foi dita depois do beijo. Eu me recusei a abrir a boca e estragar o que tinha acontecido. Ele, por sua vez, parecia envolto em seus pensamentos.

— Espere! — Kauã segurou no meu braço quando coloquei a mão sobre a maçaneta do carro.

Com a mão na minha nuca, ele me puxou ao encontro da sua boca. Desta vez, fui eu que quase o agarrei. Agora eu sabia beijar e aproveitei o máximo que pude, explorando toda sua boca e acariciando seus cabelos.

Quando ninguém mais tinha fôlego, nos afastamos.

— Venho lhe buscar amanhã para o trabalho.

Mordi os lábios e assenti. Desci do carro e entrei em casa sorrindo. Estava incapaz de esconder minha alegria. Sem querer encontrar ninguém que pudesse desfazer o meu contentamento, fui direto para o quarto.

Joguei-me sobre a cama e fiquei sonhando com aqueles beijos. Sabia que era só um passatempo para o Kauã. Então, aproveitaria, porque até eu me apaixonar já não estaria nessa vida. Ninguém amava alguém tão rápido assim. Ou amava?

Dormi lembrando que o importante é que eu o veria no outro dia. E, é claro, sonhando com aqueles beijos.

Tentei levantar da cama no outro dia, mas foi impossível. Nunca tinha sentido tanta dor na vida. Chamei minha mãe e pedi que trouxesse algum analgésico. Eu não tinha condições de trabalhar.

O Kauã viria me buscar e desistiria de esperar. Será que ele voltaria amanhã? Fiquei triste ao pensar que não. No entanto, eu definitivamente não tinha condições nem de abrir o olho.

Afundi a cabeça no travesseiro e fiquei esperando a dor passar. O que demorou uma eternidade.

— Nick — minha mãe entrou no quarto me chamando —, tem um homem sentado na sala e diz que não sai de lá até você aparecer.

Em tempo recorde me levantei da cama e arregalei dois olhos, ficando parecida com um Tarsius, aquele bichinho de olhos arregalados que é

considerado um dos mais fofos do mundo. Eu tenho medo de ver fotos dele.

Enfim, será que era o meu Kauã? Ele já era meu? Eu estava apavorada, só podia ser isso.

— Mãe, esse homem se identificou?

Eu ia perguntar se ele era lindo e tinha muitos músculos. Achei que não pegaria bem.

— Ele se identificou como delegado de polícia e perguntou por você. Seu pai, imaginando que você tinha denunciado ele, saiu de fininho pela porta do fundo. Você não fez isso né, Nicolle? — ela perguntou preocupada.

— Não, mãe. O Kauã é apenas um amigo.

Não que eu nunca tivesse pensado em denunciar meu pai. Eu já tinha imaginado isso centenas de vezes. Faltava a coragem.

— Vá até lá e mande ele embora. Seu pai não vai gostar de ficar na rua.

Era um alerta e ela me olhou irritada, antes de sair do quarto. Passei um pente pelos cabelos rapidamente e fui correndo para a sala.

Kauã estava em pé, ao lado do sofá rasgado da minha sala. Fiquei envergonhada. Parceria ter uma boa condição de vida e a nossa casa era modesta e antiga.

— Gostei da roupa.

Foi seu primeiro comentário. Abaixei os olhos e só então reparei que estava de pijama! Especificamente um short curto e uma blusa de alças! Cor de rosa! De bolinhas azuis!

— Obrigada — falei envergonhada e com raiva. — Pode me dizer o que está fazendo aqui?

— Você não apareceu. Fiquei preocupado.

Ele ergueu as sobrancelhas para cima.

— Estava com dor de cabeça e só agora melhorei. — Respirei fundo.

— Me preocupei já que você não perdeu o trabalho, nem quando estava sem condições de andar — rebateu desconfiado — E dor de cabeça é uma desculpa muito comum. — Pendeu a cabeça e cruzou os braços — E está mexendo no cabelo e abrindo a boca sem parar.

Não estava mentindo. Só não estava dizendo toda a verdade.

— Estava com dificuldades para andar. Não impossibilitada. Agora hoje, eu

estava com uma dor insuportável e não tive condições de acordar. Amanhã explico no trabalho o que aconteceu.

— Será que podemos sair e conversar em outro lugar? — pediu.

— Qual o problema de conversarmos aqui?

Eu não queria conversar na minha casa. Só que me ofendi pelas possíveis motivações dele. Será que ele era tão importante que não poderia estar na casa de um pobre?

— As coisas que quero conversar e fazer com você não são muito apropriadas para o local.

Enrubesci de vergonha diante do comentário inadequado e sem vergonha dele.

Eu já tinha a lista mental do Kauã Músculo:

Arrogante;

Mal-humorado;

Lindo;

Especialista em deixar os seres mais bobos, vermelhos;

Lindo.

— Nicolle, você quer tocar meu peito?

Olhei confusa e saí do transe mental que estava. Só então me dei conta de que estava encarando seu peito.

Ahhh!!! Foco Nicolle, foco.

— Por que eu iria querer tocar no seu peito? — perguntei com desdém.

— Porque você não para de olhar para ele desde que cheguei.

Aquela era a última gota. Ele tinha me irritado.

— Você é um arrogante, prepotente e eu...

E eu fui interrompida por uma boca que tomou a minha em um beijo que me fez flutuar, ver estrelas.

Retribuí o beijo, inclinando a cabeça, abrindo mais a boca, tocando sua língua com a minha. Passei os braços por seu pescoço, enquanto ele curvava o corpo para se encaixar melhor no meu.

Aquilo me parecia tão indecente. E tão bom!

Quando ele parou o beijo, me encarou.

Eu me sobressaltei ao dar conta de que estava na sala da minha casa. Minha mãe poderia entrar a qualquer instante e ela não pensaria duas vezes, antes de contar para o meu pai. Aí sim, eu estaria perdida.

— Venho te buscar para jantar.

Ele piscou o olho e se foi, sem esperar minha resposta.

Que homem prepotente. Sorri feito boba e não reparei quando minha mãe entrou na sala.

— Você sabe que seu pai não vai aceitar você de namoros por aí, não é, Nicolle?

Meu sorriso já tinha ido para o espaço.

— Sei, mãe. Aqui em casa, tudo que se aceita é bebida e violência. Eu já aprendi. Pode ficar tranquila, não estou de namoricos. É apenas um amigo.

— Amigos como ele, não se misturam com pessoas como nós. Ele quer outras coisas com você.

— E daí? Se ele quiser, mãe, qual o problema? Eu sou adulta, trabalho e não peço nada pra vocês.

Ela me olhou arrependida.

— Você sabe que o seu pai não vai aceitar. Eu quero que você junte seu dinheiro e tenha sua vida, filha.

— Como vou juntar dinheiro se ele pega tudo que eu ganho, mãe? Só tem uma forma de sair dessa casa.

Se eu morresse. De repente, a realidade veio como um tapa na cara. Eu tinha uma vida para curtir. E tudo que eu tinha feito até agora era trabalhar e ficar em casa, cuidando da minha mãe e esperando meu pai voltar dos bares.

— E que forma é? — ela perguntou curiosa.

— Esquece, mãe. Vou para o quarto. Minha dor de cabeça está voltando.

Beijei o topo da sua cabeça e me enfiei no quarto o dia todo.

Quando meu pai chegou, começou a gritaria na sala. Eu teria que enfrentá-lo ou minha mãe apanharia por minha causa.

Corri para a sala e vooi em cima dele quando vi se aproximando dela.

— Para. Não encoste as mãos nela. O seu problema é comigo.

Ele se virou cheio de ódio. Não tinha nem um resquício de amor naquele homem. Nem quando ele estava sóbrio.

— Resolveu me denunciar, sua putinha? Vou te dar motivos para fazer isso agora.

Ele veio para cima de mim e coloquei meus braços na frente. Tentei segurar sua mão, mas ele facilmente pegou meu braço e torceu. Gritei de dor e tentei me defender com o pé.

— Quero que você suma dessa casa. Você tem dez minutos para pegar suas coisas e sumir daqui.

— Nicolau, não, você não pode fazer isso — minha mãe gritou desesperada. Ele me soltou e apontou o dedo para minha mãe.

— Se você não concorda, Carina, pode pegar as suas coisas e ir junto. Eu não vou tolerar um inimigo morando debaixo do mesmo teto que eu. Se ela quer correr para a polícia, pode sumir daqui.

Não tentei explicar que ele estava equivocado. Ele não me escutaria. Eu simplesmente me virei e fui para o meu quarto. Peguei uma sacola e coloquei minhas poucas coisas dentro. Olhei para o meu quarto e tentei buscar lembranças felizes dali para levar na memória. Não encontrei.

Na sala, minha mãe soluçava, sentada no sofá com as mãos no rosto. Coloquei minhas coisas no chão e me abaixei, abraçando ela.

— Não fique assim. Tudo vai terminar bem — falei tentando não chorar. Eu precisava acreditar nisso.

— Você não tem para onde ir, Nick, pra onde você vai?

— Não sei mãe, mas me viro.

Ela enfiou a mão no bolso do avental que usava e tirou um bolinho de dinheiro.

— Pegue isso. — Ela abriu minha mão e colocou o dinheiro. — Você vai precisar.

— Você não tem dinheiro. Ele vai te matar se descobrir.

— Ele não vai descobrir — me garantiu.

— Mãe, vem comigo? — pedi com lágrimas nos olhos.

— Não posso. Ele é meu marido.

Ela o amava. Não precisava dizer, eu sabia. Só não compreendia.

Peguei o dinheiro e guardei no bolso. Pendurei a sacola no braço e saí. Sem olhar para trás, levando meus poucos pertences e cicatrizes por todo o corpo.

Enfim, estava sozinha.



*Ela pode te ferir para o resto da vida,
ou então te fazer amar...
e se sentir tão amado...*

Já estava escurecendo quando coloquei os pés para fora de casa. Decidi esperar o Kauã. Se ele não me encontrasse, entraria na casa e aí sim minha mãe teria sérios problemas.

Encostei-me ao muro e esperei por cerca de uma hora. Eu me sentia cansada fisicamente e emocionalmente. Nem ver o senhor músculo estava me animando. Além de o meu braço estar doendo e eu não conseguir movimentá-lo. Eu tinha a leve impressão de que meu pai tinha deslocado meu ombro.

Quando o carro dele parou na minha frente, nem esperei ele vir abrir a porta. Já abri e sentei. Eu precisava sentar urgente!

— Isso tudo é saudade?

Kauã me abraçou e desejei ficar ali para o resto dos meus poucos dias. Dei um pulo quando ele se apertou demais no abraço e meu braço doeu feito um inferno.

— O que houve? — perguntou se afastando.

— Acho que machuquei o braço no mesmo dia que machuquei o pé. Eu não tinha percebido e ontem começou a doer.

Se afastando, pegou no meu rosto e engoli o choro. Eu estava em cacos.

— Impossível que você não tenha percebido. Deixe-me ver.

— Não! Já está melhor.

Ele me olhou preocupado e acariciou meu rosto.

Assenti incapaz de falar sem chorar.

— Quer ficar em casa? Se você ainda estiver com muita dor, eu vou compreender.

— Não... Por favor, eu quero muito sair com você!

Eu preciso de você.

— Vou te levar em um restaurante incrível.

Ele me soltou e saiu com o carro.

Fiquei em silêncio, pensando em tudo que tinha acontecido. Como iria me sustentar e ainda doente? Não tinha nem onde dormir essa noite. Com o dinheiro

que minha mãe deu, eu pagaria um hotel e amanhã decidiria o que fazer.

O lugar que ele estava me levando era longe. Ele dirigiu por quase uma hora e estacionou em frente a um lago.

Desci do carro e esperei ele dar a volta.

— Aqui se faz a melhor comida italiana do Rio de Janeiro. Você vai adorar.

— Claro! — concordei.

Ele tocou meus cabelos bagunçados, colocando uma mecha atrás da minha orelha.

— Você não está bem. Não sorriu ainda. Eu amo seus sorrisos. Quer me contar o que está acontecendo? Seja o que for, vou te ajudar.

— Me desculpe, Kauã. Eu não estou em um bom dia. É só isso. Se você quiser outra companhia, pode me deixar aqui mesmo. Eu pego um táxi e vou para casa.

Eu só não tinha dinheiro para pagar o táxi e nem casa. Pequenos detalhes!

Ele franziu os lábios e se aproximou, me deixando sem fôlego diante do seu perfume. Eu não precisava de mais nada. Aquilo já era suficiente para me fazer sorrir.

Encostou sua boca na minha orelha e sussurrou:

— Tudo que eu quero está com você e se você não vai sorrir, posso tentar te fazer gemer.

Uau! Ele era rápido no que fazia e bom. Muito bom.

Minhas pernas viraram gelatinas e já abri a boca, esperando seu beijo, que veio sem demora. Soltei um gemido quando seus dedos começaram a se movimentar em círculos nas minhas costas.

— Está se sentindo melhor? — Suas mãos desceram um pouco mais e ficaram perigosamente perto da minha bunda.

A notícia boa é que eu não estava de calcinha bege. Hoje, era branca. Sem graça também, mas melhor que bege.

— Estou ótima.

— Então vamos jantar. Ou então, as coisas podem se complicar aqui na rua.

Ele entrelaçou seus dedos nos meus, se atentando a pegar do lado que não estava machucado no meu braço e saímos rumo ao restaurante.

O lugar era incrível. Fomos levados para uma mesa em cima de um tablado

sobre o lago. O ambiente estava iluminado por pequenas luminárias no chão e em cima de cada mesa tinha arranjos de rosas vermelhas.

Um jantar ali com certeza custaria mais que meu salário de um mês. Eu estava quase pedindo o dinheiro para o Kauã ao invés do jantar. Óbvio que eu não faria isso. Foi só um pensamento de alguém desesperado.

— Como eu percebi que você gosta de massa, foi fácil escolher o que te agradaria.

— Adorei — falei sem entusiasmo.

Por mais que eu estivesse feliz com sua companhia, os problemas me atropelavam e a ideia de não ter onde dormir, não era muito legal.

— Nicolle, olha pra mim — e falou sério. Na verdade ele sempre estava sério. — Sua mãe, quando entrei na sua casa, reparei que estava com o olho roxo. Como foi que ela adquiriu aquilo?

Ele me olhava sem piscar os olhos.

— Ela é desastrada como eu e caiu enquanto lavava a cozinha.

Fiz todo o esforço do mundo e não coloquei a mão no cabelo, não gaguejei e fechei a boca assim que terminei de pronunciar a frase. Saí-me muito bem.

— E seu pai, mora com vocês? Você tem irmãos?

Ele estava me interrogando. Lembrando de que não estávamos na delegacia.

— Eu não tenho pai. — Tinha um homem que doou seu material genético. Ele não era um pai. — E não tenho irmãos.

— Quando eu te conheci, lembro-me de ter comentado ser um dos melhores delegados do Rio e minha especialidade é ajudar a desvendar grandes mistérios. Lembro-me também de você comentar que seu pai não pagaria por seu resgate.

Ele me encarava com um vinco enorme entre as sobrancelhas.

— Lembro vagamente sobre isso. Não sei o motivo de você me lembrar disso.

— Não acreditei em nada do que você me disse. E acabei de descobrir que mesmo você tentando fingir que não está mentindo, seus olhos piscam em excesso quando você mente.

Arregalei os olhos e tive vontade de gritar de raiva. Como alguém podia me conhecer a ponto de me ver por dentro?

— Não pare de piscar, seus olhos estão ficando vermelhos.

Eu que achei que tudo já estava ruim o suficiente, tinha alguém querendo me irritar ainda mais. Um garçom se aproximou e colocou vinho nas duas taças que estavam sobre a mesa.

— Trouxe o de sempre, senhor. A comida vai ser a mesma?

— Não escolhemos ainda. Por enquanto só o vinho.

Ele assentiu e se afastou.

— Me fale sobre seus pais, Kauã. Você tem irmãos? Conte um pouquinho sobre sua família também.

Encostei-me à cadeira e coloquei a mão no queixo, esperando sua resposta. Se ele queria xeretar a minha vida, eu também sabia ser impertinente.

— Não falo sobre mim — ele respondeu secamente.

Simples assim. “Não falo sobre mim”.

— Então temos coisas em comuns. Também não falo sobre mim — rebati

Continuei olhando-o sem medo. Eu acho que ele esperava me intimidar. Acontece que nem a morte me intimidava mais.

— Não são perguntas, Nicolle. São ordens.

Meu Deus dos homens imbecis! Eu abri a boca incapaz de assimilar tanta estupidez.

— Acontece que você não manda em mim.

Ele se serviu de vinho e me olhou intensamente.

— Vou deixar você pensar o que quiser. As coisas são mais claras para mim do que parece a você. Se eu me encostar em você agora, tirar os cabelos da sua nuca e depositar um único beijo ali, você vai me contar até as senhas dos seus cartões.

Olhei incrédula e só duvidei do que ele dizia, porque eu não tinha cartão de crédito.

— Então é assim que você faz os seus interrogatórios e se torna o grande investigador?

—Não, Nicolle. Você é minha exceção.

Meus olhos só conseguiam focalizar seus lábios e minha mente só conseguia imaginar os mesmo encostando-se à minha nuca. Droga! Não que seus lábios fossem perfeitos. Eles eram cheios... e vermelhos... carnudos. Eram horríveis!

Ele se serviu do vinho e por Deus, parei de respirar. Incapaz de continuar

raciocinando e com uma raiva enorme da minha pessoa, me levantei e comuniquei:

— Esse jantar se encerra aqui. Você me irrita, Kauã!

— Senta, Nicolle. — Eu nunca tinha reparado. Meu nome soava lindo nos seus lábios e ele adorava repeti-lo incansavelmente. — Nem começamos a jantar e tenho uma surpresa para a sobremesa.

Só porque eu amava doces, resolvi obedecer.

— Não pense que manda em mim. Se fizer mais alguma pergunta que eu não desejo responder, saia daqui e você nunca mais me encontra.

Seu olhar suavizou.

— Me desculpe. A minha intenção não é te deixar nervosa. Eu me preocupo com você e isso é tudo.

Virei o rosto para o lado, emocionada. Era uma sensação nova ter alguém cuidando de mim.

— Será que podemos pedir, você precisa comer? — falou fazendo sinal para o garçom.

Pedi lasanha e ele escolheu uma massa que eu não sabia pronunciar o nome.

— Quer dançar enquanto esperamos?

— Adoraria.

Abri um sorriso, incapaz de conter minha alegria. Eu amava dançar e sempre fazia isso no quarto, sozinha.

Ele se levantou e estendeu a mão. Eu me levantei e fui conduzida até o canto do restaurante onde tinha uma pequena pista de dança montada.

— Não vou encostar-me ao seu braço. Tudo bem? — comunicou percebendo meu receio quando ele foi me abraçar.

— Tudo. Com você, tudo bem.

Passou o braço por minha cintura e colocou seu corpo no meu. Encostei meu rosto em seu peito e ficamos ali, conectados por uma música que eu conhecia e amava.

QUANTAS VEZES TENTEI, JÁ CAÍ LEVANTEI.
É VOCÊ QUE ME MANTÉM DE PÉ.
NÃO PRECISO GRITAR, VOCÊ VEM ME SALVAR.

VOCÊ SENTE QUANDO EU VOU CHORAR.
NÃO SEI SE É SER HUMANO OU SE É UM ANJO...¹

Ele era muito mais alto do que eu e apoiou seu queixo na minha cabeça.

— Acho que você é um anjo que veio devolver a alegria da minha vida — sussurrou.

Eu não aguentei. Sem que ele visse, deixei as lágrimas rolares por meu rosto. Não tinha ideia do quanto aquelas palavras acalmavam meu coração. Depois de você se sentir um estorvo e inútil para o resto do mundo, aquelas palavras fizeram meu coração se encher de uma emoção que eu nunca tinha sentido na vida.

— Você está chorando?

O senhor anjo músculo, tinha percebido.

Ele se afastou e pegou meu rosto entre as mãos. Limpei as lágrimas com as costas das mãos, envergonhada.

— Estou bem. Foi só um mosquito que entrou por azar nos dois olhos.

— O mesmo mosquito?

— Isso... ele entrou em um olho e depois no outro...

Ele me beijou. Carinhosamente e em seguida saiu deixando um rastro de beijos por todas as minhas lágrimas que ainda insistiam em cair.

— Não vou discutir sobre sua péssima habilidade em mentir. Hoje eu só vou cuidar de você e quem sabe, até o final da noite ganho seu sorriso?

Não precisava chegar até o final da noite. Eu olhei para ele e sorri. Eu acho que faria qualquer coisa que ele me pedisse nesse momento.

Que sentimento seria esse, que me fazia lamentar não poder viver eternamente?

¹ Música de Matheus e Kauã — ser humano ou anjo



*e dois corações confusos.
Suficientes para fazer alguém amar.*

Dançamos até o garçom chegar e nos avisar que a comida estava servida. Quando peguei os talheres nas mãos, percebi que não conseguia comer com a mão direita. Era o braço machucado e não conseguia movimentá-lo muito bem.

Tentei com esforço erguer o braço e levar o garfo até o prato. Jesus, doía demais!

Se eu não mexesse o braço, tudo ótimo. Era só pensar em levantá-lo que a coisa ficava feia. Discretamente, peguei o garfo com mão esquerda. Existem tantos canhotos no mundo. Não deveria ser tão difícil.

O Kauã me olhou enquanto levava uma garfada de comida à boca.

Sorri. Estava tudo certo.

O que estava errado era o queijo que resolveu brigar com minha mão esquerda. Entramos em uma luta por alguns instantes, até que o garfo desistiu e se rendeu, caindo no chão.

Arg! Que raiva.

Kauã me olhou, me olhou, olhou para o chão, me olhou de novo e arrastou sua cadeira, encostando-se em mim.

— É o seu braço? — Assenti, envergonhada. — Vamos resolver isso.

Surpreendendo-me, pegou seu garfo e começou a colocar comida na minha boca. Esse é o momento que um coro e babadores são distribuídos.

— Obrigada.

— Me agradeça por coisas que eu farei com você mais tarde.

Enrubesci. Eu queria embrulhá-lo para presente e colocar em exposição. Ele era a perfeição mais cheia de defeitos que eu conhecia.

Conforme o final do jantar se aproximava, minha preocupação aumentava. Assim que pagou a conta nos levantamos para ir embora. Decidi começar a agir.

— Kauã, vou chamar um táxi se você não se importar. Vou para a casa de uma amiga. Minha casa foi dedetizada hoje e minha mãe foi dormir na vizinha. Não tinha lugar pra mim e eu vou dormir na casa dessa amiga. Ela é muito amiga e vai me hospedar. A casa dela é gigante...

— Nicolle, para! Eu quero a verdade.

Não era um pedido. Era uma ordem. Estava zangado.

— Briguei com meu pai. Tenho um pai. E ele não me quer mais na casa dele. Vou ficar em algum hotel.

Senti um alívio ao confessar.

— Não precisava ter medo — murmurou.

— Não estou com medo.

Eu estou apavorada. Sorri para garantir que não. Kauã se afastou e me olhou no rosto.

— Não? Você é incrível. Eu sei que você está sofrendo por várias coisas que não quer me dizer. Mesmo assim está sorrindo. Vou cuidar de você hoje.

As palavras me fizeram voltar a respirar e Kauã me abraçou. Foi um abraço tão apertado que mostrou, sem palavras, que tinha alguém por mim.

— Vem?

Ele abriu a porta do carro e me ergueu como uma criança, me colocando sentada.

— Moro aqui perto — me avisou.

— Tá bom — concordei.

Ele poderia morar na China. Estava ótimo.

Quando chegamos, descobri que ele morava em um apartamento. Estacionou o carro e entramos no elevador.

Nada foi dito. Como se os pensamentos dele também estivessem confusos. Quando ele abriu a porta, eu me senti perdida. Em pé, na sala que me lembrava das casas de revistas, sem saber onde colocar os próprios braços.

Ele fez o que me pareceu ser sua rotina. Colocou as chaves em cima de uma mesa e começou a tirar a camisa. Engoli diante da visão.

Ele parecia não se importar.

— Você quer beber algo? — perguntou com frieza.

— Não. Estou bem .

Preciso de balões de oxigênio. Precisava de ar para lidar com tantos músculos reunidos em um único abdômen.

Por um momento fiquei com medo de que meus joelhos fraquejassem quando ele se aproximou e me encarou.

— Já está pronta para perder o fôlego ou realmente não quer beber nada?

Passei a língua pelos lábios secos e engoli com dificuldade. Ele esperava uma resposta?

Não, já que no próximo segundo seus lábios estavam explorando os meus. O calor aumentou absurdamente e suas mãos começaram a explorar minha cintura, minhas costas e por Deus, minha bunda.

Paralisei quando ele fez menção de levantar minha blusa. Parou o beijo para me encarar.

— Quer esperar, não é?

— Acho que sim... eu...

Eu estava apavorada e com medo de que ele me visse como uma idiota.

— Nicolle, isso é a coisa mais difícil que vou fazer na vida. E o mais engraçado e intrigante é que quero fazer por você. Tem alguma coisa errada entre a gente.

Levantei os olhos para ele, ainda envergonhada e muito surpresa por suas palavras.

— Nunca fiz isso... — falei por fim

— Eu sei — falou sem pestanejar.

— Estou confusa, com medo.

— Também sei — ele falou. — Também sei que tudo que precisa hoje é que cuidem de você. Vou fazer isso.

Mordi o lábio. Eu queria era morder ele.

— Nicolle, vou te dar um banho e cuidar do seu braço.

Primeiro pensamento lógico foi que eu adorava o “Nicolle” que saía da sua boca. O segundo foi que ele cuidaria do meu braço e isso era bom. O terceiro não tinha lógica, já que as pessoas tomavam banho sem roupa. Eu e ele, sem roupa. Não tinha lógica no mundo para explicar o meu constrangimento e o meu desejo.

Ele pegou minha mão e foi me puxando delicadamente para dentro de um quarto, que devia ser o seu. Continuou e abriu mais uma porta, dando acesso a um banheiro magnífico com uma banheira maior que a piscina dos meus vizinhos.

Sem dizer uma palavra, ele me soltou e foi ligar a água da banheira. Enquanto enchia, pegou alguns sais e despejou dentro. Um cheiro suave de rosas subiu no ar e a espuma espessa começou a se formar.

— Tire toda sua roupa e entre na água. Eu já venho te ajudar.

E saiu. Simples assim. “Tire a sua roupa” e pronto. Eu morreria de infarto, com toda a certeza. Mas quem era eu para desobedecer aquele delegado?

Quando entrei e senti a água quente tocar meu corpo, deixei um suspiro escapar lá da minha alma. Eu nunca tinha entrado em uma banheira e a sensação era incrível.

Um som baixo começou a tocar dentro do banheiro e reparei que tinha caixas de som embutidas no teto.

— Que coisa chique, Nicolle. Agora só falta a garrafa de champanhe, os morangos e o delegado bonito. Você será a perfeita encarnação do glamour — falei para mim mesma e sorri.

— Não seja por isso, Nicolle.

Dei um pulo e olhei para a porta. O Kauã estava entrando, só de cueca. Atente-se a isso, só de CUECA, segurando um champanhe e uma taça em uma das mãos e na outra, um pote cheio de morangos.

Fui à questão em milésimos de segundos, da cor branca à vermelha e da vermelha à pink.

— Era... era brincadeira — falei com dificuldade.

— Dizem que toda brincadeira tem um pingo de verdade. Espero que a parte do delegado bonito seja verdade. É verdade, Nicolle?

Ele me lançou um olhar provocador e eu? Suspirei, feito boba.

— Essa era a única parte da brincadeira que era mentira.

Ele gargalhou alto. Filho da mãe, convencido.

— Então pare de mexer no cabelo e abrir a boca sem parar. Vai acabar engolindo espuma.

Kauã colocou as coisas que segurava na borda da banheira e calmamente entrou, sentando de frente para mim, sem tocar meu corpo.

Agradei imensamente o inventor dos sais de banho que faziam espumas.

Ele levantou os olhos e me estudou, por mais de um minuto. Quase não conseguia respirar.

— Vire de costas, quero massagear suas costas e seus braços — ordenou. Mesmo quando pedia carinhosamente, parecia dar uma ordem.

Obedeci.

Consegui me virar sem levantar ou tocar nele.

Senti seus dedos tocando meus cabelos e os puxando para o lado do pescoço. Em seguida, dedos macios começaram a massagear meu pescoço.

Estava em uma posição esquisita. Se ficasse totalmente deitada, ele não conseguiria ter acesso às minhas costas. Se sentasse, meus peitos ficariam para fora da espuma. Então optei pelo meio termo, o que não deixava minha bunda em uma posição confortável.

— Pode se sentar, eu não vou olhar seus peitos. Apesar de desejar fazer muitas coisas com eles! — falou como se lesse meu pensamento.

Obedeci. Parece-me que era o que mais eu vinha fazendo. Obedecendo.

Quando ele tocou no meu braço machucado, gemi. Ele depositou um beijo no meu ombro e continuou. A junção dos seus movimentos com a água quente provocou um alívio imediato.

Kauã sabia como cuidar das minhas feridas. Será que ele sabia como não abri-las também?

— Não consigo mais! — sussurrou no meu ouvido.

Seus lábios começaram a trilhar minha nuca e suas mãos por fim, chegaram até meus peitos.

Gemi quando o senti encostando-se a mim.

Aquilo seria minha perdição e meu fim. Até que para alguém prestes a morrer, o meu fim era delicioso!



*pode nao dizer nada.
Um abraço já diz tudo,
porque ele sabe exatamente a hora de te abraçar
e a hora de dizer alguma coisa.*

— Me desculpe? — sussurrou, se afastando — Não estou sabendo direito lidar com você. Termine seu banho, sua sacola de roupa está em cima da pia.

Ele se levantou e saiu em disparada do banheiro, deixando um rastro de água pelo chão. Estava envergonhada demais para responder alguma coisa. Como ele saberia lidar com uma garota que caiu de paraquedas no seu mundo e ingênua ao ponto de congelar sobre o seu toque?

Decidi que aquilo acabaria assim que o dia amanhecesse. Ninguém era obrigado a cuidar de mim e assumir responsabilidades que não eram suas.

Terminei meu banho, me demorando mais do que o necessário, na tentativa de organizar meus pensamentos. Aquela Nicolle vítima ia terminar hoje. Eu colocaria rédeas na minha vida.

Vesti o meu pijama que o Kauã já conhecia e saí do banheiro sem saber o que me aguardava.

O encontrei sentado na cama, me olhando.

Desviei o olhar, incapaz de lidar com a intensidade dos seus olhos.

— Vem aqui? — pediu batendo a mão na cama.

— Preferia ir embora. — Fui sincera. Nada era mais humilhante que toda a situação. Você estar de favor na casa de um homem que desejava coisas que você não estava preparada para fazer, mesmo desejando isso ardentemente.

— Amanhã. Hoje você não sai daqui.

Ele se pôs de pé e ficou em silêncio com o rosto crispado.

— Você não é obrigado a cuidar de mim, Kauã. Sei que me trouxe para sua casa com outras intenções.

— E quais são as minhas intenções? Você parece me conhecer bem... — falou irritado.

— Me levar para a cama. Essas são suas intenções — rebati já me irritando
Não era idiota.

— Se eu quisesse só fazer sexo com você, já teria feito lá no banheiro e você teria cedido. Com isso, não tente fazer interpretações minhas se você não me

conhece.

Franzi a testa. Eu queria que o senhor músculo fosse mais normal ou será que a anormal era eu?

— O que devo fazer agora? — perguntei.

Estava em um quarto, com um estranho, parecendo uma idiota e me comportando como tal.

— Agora nós vamos dormir. Deite na cama, Nicolle — disse calmamente.

— Qual cama?

— Só estou vendo uma cama nesse quarto. A minha cama.

— E você vai deitar comigo? — perguntei curiosa.

A pior parte é que eu desejava que sim. Qual seria o CID para bipolaridade, porque eu me descreveria nele com toda certeza.

— No chão é que não vou dormir!

Ergueu a sobrelhaça parecendo tão óbvia sua constatação!

Eu e ele. Na mesma cama. Sem sexo. Revirei essas palavras na minha cabeça várias vezes. Não sei o porquê, mas me pareceu que não daria certo. Só que eu não teimaria com ele que já estava prestes a berrar comigo, me olhando irritado.

Caminhei até a cama e fiquei em dúvida sobre o lado que deitaria. Acabei optando pelo lado esquerdo. Encolhi-me e abracei minhas pernas. Fechei os olhos e como uma boa moça, eu não ousei nem respirar.

Escutei sua movimentação no quarto e percebi quando a luz se apagou. Senti o colchão se movimentar quando ele deitou e paralisei quando ele se aproximou e me abraçou por trás, depositando um beijo carinhoso nos meus cabelos.

— Hoje eu só quero cuidar de você. Me diz que está tudo bem agora? — pediu como se aquilo tivesse importância vital na sua vida.

— Sim... — sussurrei. — Melhor que nunca.

E aquilo era verdade. Eu me sentia protegida, me sentia amada, mesmo sabendo que isso não era verdade.

Lágrimas de alívio atingiram meus olhos. Eu tinha onde dormir, tinha alguém para me abraçar e tinha alguém para amar. Mesmo que isso durasse só até o amanhecer, me parecia mais do que tive a vida inteira.

Adormeci, apoiada em seus braços.



— Nicolle, você tem que acordar, baby?

Escutei a voz mais linda do mundo me chamando. Fingi continuar dormindo, só para escutá-la de novo.

— Nicolle, você tem que ir trabalhar e eu também.

Abri os olhos e me deparei com aquele rosto perfeito.

— Já vou. Acenda a luz, por favor.

Sempre precisei de luz nos olhos para despertar. Definitivamente, era uma aberração. Kauã prontamente me atendeu.

— O que é isso? — perguntou assustado olhando meu nariz.

Passei os dedos, que saíram encharcados de sangue. Eu me assustei também, porém não demonstrei. Olhei para o travesseiro e constatei que ele estava com manchas vermelhas.

— Por Deus, você está sangrando!?

Parecia apavorado e se levantou correndo, pegando uma toalha no guarda-roupa e voltando para me socorrer. A pressão exercida pela toalha no meu nariz foi tanta, que ele estava me sufocando.

— Kauã, se acalme. Eu preciso respirar. É normal com esse calor acontecer isso! — falei.

Eu me desvencilhei dos seus braços e fui até o banheiro.

Lavei o rosto e me olhei no espelho. Quantos dias mais eu viveria? Faltavam alguns dias ainda para ser atendida pelo médico. Suspeitava que a demora não ajudasse.

Virei-me e deparei com ele parado na porta.

— Quero levá-la ao médico, vou ligar na delegacia e avisar que vou me atrasar.

— Não preciso de um médico e estou atrasada para o trabalho.

— Você está doente, não consegue perceber isso? — gritou.

Ops! Ele estava gritando comigo. Opção errada. Eu odiava meu pai por isso. Juntei minhas coisas que estavam no banheiro e passei na porta, atropelando ele. Sem me importar, entrei no quarto, tirei o pijama e vesti uma calça e uma blusa. Eu não raciocinava direito quando estava irritada.

— Onde você pensa que vai? — perguntou.

— Vou para o trabalho e você para a puta que pariu! — berrei.

Saí apressada e fui impedida por uma mão que segurou meu braço. E tudo que pude pensar é que não tinha pegado no meu braço machucado. Ele se lembrava. Achei fofo. Só achei e achar não era problema.

O problema era a vontade que estava de beijá-lo.

— Você é a pessoa mais inconsequente que conheço!

— E você é o mais chato e mal-humorado da face da terra! — rebati.

Ele sacudiu a cabeça, estendendo a mão e afastando uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Sinto coisas por você e elas me fazem querer te ver bem, não pode compreender isso?

Avaliei-o por um tempo, pensado na resposta que daria para aquela pergunta confusa.

— Essas coisas que você sente aí, são processadas em qual cabeça?

Eu precisava saber, afinal. Precisou de um momento para entender e fez a coisa mais inesperada da vida: gargalhou.

— Você é incrível. A garota mais surpreendente que já conheci. E você me faz sorrir, Nicolle. Eu tinha esquecido como isso era bom.

— Então, não grite mais comigo. Essa é a pior opção para se manter perto de mim. Eu sei me cuidar sozinha. E só foi um pouco de sangue do nariz.

Olhei para um relógio que brilhava em neons azuis em cima da mesa do quarto e levei um susto. Eu me atrasaria se não voasse.

— Ai, meu Deus, estou atrasada. Você pode me levar para o trabalho? Não vai dar tempo de pegar ônibus!

Fingiu não me escutar e me encostando à parede, beijou minha boca, com paixão e intensidade.

— Vou me trocar. Me espere um minuto? — falou enquanto eu ainda tentava recuperar o fôlego.

Descobri um pequeno lavabo perto na sala e corri para dar uma ajeitada nos cabelos. Eu parecia uma... uma... sei lá. Estava estranha, descabelada, pálida.

Quando ele voltou, perfeito em sua camisa branca, suspirei sem querer.

— Quer me beijar novamente? — perguntou maliciosamente.

Neguei com a cabeça. Se eu o beijasse novamente, estaria perdida.

— Não posso me atrasar, Kauã.

— Não vou deixá-la se atrasar.

Cumpriu sua promessa quando dez para as oito da manhã ele estacionou em frente à fábrica.

— Tchau! — falei e abri a porta.

— Espere... — segurou meu braço. — Sobre aquela pergunta, a resposta é as duas.

Olhei confusa, sem entender. Quando a ficha caiu, fiquei tão constrangida, que perdi a fala.

— As coisas que sinto são processadas nas minhas duas cabeças — completou.

Desci do carro sem dizer nada e quando o carro se afastou, ri tanto que lágrimas escorreram dos meus olhos.

Estava, por fim, me tornando uma delinquente com aquele homem e compreendi que poderia ter a felicidade que sempre me foi privada. Nem que fosse para ter uma vida em alguns dias. Agarraria aquela oportunidade com todo o meu coração e com as minhas mãos, claro. Eu necessitava colocá-las no senhor músculos.



Meu supervisor já me chamou no escritório assim que pisei na fábrica. Mais uma falta, ou atraso e eu estaria na rua. Engraçado que nem isso tirou meu bom humor. Trabalhei com o cansaço no corpo que vinha sentindo há alguns dias, mas trabalhei feliz.

Quando o expediente acabou, saí quase correndo e já me imaginei pulando nos braços do Kauã, como naquelas cenas de filmes românticos. O romantismo se perdeu quando não o encontrei. Ele, com certeza, atrasou-se.

Tinha um ponto de ônibus ao lado da fábrica. Sentei-me lá e esperei.

Uma hora.

Duas horas.

Quatro horas.

Ele não apareceu. Meu coração se encheu de dor e tristeza. Então essa era a forma dele dizer tchau. Covarde, filho da mãe!

Triste e desiludida entrei no primeiro ônibus que passou e fiquei vagando sem rumo pela cidade, sem saber onde descer. Encostei a cabeça no vidro e deixei que as lágrimas viessem. Estar doente era uma barra, mas estar sozinha era muito pior. Nem minhas roupas eu tinha. Deixei tudo no apartamento dele. Só estava com meus documentos e o pouco de dinheiro que minha mãe tinha me dado.

Cansada demais, acabei descendo perto do trabalho quando o ônibus retornou ao ponto e me hospedei em um hotel horroroso, mas que tinha uma diária acessível ao meu bolso. Não dormi bem e antes que o dia amanhecesse, fui até um supermercado vinte e quatro horas, comprei alguns produtos de higiene e uma troca de roupa. Meu dinheiro já estava pela metade.

Voltei para o hotel e me troquei para o trabalho. Como não era muito longe da fábrica e faltava quase uma hora para entrar no trabalho, decidi ir a pé.

Gelei, quando avistei de longe o carro do Kauã parado. Estava encostado na porta olhando para o portão da fábrica. Será que a consciência pesou e veio verificar se a obra de caridade dele estava viva?

Idiota! E lindo! E de camisa branca!

Ahhh, como você é trouxa, Nicolle.

Não daria esse gostinho para ele. Esse cara não me veria. Fiz um desvio e

fui para os fundos do galpão. Tinha uma entrada lá para carga e descarga.

Entrei por lá. Sorri ao imaginar a cara de bobo dele depois de me esperar horas e não me ver. Afinal, chumbo trocado não dói.

— Oi, Nicolle! — escutei alguém me chamado.

Virei e dei de cara com Leandro.

— Oi? — respondi sem muito entusiasmo.

Leandro trabalha no escritório da fábrica e já tinha me chamado várias vezes para sair. Nunca aceitei. Não sei o porquê.

— Essa semana você tem compromisso também? — perguntou sorrindo.

Eu sempre inventava uma desculpa.

Uma vez, não tinha mais o que falar e matei uma tia. Que Deus me perdoasse por aquilo. Nem tinha tias. No outro dia, me mandou um buquê de flores e as condolências.

Fiquei com a consciência pesada por uma semana.

— Não. Eu só tenho um compromisso, mas não tem dia marcado ainda.

Eu tinha compromisso com a morte. Isso era um pouco macabro, eu sei!

— Quer sair para jantar comigo amanhã?

Poderia matar outro parente. Poderia ir para o hospital. Poderia dizer centenas de coisas. Mas meu coração queria revanche. Queria vingança, contra o senhor musculoso idiota!

— Vou adorar! — respondi abrindo um sorriso que definitivamente não era meu.

— Me passa seu endereço? Vou te buscar.

Ops! Como dizer seu endereço se você não tem onde morar?

— Eu... me diz onde vamos, que chego lá. Eu tenho coisas para fazer na cidade e depois vou direto.

Se o Kauã estivesse aqui já diria “Nicolle, quero a verdade.”

Estava gaguejando e passando as mãos pelo cabelo feito uma idiota. E o pior era saber que perseguia meus pensamentos. Que droga!

— Me diz seu telefone que te mando o endereço por WhatsApp!

Ah. Eu também não tinha telefone.

— Anota em um papel pra mim? Não sei meu telefone de cabeça e esqueci

ele em casa.

Sorri, provavelmente já vermelha, tentando ser simpática e quase me arrependi de ter aceitado o convite.

— Estou sem papel e caneta aqui. Até à tarde te procuro e te entrego! — Se despediu e fui trabalhar totalmente sem estímulo.

Meu corpo doía no mesmo ritmo que meu coração.

Não fazia nem uma hora que estávamos trabalhando, quando foi anunciado nos alto-falantes, que todos os funcionários da produção se dirigissem para o galpão de reuniões. Com toda certeza ouviríamos a mesma história de sempre. Que a empresa precisava produzir mais e quem não correspondesse ao esperado estaria sendo observado. Só não falavam sobre a falta de funcionários, já que mandaram vários embora, e sobre a sobrecarga de trabalho.

As máquinas foram desligadas e rapidamente viramos um aglomerado de pessoas barulhentas em um galpão quente e apertado. Fiquei no bem no meio, sendo esmagada, me sentindo uma sardinha. Em cima do pequeno palco, surgiu o senhor Charles, dono da fábrica e atrás dele um homem muito conhecido por mim!

Gelei, depois congelei e por fim me derreti! Se fosse água estaria evaporando nesse momento.

O que ele estava fazendo aqui?

— Hoje tivemos uma ocorrência policial sigilosa nos arredores da fábrica. O delegado da polícia nos pediu a gentileza de conversar com alguns funcionários e fazer breves perguntas.

Respirei aliviada quando percebi que não tinha nada a ver com sua visita. Mas senti lágrimas de tristeza brotar nos olhos, porque eu queria que tivesse. Eu disse, sou bipolar.

— Vou deixar ele livre para chamar e vocês cooperem com o que precisar — completou.

Entregou o microfone para o Kauã e meu coração foi de 0 a 1000 batimentos cardíacos em dois segundos. Ele era mais potente que o novo Camaro.

— Bom dia. Eu gostaria de agradecer a atenção de todos e ao Charles por permitir que nossa investigação tivesse continuidade. Estamos procurando uma pessoa que está desaparecida e foi vista nas redondezas. Preciso que permaneçam aqui, todos os funcionários que hoje pela manhã, entraram no

trabalho pelo portão de carga e descarga e picaram cartão na máquina 2.

Engoli em seco. Justamente hoje, para fugir dele, tinha feito isso. Era muito azar para um ser humano só. Definitivamente devo ter jogado tachinhas na cruz, porque somente pedras não seriam suficientes para tamanho azar.

Eu me peguei pensando se existia tachinhas na época de Cristo e quando percebi, ficamos somente em cinco funcionários. Todos os outros tinham voltado para o trabalho. Claro, ninguém entrava por aquele portão.

Kauã desceu lentamente as escadas e não me olhou. Nem um minuto sequer. Hoje, era só mais uma possível meliante.

— Algum de vocês entrou meia hora antes no trabalho hoje? — perguntou se aproximando de nós.

— Não! — todos falaram em uníssono. Menos eu.

Tinha chegado cedo, tudo por culpa dele e agora teria que ser interrogada. Nesse momento, já estava imaginado que era soda cáustica que tinha jogado na cruz.

— A senhorita não me respondeu! — falou rudemente, pela primeira vez, olhando para mim.

De cabeça baixa, respondi em sussurro:

— Sim.

— Podem todos se retirar. Já tenho a testemunha.

Obedientemente todos saíram.

— A senhorita vai me acompanhar até aquela sala, por favor?

Apontou para a porta de um escritório que era usado para reuniões com os funcionários. Saí, andando para a força. Senti seu olhar sobre mim e me arrepiei. Será que seria capaz de me prender de novo?

Se a prisão fosse feita sob seu comando, ele precisasse me revistar e essas coisas todas, achei que não seria má ideia.

Entrei e escutei-o trancar a porta. Não tive coragem de me virar.

— Nicolle, olhe pra mim! — ordenou.

Agora eu era “Nicolle”. Cadê “a senhorita”?

— Pois não, senhor delegado? — falei o encarando.

— Onde você estava, Nicolle?

Cruzou os braços e as sobrancelhas. Estava bravo.

— O motivo de ter me chamado, era para saber sobre uma investigação. Não vou falar sobre outro assunto! — respondi no mesmo tom de voz.

Quem ele pensava que era para me deixar sozinha, sem nem roupas para vestir e casa para morar e agora aparecer querendo saber onde eu estava? Ele se achava muito importante mesmo!

Inesperadamente, ele deu murro na porta de madeira.

Assustada, pulei para trás e me encostei à parede. Ele se aproximou e ficou a poucos centímetros do meu rosto. Poderia sentir sua respiração irregular.

— Passei a noite te procurando. Não dormi, vivi um inferno imaginando o que poderia ter acontecido com você e o que você faz? — berrou. — Você chega de manhã e entra pelos fundos para não me ver. Será que você perdeu o juízo?

Ops! Estava gritando comigo de novo. Opção errada, Kauã. Apontei o dedo para sua cara e resolvi perder o juízo de vez.



*voce perde a coerencia, a razao,
a compostura e até se bobear, a linha.
O que fazer se nessa hora quem domina
é a emoção, pura e irracional?*

— Quem perdeu o juízo foi você, seu imbecil, que me deixou plantada horas e horas, sozinha, à noite, te esperando. Não sou árvore que fica plantada o resto da vida. Então, não me peça satisfação de onde eu fui. Entendeu? — berrei com o dedo ainda apontado para a sua cara preguiçada de raiva.

— Você que é inconsequente e não carrega nenhum celular com você!

— Sou o quê? — gritei mais alto.

Estava completamente transtornada. E lembrando que eu não raciocinava quando ficava assim.

— Você é...

— Não repita. Se você tem amor à vida. Não repita. Eu te mato, Kauã. Eu faço picadinho de você!

— Para com isso! — berrou junto. — Tive uma emergência na delegacia e não consegui sair. Foi um inferno trabalhar lembrando que você estava me esperando. Não tinha como te avisar. Você não tem a merda de um telefone. Mas você sabia onde eu morava, por que não foi para casa?

Passou as mãos pelo cabelo, parecendo desorientado.

— Kauã, eu o conheço há menos de uma semana. Você me dá o bolo e acha que vou aparecer na sua casa?

Já estava mais calma e me afastei. A proximidade com o seu perfume não me fazia raciocinar direito.

— Não te entendo, sabia? Eu abri meu apartamento para você e falei que cuidaria de você. Que parte não entendeu?

— Entendi todas as partes, inclusive a que caí de paraquedas na sua vida e sou um estorvo que você tem que lidar. Você não é nada meu. Não tem que zelar por mim!

Ele me olhou magoado e zangado!

— Nicolle, não sei como você pode imaginar isso! Eu estou tentando viver longe de você sem morrer de preocupação. Não dormi a noite toda tentando te achar e agora usei o trabalho para entrar na fábrica e falar com você. E você vem

me dizer que é um estorvo? — exclamou.

Suspirei e resolvi que estava na hora de colocar as coisas no seu devido lugar.

— O que você quer de mim? É sexo? É por uns dias? Preciso saber da verdade. Se vou ficar na sua casa por um dia, dois. Quantos dias você leva para se cansar de uma mulher?

Não respondeu e me olhou horrorizado.

— Sou adulta e sei há muito tempo lidar com abandono e desprezo. Não precisa se preocupar em ferir meus sentimentos — completei diante do seu silêncio.

Deu um passo à frente e levou a mão ao meu rosto, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. O toque fez um arrepio percorrer o meu corpo e tentei ignorar tudo que ele causava em mim. Eu dizia que era adulta, no entanto, meu coração já estava em frangalhos imaginando sua resposta.

Eram poucos dias.

Mas era tão intenso, que ele significava para mim, muito mais do que eu poderia admitir.

— Não sei o que fizeram com você. Nem quero imaginar para não enlouquecer. Não sei que formas de amor você conhece ou desconhece — seus olhos atravessavam minha alma —, não quero só sexo. Eu nem sei o que eu quero, mas sei que você é importante pra mim. Sei que quero cuidar de você e tem sido insuportável te ver machucada.

Ele me abraçou e me apertou contra o seu peito. Tão apertado, que me faltou o ar.

— Não faça mais isso comigo. Vou te dar um celular. Não suma de novo. Se for necessário para que você entenda, não faremos sexo, por enquanto. Eu só preciso que você compreenda.

— Já compreendi. Acho que já podemos voltar a falar sobre dormirmos juntos — comentei sorrindo. Era uma brincadeira. Com um pingo gigante de verdade.

Ele sorriu e me olhou.

— Você me faz sorrir, Nicolle. Isso é bom, muito bom. Você é um remédio para minha alma.

Um remédio próximo do vencimento — pensei.

— Agora que você já desvendou seu caso de desaparecimento, acho que devemos voltar ao trabalho.

— Sim, acho que devemos, mas não antes de beijá-la de novo.

Não foi fácil nos separarmos. Antes que fosse embora, enfiou um celular no meu bolso e me fez jurar andar com ele vinte e quatro horas do dia.

Voltei envergonhada para exercer meu trabalho e agradeci que ninguém prestava atenção suficiente em mim para notar meu constrangimento.

Quando estava saindo perto do anoitecer, exausta, alguém me chamou.

— Pediram para te entregar esse papel! — um estranho falou e me estendeu um pequeno pedaço de papel branco.

— Obrigada.

Quando abri, tinha um telefone e um endereço.

Eu tinha um encontro marcado para o outro dia. Acho que nenhum ser humano do mundo era capaz de causar mais encrencas que eu.

Guardei no bolso e decidi que no outro dia falaria com ele, desmarcando. E que o Kauã não descobrisse, ou eu estaria ferrada.

Assim que coloquei os pés na calçada, já o avistei. Sorrindo para mim.

Corri e voei no seu pescoço.

— Meu Deus, tudo isso é saudade? — perguntou me enchendo de beijos e cambaleando.

— Sim! Eu confesso que ainda fiquei com medo, você me deixou esperando, então...

Era brincadeira. Mas seu sorriso desapareceu e a cara de pitbull raivoso apareceu.

— Estou brincando, Kauã — falei parecendo óbvia — É saudade pura!

— Não sou fã de brincadeiras... — disse ainda bravo.

— Mas eu gosto. Então, me aguenta. Eu tenho um defeito terrível!

— Não vejo como você seja capaz de ter defeitos.

As palavras se transformaram em silêncio e ele me olhou intensamente, segurando meu rosto em suas mãos. Ele parecia minúsculo perto delas.

— Mas eu tenho. Adoro fazer o que irrita as pessoas. Você acabou de cometer o pior erro da sua vida me contando que odeia brincadeiras. Vou fazê-las com frequência.

— Sou capaz de aceitá-las. Se for para te beijar no final.

E lá estávamos nós, novamente nos beijando no meio da rua, como dois adolescentes.

— Vem? — Me puxou abrindo a porta do carro, quando nosso agarramento foi ficando indecente demais para o horário — Vou te levar para jantar.

— Você e sua mania de só pensar em comer.

Antes que ele falasse coisas depravadas com duplo sentido, entrei no carro e bati a porta.

— Será que você pode me levar em um lugar antes? — pedi.

— Se for a um motel no meio do caminho, eu aceito.

— Kauã! Como você é malicioso. Não, não é um motel. Quando você me trouxe para o trabalho cedo, reparei que passamos em um parque de diversões na junção da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Roraima. Vamos passar lá? — Dei uma risadinha animada.

Juntei as mãos, rogando pelo pedido e olhei fazendo a maior cara de drama do mundo.

— Nem morto! — falou secamente.

Foi tão seco seu tom de voz, que nem retruquei.

Em um instante ele era fofo, no outro um verdadeiro troglodita. Fechei a cara e não falei mais nada. Também sabia ser chata.

— Não vai mais falar comigo? — perguntou depois de alguns minutos de silêncio.

— Nem morta! — falei secamente.

Ele tirou uma mão do volante e tentou pegar a minha que estava em cima da perna. Puxei-a e coloquei fora do seu alcance.

— Qual é, Nicolle? Sou um delegado respeitado da polícia. Você quer que fique brincando em um parque de diversões feito um idiota? Tenho uma reputação a zelar.

Continuei quieta. Muda. Paralisada.

— Vai continuar sem falar comigo? — perguntou novamente, dessa vez, o seu tom de voz era mais suave.

— Qual é, Kauã? Sou uma mulher respeitada na sociedade. Quer que eu fique falando com um idiota? Tenho uma reputação a zelar.

Ele me olhou chocado. Eu sorri por dentro. Sabia ser muito má.

— Você acabou de me chamar de idiota?

— Sim. Economizei nos elogios. Posso piorar se você quiser.

Emburrei e assim fiquei. Até me dar conta que estava estacionando o carro em frente ao parque. Bati palmas feito boba e o abracei muito!

— Obrigada! — Distribuí beijos por todo o seu rosto. — Te adoro por isso.

— Me adora por te trazer no parque? — Sorriu.

— Sim. Te adoro por isso!

— E por eu ser um idiota?

— Por isso também. Tenho uma queda por homens idiotas.

Seus lábios colaram nos meus e nós dois estávamos sorrindo. Eu estava feliz.

Eu me diverti como nunca. Comemos cachorro quente, fui a todos os brinquedos e ele, em nenhum. Única coisa que consegui fazer ele se interessar foi o tiro ao alvo. Resultado: estava com uma urso gigante nas mãos que apelidei de Carina, lembrança da minha mãe.

Quando entramos no apartamento, percebi que pela primeira vez eu não tinha pensado em nada que não fosse sorrir. Não tinha doença, não tinha meu pai, nada.

— Preciso de um banho! — falei.

— Precisamos! — completou.

Olhei para avaliar e sua camisa continuava impecavelmente branca. Eu estava descabelada e com a roupa toda amassada. Mas não discuti.

— Quem vai tomar banho primeiro? Pode ser que também você tenha mais de um banheiro e também se você quiser ir primeiro... a casa é sua — estava desembestando a falar, já nervosa com a possibilidade de tomarmos banho juntos novamente. — Não ligo de esperar. Eu tenho muita paciência e o banheiro é grande também...

— Nicolle, chega — cortou. — Já sei que está nervosa. Pode ficar tranquila. Vamos tomar banho juntos. Dessa vez sem banheira e sem espumas!

Tranquila? Eu conhecia essa palavra? Qual era o significado mesmo?



Foi um toque que acariciou meu coração e
me fez saber que já *não tinha* mais volta.
Ele já me tinha.

Nada precisou ser dito. Kauã pegou minha mão e caminhamos até o banheiro. Meu coração pulsava freneticamente e uma emoção sem tamanho chegava até os meus olhos. Senti um calor na palma da mão, por onde estávamos conectados, e aquilo foi o suficiente para percorrer todo o meu corpo de maneira tão rápida que me deu tonturas.

Já no banheiro e sem conseguir esperar mais nenhum minuto, ele me encostou à parede e me beijou. Jurava que nada poderia ser mais prazeroso. Foi um beijo selvagem. Ergueu minhas mãos e me prendeu à parede.

Atordado, Kauã se afastou e me olhou com ternura.

— Me desculpe. Não quero assustá-la. Só não consigo me controlar com você.

— Você não me assustou. Fez tudo, menos me assustar — garanti.

— Nicolle, tem certeza de que quer o que vamos fazer agora? — perguntou como se aquilo fosse necessário — Não vou parar hoje. Não consigo mais... — completou.

Balancei a cabeça e sorri, dando permissão para o que ele quisesse. Já era dele. Com um carinho sem igual, ele se aproximou e tirou toda a minha roupa. Fiquei envergonhada. Primeiro por estar nua na frente de alguém pela primeira vez na vida. Depois que meu corpo guardava várias cicatrizes do passado.

Ele pareceu não notar nada disso e encostou seu corpo no meu. Seus olhos estavam voltados para mim e cheios de prazer.

— Você é a coisa mais linda que meus olhos já viram. Quando entrou naquela delegacia, fiquei louco de raiva porque você me fazia esquecer até o que estava fazendo ali. Você me embriaga, Nicolle.

Suas palavras me tocaram no mais profundo do meu ser e fechei os olhos, esperando por seu toque, que demorou. Abriu a porta de vidro que dava acesso ao chuveiro e ligou a água. Ele me puxou pelas mãos e me colocou embaixo da água morna. Ainda estava vestido e em poucos segundos suas roupas estavam encharcadas, coladas no seu corpo perfeito.

Toquei no seu peito e beijei sua boca, tentando abrir os botões da sua camisa. Ele afastou minhas mãos e com um puxão arrancou sua camisa, fazendo

voar alguns botões.

Suas mãos voltaram a tocar meu corpo nu e estremeci de prazer. Beijou todos os lugares onde suas mãos me tocavam e quando achei que cairia de um precipício, desligou o chuveiro, me pegou no colo com uma facilidade impressionantemente e me depositou na sua cama.

Arregalei os olhos quando tirou o restante da sua roupa. Era musculoso, e lindo, muito lindo e muito musculoso... e...

— Uau! — a exclamação saiu dos meus lábios.

Sorriu. E eu morri. Lindo, nu e sorrindo! E quis morrer. Dentre tantas coisas a serem ditas, eu disse: uau?

Kauã se debruçou sobre mim e beijou minha testa, com um carinho que tocou profundamente meu ser.

— Nicolle? — sussurrou no meu pescoço. Minha pele queimava. — Quero fazer amor com você.

Estiquei as mãos e toquei seu peito. Mesmo deitada, sentia minhas pernas bambas e achei que pudesse morrer de prazer.

— Achei que você não fizesse amor. Você é do tipo que faz sexo. E só.

— Quero fazer amor com você, porque sexo é selvagem, não envolve sentimentos e é frio... — suas mãos voltaram a percorrer meu corpo. — Quero que seja delicado como você, quero te idolatrar e colocar todos os sentimentos que conheço e desconheço, nessa cama, hoje. Quero ver o seu sorriso de prazer, aquele que você nunca deu a ninguém e vai abrir pra mim.

Ouvindo seus doces murmúrios, me arqueei e abracei seu corpo nu.

Retribui me abraçando e me possuindo. Neste momento, senti-me protegida como nunca tinha estado em toda a minha vida e lágrimas brotaram dos meus olhos.

O ar dos meus pulmões faltava e a respiração acelerada dele preenchia. Meu coração parava e o pulsar do dele dava continuidade ao meu. O corpo dele esquentava cada centímetro do meu.

Não sei em que momento, em que instante, talvez até o segundo que isso tinha acontecido. Eu amava aquele homem, mesmo fazendo só alguns dias que o conhecia. Não era meu amor como dos livros. Era cheio de defeitos...

E eu amava cada um deles.



Voce ve estrelas e escuta sinos.
Ah, como ficamos tolos.
Quem dera o mundo fosse povoado
por seres cada vez mais tolos.
Não escutaríamos tantas bombas e
não veríamos mais desamor.

Quando o sol entrou no quarto, não me movi. Estava encostada no seu peito e mantinha os braços me apertando contra si. A sensação era maravilhosa e sorri.

O sorriso foi tão gigante que senti uma pequena pontada de dor na minha cabeça. E junto veio à dor de saber que tudo aquilo estava com os dias contados.

Afastei os pensamentos e fechei os olhos novamente. Senti o Kauã se mexer e me soltar. Foi como se eu tivesse perdido metade do meu corpo. Eu o queria me abraçando pelo resto dos meus dias. Eram poucos, então não achei injusto meu desejo.

Quando percebi que se levantou, olhei, o fitando nos olhos. E vi algo que fez meu sorriso se apagar. Seu olhar era frio.

— Preciso que você vá ao trabalho de táxi hoje. Também vou te dar dinheiro para que você passe a noite em um hotel. Vou viajar a trabalho e não voltarei a tempo.

— Você... — nem sabia o que dizer. Meus olhos queimaram e engoli para que as lágrimas não caíssem.

Como assim? Então era isso. Ele tinha conseguido me levar para cama e pronto?

— Não pense bobagens. Nada mudou entre nós.

Abri a boca para responder, mas descobri que estava sem fala. Meu Deus, como ele era capaz de fazer isso comigo?

E como eu era burra. Da pior espécie. Aquela garota que acreditava na primeira conversa. Envergonhada demais, me levantei da cama e procurei por minhas roupas no chão. Segurou meu braço.

— Nicolle, olha pra mim! — ordenou.

Puxei meu braço e continuei catando minhas roupas, o ignorando.

— Deixa de ser infantil, por favor? Eu estou indo viajar. É só isso. Amanhã a pego no trabalho e tudo volta ao normal.

— E o que é normal pra você? — gritei sem conseguir me conter. —

Desvirtuar inocentes e depois mandar embora? Esse momento era importante pra mim.

Quando vi, já estava indo em sua direção e esmurrando seu peito. Lágrimas escorriam dos meus olhos e minha cabeça latejava.

— Para com isso, Nicolle. Por favor? Preciso que você entenda isso! — falou friamente. Amanhã te pego no trabalho. No horário de sempre.

Sem nenhum remorso ou tristeza, saiu do quarto e entrou no banheiro.

Desnorteada, me vesti correndo, juntei minhas coisas e parei na porta, dando uma olhada para o lugar onde há algumas horas eu me senti protegida e feliz.

Só então me atentei a um porta-retratos que ornamentava uma das paredes do quarto. Minhas pernas perderam a força e um soluço rasgou minha alma.

O Kauã com um sorriso que eu nunca tinha visto no seu rosto, abraçava uma jovem mulher linda, de cabelos loiros e olhos azuis que lembrava um anjo. Montado em suas costas, uma miniatura dele, sorria e formava covinhas em seu rosto, assim como o pai.

Então era isso. Ele tinha uma família. Fui um passatempo. Senti nojo dele e de mim, quando olhei novamente para aquela família linda que a foto retratava.

Peguei minhas coisas e saí correndo dali. Não sei por quanto tempo corri e só parei quando o ar faltou e minha cabeça ameaçou explodir. Senti uma fraqueza excessiva e me sentei na sarjeta de uma rua que eu nem sabia o nome.

Passei a mão pelo rosto molhado e notei que meu nariz sangrava. O meu choro se tornou compulsivo nesse momento e desejei que alguém aparecesse e pudesse me abraçar. Precisava tanto de alguém nesse momento que olhei para o céu.

— Deus, me ajude, por favor? — roguei.

Aos poucos, fui me acalmando.

Abri minha bolsa e engoli um analgésico, sem o auxílio de água. Respirei fundo e escutei o celular que o Kauã tinha me dado, tocar.

Olhei e vi que estava me ligando. Fiquei com tanta raiva, mas não me atrevi a quebrar o celular. Aquilo seria bem-vindo e nunca teria dinheiro para comprar outro igual. Apenas desliguei.

Fiquei imaginando o que teria acontecido com a mulher e o filho. Eles teriam viajado? Provavelmente retornariam hoje.

Respirei fundo e parei o primeiro táxi que encontrei passando na rua. Não

estava em condições de pagar, porém andar me parecia um inferno. Minhas pernas estavam pesando uma tonelada e meu corpo parecia ter sido colocado dentro de um liquidificador.

Fui direto para o trabalho. Olhei para ver se ele estaria me esperando no portão e não o encontrei.

— Como você é idiota, Nicolle? Acorda! Ele tem uma família. Você precisa de tratamento. Urgente!

Falei sozinha igual uma louca, enquanto entrava na fábrica.

Quando o expediente terminou, peguei minhas coisas e me perguntei para onde iria.

Eu não tinha dinheiro e não tinha casa. Minha expectativa de vida era curta. Minha bagagem pequena. Meus sonhos estavam se esvaindo. E meu coração em pedaços.

— Nicolle, espere! — Escutei alguém me chamar.

Olhei para trás e só então me lembrei. Eu tinha um encontro hoje. Leandro vinha correndo em minha direção.

— Você não me ligou dizendo aonde vamos.

— Ah, me desculpe, Leandro. Eu esqueci completamente.

Ele abaixou os olhos, triste e me senti péssima por todas as vezes que inventei desculpas para não sair com ele.

— Você tem outro compromisso, ou alguém da sua família ficou doente?

— Nenhuma das duas coisas. Podemos sair agora se você quiser. Se não se importar que eu esteja com roupa de trabalho.

— Não me importo! — Um sorriso iluminou seu rosto.

Engraçado que ele sorria, coisa que o Kauã não fazia, mas não chegava nem perto de tocar meu coração.

— Então vamos. Onde quer me levar?

— Tem um ótimo restaurante aqui perto. Estou de carro. Você pode vir comigo se não estiver com o seu.

Claro! Meu carro. Que estava sendo fabricado na terra do São Nunca e emplacado no Além.

— Não vim de carro. Odeio dirigir! — menti.

Eu adoro andar a pé, em ônibus lotado e depender dos outros.

Definitivamente Nicolle, você é uma garota muito, muito...

Não achei nada que definisse meu estado atual.

Aceitei a carona e, como alguém que não está presente no corpo, cheguei até o restaurante.

Ele sorria, puxava assunto e tentava me fazer sorrir. Tudo em vão. Parecia uma múmia. Seria uma múmia em breve. Sorri por fim com esse pensamento.

Eu estava ficando expert em piadas macabras.

Meu sorriso foi para a puta que pariu quando vi que o restaurante em questão era o que o Kauã me levou e onde demos o primeiro beijo. Mas que merda. Pensei em falar que não estava bem. No entanto, não teria dinheiro para jantar. Então a comida era bem-vinda.

Assim que sentamos, deixei que ele fizesse o pedido.

Ele debruçou os braços sobre a mesa e ficou me encarando.

— E então?

Ele tentou puxar assunto. Inevitavelmente o comparei com o Kauã, que neste momento estaria me encurralando e já dizendo que passaria a mão na minha bunda.

Balancei a cabeça inconformada.

— Não... o que é não, Nicolle? — Ficou confuso.

— Não é nada, Leandro. Eu só estou com alguns problemas familiares, é isso. Desculpe-me.

Passei a mão pelo rosto, desolada. Que situação eu tinha me metido!

— Precisa de ajuda? — Estendeu a mão sobre a mesa e pegou a minha, num gesto tão carinhoso, que me emocionou.

O mínimo que o cara merecia é que eu fosse sincera com ele.

— Me desculpe, Leandro. Eu nem sei o que estou fazendo aqui. Eu não estou bem. Terminei um relacionamento ontem e você não merece que eu esteja em um encontro falando de outra pessoa! — Eu me levantei, pronta para ir embora.

— Ei, espere! — Se levantou e parou na minha frente.

Eu não sabia como agir. Tinha vontade de me jogar em seus braços e chorar. Sim, chorar por esse caso que denominei “relacionamento”, que na verdade poderíamos chamar de um caso... um... enfim, algo que só teve uma envolvida e

um aproveitador.

— Leandro, você queria um encontro, não uma garota chorando na sua frente por outro homem. Me deixe ir. Vai ser melhor.

— Não me importo que chore por outro, desde que seja no meu ombro. — Ele me encarou com atenção e suspirei.

Já que estava insistindo tanto, obedeci. Eu me joguei em seus braços e deixei as lágrimas rolarem. Ele me abraçou e me apertou em seus braços até meus soluços serem abafados. Nada me pareceu tão errado.

Escutei alguém batendo palmas. Muitas palmas.

— Que show espetacular. Então se fazer de coitadinha é sua nova estratégia? — Escutei alguém dizendo.

Espera! Aquela voz... eu conhecia aquela voz!



*Encontramos dragões em todas as esquinas,
marcas de batom em todas as roupas e
transformamos todos os perfumes em sinistros.
Sorte, que esse detetive perde a força diante do abraço amado.*

Calma Nicolle, você deve ter escutado errado!

Não poderia ser o meu ex, Kauã, gritando aqueles desaforos. Impossível. Não depois que me mandou embora da sua vida como se eu fosse um inseto. Desencostei a cabeça do peito do Leandro e confirmei. Era ele, o senhor músculo, mais lindo do que nunca, me encarando com olhar de ódio.

Aproveitei a raiva que eu estava sentindo dele e de mim, por continuar achando ele lindo, e encostei novamente meu rosto no peito do Leandro. Aproveitei e passei os braços em seu corpo, me apertando em um abraço.

Eu queria que ele visse que estou bem, ótima na verdade. Ele só não poderia reparar em meus olhos vermelhos e no rio de lágrimas que deles escorriam.

— Acho que para sua própria segurança, eu recomendaria que você se afastasse da minha mulher e saísse da minha frente.

Senti meus músculos tremerem de raiva. “Minha mulher”! Maldito, eu não era nada e nem dele!”

Empurrei o Leandro e já tomada pela rainha do ódio, o encarei. Apontei o dedo para o seu rosto de cachorro fofo e disparei:

— Não sei se você já esteve de frente com psicopatas e algum Serial Killer. Eu não sei — lancei a cabeça igual louca —, mas olha aqui, eu acho que você não entendeu bem. Eu vou matar você, Kauã! Vou picar seu corpo gostoso e o colocar na mala. Então, some da minha frente agora!

Ele fechou os olhos e respirou fundo, antes de responder:

— Não vou discutir com você no meio de um restaurante e nem vou bater nesse cara, hoje! Só tem um porém, Nicolle. Não gosto que me desobedeçam. Então, se afaste agora e venha comigo. Você sabe que vai ser o melhor.

O quê? O melhor? Para quem?

Não resisti. Gargalhei em meio às lágrimas. Uma risada sinistra e cheia de sarcasmo.

Olhei para o Leandro, que parecia indignado.

— Me desculpe, será que você me dá um minuto? Eu vou ali fora matar

alguém e já volto pra terminarmos o jantar.

Ele sorriu sem graça e assentiu.

Saí marchando para fora do restaurante e fui seguida pelo infeliz que iria morrer.

Assim que botei os pés na calçada, já desapareci.

— Não estamos mais no meio do restaurante. Então já posso te matar. Qual o seu problema, cara? Não cansa de me machucar?

— Você que não se cansa de me desobedecer, Nicolle. Eu disse pra você que ia viajar e que voltaria amanhã. Simples assim.

Ele cruzou os braços e senti vontade de esmurrá-lo por ser tão arrogante.

— Meu Deus! Olha o que você faz comigo. Você me usa, abusa e depois joga fora. Para. Eu não quero que você me faça sofrer, Kauã. Eu não aguento mais sofrer...

Perdi a voz. Eu queria sumir, matá-lo, beijar e...

— Não quero vê-la sofrer. Eu quero cuidar de você.

— Cuidar? Eu que preciso te dizer agora: que formas de amor você conhece ou desconhece? Se esse é o seu “cuidar”, fico imaginado o seu descuidar. Qual é a graça de me fazer chorar? O que você ganha com isso?

Cruzei os braços e esperei sua resposta.

— Nunca ganho nada, Nicolle. Eu sempre perco, esse é o problema.

Fiquei sem palavras diante da sua afirmação. Olhei por trás do ódio aparente do seu olhar e vi uma tristeza profunda, que vinha da alma. Tinha alguma coisa muito terrível acontecendo com ele. Tive certeza disso.

— Vamos fazer o seguinte, Kauã. Que tal se você continuar seguindo sua vida e me deixar em paz? Eu já tenho problemas suficientes e não preciso de um cara casado e com filhos para complicar minha situação.

Ele ficou imóvel e me olhou atônito. Dei uma risada baixa, que quase saiu como um choro. Há! Eu tinha descoberto seus segredos. Covarde!

— Você entendeu tudo errado. Não tenho mais mulher e não tenho mais filho.

— Vi a foto. Não se deixa uma foto daquelas quando você se separa de uma mulher, a não ser que ainda a ame muito.

— Estamos separados sim. Por uma eternidade. Estão mortos, Nicolle!

— Ah, meu Deus! — Coloquei a mão sobre a boca, chocada.

Eu me senti uma idiota e sem coração, procurando um buraco bem profundo para se esconder. Senti minhas bochechas queimarem. Eu estava constrangida e tocada.

— Me desculpe, não... não imaginava...

— Será que podemos conversar em outro lugar? — pediu, já recuperando o controle. Sua voz já era firme e mandona como sempre.

— Estava em um encontro, então...

Tudo bem. Tinha perdido a família, mas isso não justificava o fato de ter me tocado da sua casa como uma barata, depois de me levar para a cama.

— Se não for agora lá dentro do restaurante e acabar com essa palhaçada, vou te jogar nas costas e te carregar daqui. Você decide.

Ele franziu a testa e cruzou os braços, esperando minha decisão.

— Nossa, como você é amável. Impressiona como me dá sempre boas opções! — falei irritada — Vou lá, me despedir do cara, só porque você já estragou meu encontro.

— Isso não era um encontro! — ele afirmou.

— Ah, mas era mesmo. Um ótimo encontro, por sinal.

Quando deu um passo para frente, querendo cumprir sua promessa de me carregar à força, saí correndo para dentro do restaurante.

Sentindo-me péssima, me aproximei da mesa em que o Leandro estava sentado, olhando para o teto. Abriu um sorriso quando me viu.

— Leandro, eu quero te pedir desculpas. Meu irmão é muito ciumento. Lamento, mas vou ter que ir embora. Veio me avisar que uma tia minha está doente.

— Tudo bem, Nicolle. Você tem muitas tias. Entendo.

Dei um sorriso sem graça e assenti.

Sem mais nada a dizer, dei um tchau de longe e saí, em direção à perdição da minha vida e a condenação da minha alma.

Quando me deparei novamente com ele na calçada, sua cara não era nada amigável.

— Entra no carro.

Tá, simples assim. “Entra no carro”. Hurg!!!’

— Não fique me remendando, Nicolle. Odeio isso.

Droga!

Eu tinha falado em voz alta? Eu disse, ele me tirava do controle.

— O que você não odeia, Kauã? — perguntei, o encarando, enquanto ele ligava o carro.

— No momento nada. Daqui a alguns minutos, quando minha raiva por você passar, você continuará sendo a única coisa no mundo que eu não odeio.

Ai, foi bruto, mais foi muito fofo!

Depois dessa declaração, decidi ficar quieta. Porém, minha boca nunca foi muito obediente.

— Aonde você vai me levar?

— Para o meu apartamento.

— Não vou para a cama com você hoje... e acho que nunca mais!

— Existem outros lugares que se pode fazer sexo, Nicolle. Se você não quer, dispensaremos a cama hoje e vamos explorar outros locais do apartamento.

Um sorriso malicioso se formou em seus lábios. Era o primeiro do dia. Não sabia se o matava pelo comentário, se respirava novamente ou se sorria por vê-lo sorrindo.

— Só não vou te matar, porque você sorriu e o seu sorriso, definitivamente, mexe comigo.

— E você, definitivamente, é a única pessoa que consegue me fazer sorrir. Não faça mais isso, por favor, não saia da minha vida sem me consultar. Eu preciso de você pra sorrir.

Aquilo era uma declaração de amor? Parecia que sim.

Tomada por uma alegria repentina, liguei o som do carro e passei o resto do percurso cantando. Assim que entramos no apartamento, as coisas começaram a ficar estranhas novamente. Ele ficou sério e eu preocupada.

— Vou pegar uma bebida. Você quer alguma coisa? — questionou, já tirando a camisa.

— Você tem oxigênio na geladeira? Ou então, pode ser água mesmo.

Abri meu melhor sorriso e o esperei lançar um olhar de reprovação. Então, gargalhou, fazendo todo o sangue do meu corpo voltar a circular e minhas bochechas queimarem.

— Você é um presente na minha vida, tenha certeza disso.

Depois desse comentário, saiu para pagar as bebidas. Qual era o problema dele? Ele fazia uma declaração dessas e sumia.

Resolvi xeretar. Tirei os sapatos e comecei a andar pela sala, percebendo pela primeira vez outras coisas que não fosse uma parede de músculos.

Tinha outros porta-retratos com a foto da mulher e do filho. Ele parecia tão diferente. Não era o mesmo Kauã de hoje. Mesmo na foto era visível que ele não tinha preocupações e era feliz.

Peguei uma das fotos na mão, querendo absorver aquelas informações. Eu queria aquele Kauã da foto comigo. Não esse mar de ódio que ele se afundava a todo o tempo.

— Era um domingo, como todos os outros! — Escutei ele falar e coloquei correndo o porta-retratos no seu devido lugar.

— Me desculpe.

Estava com um copo de uísque nas mãos e me encarava profundamente.

— Todos os domingos, era uma festa. Era o único dia que eu não me afundava no trabalho. A empresa do meu pai era a minha vida, mas nos domingos me permitia aproveitar a minha família. Acordávamos bem cedo, tomávamos café da manhã juntos. A Ana me mimava, fazia meu bolo preferido e eu era acordado pelo Arthur, pulando em cima de mim na cama e me enchendo de beijos.

Senti meu peito apertar pela imagem e dei alguns passos, querendo me aproximar dele.

Ele esticou as mãos, me impedindo.

— Me deixa falar tudo, ou não vou conseguir.

Assenti. Empurrei algumas almofadas do sofá e me sentei, abraçando meu corpo. Eu estava angustiada pelo que viria a seguir.

— Pode dizer, não vou me aproximar.

— Se você se aproxima, sinto vontade de esquecer tudo e me afundar em você, como sempre acontece, mas não dá. Preciso que você saiba. Aquele domingo era mais especial. Era aniversário de casamento. Fazia quatro anos que estávamos casados e a Ana queria ter feito uma viagem. Qualquer lugar seria perfeito para ela. Mesmo com todo o dinheiro que tínhamos, ela se contentava com a minha companhia e a do filho. Eu era tão egoísta, sempre querendo mais,

sempre buscando mais. Discutimos na semana anterior, eu não quis. Tinha que trabalhar, não podia me ausentar do trabalho por uma semana. Tantos contratos para fechar, tanto dinheiro em jogo. Eu cheguei até a cogitar isso com meu pai. Ele me olhou horrorizado! — Fechou os olhos, como se estivesse sofrendo de dores. Dores na alma. — “Kauã, você sabe que sua ausência aqui uma semana equivale a várias cifras, meu filho”. Essas foram suas palavras. E eu concordei, achava que ele tinha razão.

Continuou depois de uma pausa.

— Voltei para casa e discuti com minha mulher. Ela como sempre fingiu esquecer no outro dia e se conformou. O domingo era a prova de que ela me amava muito mais do que eu merecia. Ela fez de tudo para me fazer feliz. E tudo que eu fiz foi convidá-la para almoçar em uma cidade vizinha. Era esse o meu presente de casamento. — Deu um sorriso cheio de tristeza. — Eu nem presente tinha comprado pra ela, porque sempre estava muito ocupado.

Lágrimas acumuladas nos meus olhos escorreram. Falava aquilo com tanta dor, que não consegui me conter. Eu queria correr até ele e arrancar aquilo tudo.

Não me olhava mais. Tinha a atenção no copo.

— Entramos no carro e como o Arthur estava um pouco gripado, ela preferiu ir com ele no banco traseiro. Ele fazia manha e conseguia tudo que queria com ela. Não tinha coração mais bondoso que o da Ana. Então, quando estávamos quase chegando, meu celular tocou. Era meu pai, pedindo sobre uns documentos da empresa. Ele era pior que eu quando o assunto era trabalho. Quando fui pegar o celular, não vi um cavalo no meio da pista. Por reflexo, puxei a direção. O carro virou na pista, a parte traseira bateu no cavalo e depois capotamos.

Quando seus olhos se cruzaram com os meus, estavam banhados de lágrimas.

— Matei minha família, Nicolle. Não posso sorrir, porque não tenho esse direito. Eu sou um assassino.

Ele colocou as mãos sobre o rosto e soluçou. E eu o amei tanto naquele momento e soluzei junto, percebendo que não poderia mais ficar com ele. Como eu poderia ficar com alguém que já tinha sofrido tanto com a perda, sabendo que os meus dias estavam contados?

Era o fim!



talvez fique mais fácil se você compreender que o simples fato de acordar e poder respirar, já é o suficiente. Pode ser pouco para alguns e pode ser tudo para outros.

Eu não sabia o que dizer e o que fazer. Eu só tinha uma certeza: aquilo tinha que acabar. Se eu dissesse a verdade ele ficaria comigo e não me abandonaria, até o fim. Mas não era justo com ele, não era. Se ele perdesse mais alguém para a morte, nunca mais se recuperaria.

Eu precisava pensar em uma forma de deixá-lo e ele ficar com raiva de mim. Seria mais fácil. O simples pensamento, fez com que minhas lágrimas se intensificassem e meu coração se despedaçasse.

— Você não teve culpa, Kauã. Essa é a vida. As coisas acontecem porque têm que acontecer. Está escrito em algum lugar e simplesmente acontecem!

— Não — balançou a cabeça, ainda chorando —, não é verdade. Se tivéssemos viajado, ela ainda estaria aqui. Se eu não tivesse atendido o celular, se meu pai não tivesse ligado...

— Esses tantos “se”. Não funciona assim. As coisas acontecem e não temos controle sobre elas! — Apressei-me, tentando fazer a situação melhor do que parecia.

— Tinha o controle. Eu tinha tudo e troquei tudo por nada! — Virou toda a bebida que tinha no copo, enrugando a testa. — Troquei tudo por aquela porcaria de empresa e depois que eles se foram, nada mais importou.

— Não entendo... você tinha uma empresa. E agora você é delegado. E seu pai?

— Foi tudo enterrado com a Ana e o Arthur. Esqueci-me daquela vida. Me mudei, abandonei a empresa, passei no concurso e nunca mais falei com meu pai e com minha mãe.

Houve um momento de silêncio enquanto eu digeriria aquelas informações.

— Por quê? — perguntei quando por fim organizei meus pensamentos.

Deu de ombros e não me respondeu.

— Meu Deus... você culpou seu pai e o seu trabalho. E sua mãe, onde ela entra nisso tudo?

— Não entra em lugar algum. Ela faz parte do meu passado, está com o meu pai, então é passado. Está tudo enterrado.

Fiquei imóvel, sem saber como me comportar, o que fazer.

— Quando você sorri, me lembro de como era bom ser feliz.

— Você se lembra da Ana?

— Não, nunca! — ele se apressou em dizer. — Nunca comparo você com ela. Não seria justo com você e nem com a memória dela. Você me encantou, desde o primeiro minuto que entrou naquela delegacia, linda, cheia de personalidade e fazendo piadas com as piores coisas da vida.

Ele se aproximou e sentou ao meu lado, pegando minhas mãos e apertando entre as suas.

— Estava horrorosa aquele dia... — disse tentando sorrir.

— Você estava linda. Você é linda! — Soltou uma mão e passou no meu rosto. — E me faz sorrir. Você me faz querer aquela felicidade novamente e eu não sou digno dela e nem de você. Eu nunca vou ser aquele cara. — Apontou para uma das fotografias expostas na estante. — Aquele homem morreu. Ele não vai voltar. Eu posso estar feliz em alguns momentos, depois vem a culpa e raiva por estar vivo.

— Ah, Kauã, eu não sei o que fazer ou o que dizer.

Encostei-me em seu peito e me deixei chorar.

Como eu poderia dizer que ia fazer ele feliz, que tudo ficaria bem se eu estava com os dias contados? Como? Meu Deus...

— Sou tão egoísta que não consigo te deixar ir. Eu te quero ao meu lado, porque você me traz a vida de volta. Você é a pessoa mais forte que já conheci na vida e ainda assim sorri, faz piadas e a amo por isso. Ah, Nicolle, eu não mereço você, só que também não sei te perder.

Apertou meu rosto em seu peito e começou a beijar meus cabelos.

Aquele homem não ia me deixar. Eu só precisava convencê-lo que me deixar era o melhor. E faria isso, porque o amava muito para imaginar a dor que sentiria depois que eu partisse.

Seus lábios cobriram os meus delicadamente, sussurrando meu nome e me deixei levar. Eu queria mais um pouco de amor, antes de perdê-lo.

— Você não tem ideia do que foi te deixar de manhã. Eu estava tão culpado. Perdoe-me, baby? Fui rude e cruel.

Enquanto se desculpava, deixava beijos por todo o meu rosto, me adorando.

— Me ame de novo, Kauã. Quero sentir você!

Sem dizer mais nada, me pegou no colo e me levou até sua cama. Seus olhos

estavam cheios de desejo e a dor, por ora, tinha ido embora.

Seus dedos foram tirando lentamente a minha roupa e percorrendo todo o meu corpo. Mordi o lábio com a sensação que tomava meu corpo.

— Me perdoa. Promete que sempre vai me perdoar e me dar mais uma chance... — suplicou enquanto afundava seu rosto nos meus cabelos.

— Sempre vou te perdoar... — sussurrei. — Não sei se você poderá me perdoar um dia.

— Nunca vou precisar te perdoar. Você é incapaz de machucar alguém. Você não...

Engoli as lágrimas e o apertei contra o meu corpo, perdendo o último resquício de controle quando ele se afundou em mim. E foi mágico. Nada mais entre nós, só amor e prazer, dois sentimentos que sempre tinham que andar juntos. Se assim não pudesse ser, não tinha porque existir.

Então não existiriam no futuro.

Tinha encontrado o meu amor como o dos livros, cheio de defeitos, mas que me fazia amar cada um deles. E meu coração já era dele e se eu precisasse morrer sem ele, assim o faria. Mas minha última garantia seria de que ele ficaria bem. Eu ia ensiná-lo a sorrir e depois partiria.

Eu precisava ensiná-lo a ver como acordar e poder respirar, já é o suficiente para nos fazer feliz. Isso era a única garantia de felicidade nesta terra. O restante era um bônus que a cada um era acrescentado em uma medida.



— Você está distante, carinho.

Estávamos na cama e me olhava com um sorriso no rosto.

— Estou tentando me recuperar. Foi intenso.

Abri meu melhor sorriso e acariciei seu rosto.

— Isso foi um elogio?

— Ah, sim, foi um elogio. Não que você precise. Você já é arrogante o suficiente.

— E ainda assim, depois de descobrir que sou arrogante e assassino, você continua na minha cama?

Coloquei os dedos sobre a sua boca, o silenciando.

— Não diga essa palavra, não seja cruel com você mesmo.

— Sou realista! — rebateu.

— Vamos deixar isso de fora hoje, o que acha? Vamos ter um dia diferente amanhã. Sem nada disso entre a gente. Vamos sair, vamos a algum lugar, eu e você. Longe do apartamento, das lembranças, do trabalho. Eu não trabalho domingo e quero curtir com você.

— Aonde você quer ir? — perguntou sem entusiasmo. O Kauã de sempre estava voltando.

— Vamos para a praia.

— Odeio a praia! — falou secamente.

— Mas eu amo e você me ama, então automaticamente ama a praia. Se odiar a praia, vai me odiar também.

Fiz biquinho e esperei, como uma garota mimada. Pendeu a cabeça, parecendo analisar meu pedido e por fim assentiu.

— Você acaba comigo, Nicolle. Nem tenho mais uma reputação a zelar. Você já massacrou meu ego.

— Já era hora de alguém te colocar na linha, Doutor Markes. Essa coisa de homem mandão o tempo todo é muito cansativa.

— Doutor Markes? Gostei disso.

Dessa forma, me beijou e começamos tudo de novo.

Prometi a mim mesma que seriam poucos dias com ele. Queria que ele percebesse que a vida tinha muitas coisas boas e que poderia ser feliz. Depois, descobriria uma maneira de fazê-lo compreender que poderia seguir sozinho e que era melhor assim.

Só meu coração que não compreendia...



Estava tudo planejado para que o outro dia fosse perfeito. Só esqueci de que planos são humanos e consequentemente, falhos.

Minha cabeça doía pela manhã e não tinha vontade de tirar nem um dedo de cima da cama.

Você precisa ser forte, Nicolle, sei que consegue.

Essa fala era da minha mãe. Dizia isso quando percebia que eu desmoronaria. Meu coração se apertou com a lembrança. Empurrei tudo para algum lugar que eu nem sabia mais onde era e tentei me levantar. Kauã ainda dormia profundamente e eu precisava de um analgésico.

Fui ao banheiro e encontrei um no armário. Ingeri dois comprimidos. Olhei-me no espelho e constatei que minha cara péssima. Muito pálida e com olheiras horríveis.

Resolvi tomar um banho para ver se a dor passava e se a aparência melhorava.

O que eu faria? Eu precisava desse dia com ele, precisava pensar no que fazer e meu tempo estava se esgotando. Senti-me um pouco melhor depois que acabei de me trocar. O remédio já estava fazendo efeito.

Voltei para o quarto. Eu me permiti olhar para ele por mais alguns instantes antes de acordá-lo. Parecia um anjo. Não tinha rugas na testa, preocupação no olhar e nenhuma palavra rude.

Que Deus permitisse que em único dia eu pudesse mostrar que ele poderia ser feliz novamente.

— Acorda, seu dorminhoco! — Me ajoelhei sobre a cama e comei a mexer seu rosto com um beijo.

— Com um bom dia desses, acho que prefiro pensar que estou sonhando. — Beijou meus lábios e me jogou na cama, se deitando sobre mim. — Não quero acordar desse sonho, Nicolle.

Seu olhar era profundo e seus dedos começaram a percorrer meu rosto.

— Então continue pensando que está sonhando, mas se levante e se troque. Não podemos perder um dia tão lindo.

— Qualquer dia é lindo com você. Nicolle, você transforma tudo com seu sorriso.

Seus dedos tocaram meus lábios e sorri.

— Então sorria por mim, Kauã. Sorria toda vez que abrir os olhos, sorria toda vez que respirar e perceber que está vivo.

— Estava morto, meu anjo. É só você que consegue me devolver à vida e não sou dig...

— Psiu! — Colei meus lábios nos seus, o silenciando. — Você tem um coração dentro de você, então é digno de qualquer coisa. Doutor Markes, você tem um grande homem dentro de você, só precisa deixá-lo se perdoar.

Fechei os olhos quando seus dedos tocaram uma mecha do meu cabelo colocando-a atrás da orelha.

— Não podemos reconsiderar e passar o dia em casa? — perguntou, com toda certeza tentando fugir do assunto.

— Não! Você me prometeu. Vamos sair. Se troque que vou fazer café.

O empurrei e saí correndo, em direção à cozinha.

Fiz café e coloquei alguns pães de queijo congelados que encontrei no freezer para assar. Kauã conseguia ser mais enrolado que uma mulher e entrou na cozinha quando tudo já estava pronto.

Abri a boca, babando com a imagem. Vestia um short jeans e uma camiseta branca, todo despojado da figura de delegado. Era a primeira vez que o via vestido assim e adorei!

— Não fique babando, Nicolle. Posso usar isso conta você.

— Você não seria capaz de tanta maldade! — rebati e dei de ombro, tentando recuperar minha respiração e dignidade.

— Sou capaz de todas as maldades que seu cérebro nem consegue imaginar! — sussurrou no meu ouvido, me abraçando por trás.

— Tenho imaginado muitas coisas! — falei envergonhada.

— Não faça isso comigo, baby. Vou ter que te arrastar para a cama, agora.

— Não — o empurrei —, já vamos sair.

— Então, praia hoje? — perguntou erguendo as sobrancelhas.

— Não estou a fim de praia! — Mordi os lábios e baixei o rosto.

— Você queria tanto isso, ontem. — Pegou meu queixo nas mãos. — O que aconteceu?

— Queria fazer outra coisa. Você não vai gostar.

— Me diz? Você sempre acaba me convencendo.

Balançou a cabeça, me incentivando a falar.

— Onde seus pais moram, Kauã?

Seu olhar ficou sombrio no mesmo instante, me fazendo arrepender pela ideia.

— Você disse que hoje seria um dia nosso, sem passado e sem nada entre nós. Isso é assunto meu e não quero você falando sobre isso.

Eu tinha dito, até perceber que não tinha mais tempo.

— Você não vai conseguir seguir em frente se não se perdoar. Para isso acontecer, precisa enfrentar seu passado e ter pessoas que te amam por perto.

— A brincadeira de casalzinho perfeito termina por aqui — ele falou raivoso —, achei que tinha entendido que não sou capaz de ser o que você precisa.

Fechando os olhos, passou as mãos pelos cabelos e saiu da cozinha, irritado.

Senti-me completamente perdida e idiota.

O que eu estava querendo fazer? Mudar as coisas em um único dia. Isso era ridículo.

Sorri sarcasticamente. Estava tentando viver 60 anos em alguns dias. Isso não era possível. Queria amar, se amada e consertar tudo antes de partir.

Burra, sempre iludida, Nicolle.

Juntei toda a bagunça do café da manhã e guardei os pães de queijo que ele nem tinha experimentado. Eu muito menos. Não tinha fome.

Fui para a sala e me sentei no sofá, abraçando as pernas. Kauã estava irritado, com raiva de mim. Talvez fosse melhor se eu fizesse minha mala e fosse embora de vez.

— Eles moram em Petrópolis.

Eu me virei assustada. Ele estava na porta do quarto, me olhando pensativo.

— Me desculpe, Kauã! — falei me levantando do sofá. — Não tenho o direito de me intrometer na sua vida. Você tem toda razão.

Dei um sorriso, tentando convencer a mim mesma de que tudo ficaria bem.

— Aceito fazer isso, por você. Desejo muito ser esse homem que você merece, mesmo tendo a certeza de que não consigo. Se você acha que esse é o caminho, vamos até lá, então.

Sem me conter de felicidade, voei no seu pescoço.

— Eu achando que você era o delegado mais ranzinza da face da terra — brinquei.

Queria acabar com o clima desagradável.

— Só não quero que crie expectativas para esse encontro. Consegue me prometer isso?

Assenti e ele abriu um sorriso tão verdadeiro, que me fez suspirar.

— Você me faz feliz, Kauã. Muito feliz.

— E você me faz amar a vida... me estraga completamente e arruína minha reputação.

— Uma reputação que não é real. Você se faz de homem forte, imbatível e na verdade é só uma fachada!

Parei de falar e ele preencheu o silêncio.

— Uma fachada que me fez continuar vivendo, porque se eu tivesse me entregado ao que é real, não teria levantado da cama nenhum dia.

Apertou os olhos.

— Não dá pra viver de fachada para o resto da vida.

— Não, não dá... — disse, não discordando.

— Precisa encontrar um sentido e, então, não vai mais precisar da fachada.

Inspirei fundo e soltei a respiração. Seu olhar era tão profundo...

— Já encontrei meu sentido. — Levou suas mãos ao meu rosto, me envolvendo com seu calor. — Você é meu sentido. Só precisa me ajudar a percorrer o caminho.

Meus olhos se encheram de lágrimas e apertei os lábios. Ele precisava de um sentido que não estivesse com os dias contados.

Deitei o rosto em suas mãos, me acolhendo naquele carinho.

— Seu sentido não pode depender de uma pessoa. Tem que estar dentro de você e ser maior que o que você sente pelos outros. As pessoas não são eternas.

— Por isso a fachada me satisfazia. Eu achei mais fácil nunca mais amar. Me desligar de todo o sentimento de amor e paixão. Assim, nunca mais sentiria aquela dor novamente. Então você chegou e eu desejei que tudo pudesse ser diferente. — Sorri, as lágrimas já escorrendo dos seus olhos também. — Sabe o que fiz então, Nicolle? — Balancei a cabeça, negando e ele continuou: — resolvi apostar na sorte. Posso correr o risco de te perder e também posso correr

o risco de passar o resto dos meus dias ao seu lado e partir primeiro. Por você, achei que a vida valeria esse risco.

Sem conseguir dizer mais nada, me agarrei aos seus braços e soluzei no seu peito.



voce so quer ver o outro feliz. Isso te faz feliz e cura suas feridas.

No percurso até Petrópolis, ficamos em silêncio. Cada um parecia envolto nos próprios pensamentos. Estava com medo de ter feito a escolha errada. Medo de que o encontro com o seu passado pudesse piorar sua dor.

— Como eles se chamam? — perguntei já cansada do silêncio.

— Amélia e Felipe.

Não pude deixar de notar como ele apertou as mãos sobre o volante.

— Como era seu relacionamento com eles, antes de tudo acontecer?

— Normal, eu acho. Minha mãe sempre foi protetora, me mimava o tempo todo e meu pai mais reservado, contido, mas sempre se orgulhava de mim.

— Então você tinha amor? — perguntei com pesar.

Eu nunca tive e invejava as pessoas que tinham isso.

— Você não teve? Nunca quis me falar realmente o motivo de ter saído de casa.

— Minha mãe me amava, sempre amou, mas amava mais o meu pai. E meu pai só amava a bebida.

Encostei a cabeça no vidro e olhei para a estrada que passava rapidamente por meus olhos, como vinha acontecendo com a minha vida.

— Então você desistiu também? Não aguentou lutar contra o álcool?

Senti seus olhos em mim e o encarei.

— Não desisti. Eu não tive opção. Ou saía de casa, ou ele acabaria matando a mim e a minha mãe.

— Ele batia em você? Aquelas vezes... foi ele...?

O carro breiou bruscamente, me fazendo quase voar do banco. Ele encostou ao acostamento e agarrou as minhas mãos.

— Responde a minha pergunta, Nicolle. Ele batia em você? Me responda!
— gritou. Não era um pedido.

Kauã estava descontrolado e seus olhos brilhavam de fúria. Olhei para ele, desesperada para continuar forte.

— Isso é passado. Não importa mais.

— Como não importa? Eu vou voltar lá e vou matar aquele infeliz por ter

machucado você.

— Não, você não vai.

Estreitou olhar.

— Ele tem que pagar pelo que faz.

— Como? Acabando com a vida dele e o enterrando em uma cadeia? Para quê? Para quando ele sair, daqui a um ano, no máximo, voltar e acabar com a vida da minha mãe?

Sacudi a cabeça.

— Não. Muito obrigada por sua ajuda. Eu não acho que você está em condições de acabar com a vida de mais ninguém.

Quando as palavras escaparam da minha boca, foi como um soco no meu estômago. Ele estava pálido.

— Me desculpe... não queria ter dito isso. Não quero falar do meu pai. Por favor?

Ele assentiu e ligou o carro novamente, sem me dizer uma palavra.

O silêncio foi como um castigo. Não saber como ele se sentia, não poder abraçá-lo e pedir desculpas.

— Kauã, por favor, me perdoe. Aquele homem que se diz meu pai é um monstro. Falar dele traz a pior parte de mim.

— O problema é que sua pior parte é muito melhor do que todo meu ser. Você tem razão, sobre tudo que diz.

— Não. Não tenho razão. Você tem quando diz que ele precisa pagar por todas as surras, toda dor e toda a humilhação que já me fez passar. Mas isso seria o fim da minha mãe. Respeite isso, por mim. Mesmo não valendo nada, ele é tudo que ela tem.

— Ela tem você, Nicolle. E não conseguiu fazer a escolha certa.

Só que não podia gritar para ele e dizer que eu estava morrendo e que era melhor um bêbado a um fantasma.

As coisas não estavam indo na direção que eu sonhava. O dia perfeito só tinha servido para que nos desentendêssemos e eu estava odiando isso. Coloquei minha mão em cima da sua perna e fiz carinho, buscando me acalmar e acalmá-lo.

— Você me ensinou tantas coisas e não conseguiu compreender que às vezes

você acha que tem alguma coisa e, no fundo, não tem nada. Você acha que seu pai é tudo que sua mãe tem. Então, ela não tem nada.

— Sei... — eu sabia. Só não tinha o que fazer a respeito. — É que talvez você não compreenda que para algumas pessoas que não têm nada, um prato de comida no final do dia, já é muito.

Minha mãe não tinha estudo, nunca trabalhou, já era uma idosa. O que ela faria se meu pai a abandonasse? Passaria fome.

— Comida a troco de alguns hematomas não me parece uma boa opção. Podemos ajudá-la. Eu quero ajudar sua mãe!

— Depois falamos disso, pode ser? — pedi enquanto ele estacionava o carro em frente a uma mansão, que me dava uma pequena noção do quanto a vida daquelas pessoas era diferente da minha.

— Sim, mas não vou esquecer.

Antes de descermos do carro, ele me abraçou.

— Obrigada por estar aqui. Eu nunca conseguiria sem você.

Seus lábios tocaram os meus levemente e ficamos parados, respirando no mesmo compasso.

— Obrigada, por querer cuidar do que é importante pra mim. Você não tem ideia de como me sinto sendo cuidada por você.

— Não vai ser fácil isso...

— Eu sei! — Coloquei os lábios sobre os seus novamente —, mas eu estou do seu lado. Mesmo que tudo der errado, vou entrar nesse carro para ir embora com você e o amar ainda mais. Estar aqui hoje, por mim, mostra o grande homem que você é.

Assentiu e não disse nada. Estava emocionado.

Quando descemos, o velho Kauã estava de volta. Sua postura ficou rígida e as rugas voltaram entre as sobrancelhas.

Apertei sua mão, o apoiando e elas começaram a suar quando ele apertou o interfone.

— O que devo dizer? Oi, odeio vocês, só vim para ver se estão vivos?

— Deixe acontecer. Talvez nada precise ser dito.

A porta se abriu e um homem, que parecia ser um mordomo, olhava pasmo para nós.

— Oi, Ruandres. Minha mãe está em casa?

— Sim... ela.... eu vou chamá-la.

Pareceu uma eternidade, até que uma mulher elegante parou à porta, chocada demais para ter qualquer reação.

Ele balançou a cabeça, com um sorriso amargo nos lábios.

— Oi, mãe.

Quando o choque inicial passou, lágrimas começaram a escorrer dos seus olhos e ela correu para um abraço, soluçando em seu peito.

Kauã não retribuiu o abraço, mas deixou ser abraçado por um longo momento.

— Quem está aí, Amélia? — escutei alguém perguntar ao fundo.

Pelo modo como ele abriu os olhos assustado, a voz era do seu pai. Rapidamente, ele colocou os braços na sua mãe, afastando-a.

— Kauã? Você... — o pai falou também surpreso.

Felipe não parecia emocionado como a mulher. Parecia estar com raiva e descobri de quem Kauã tinha herdado o costume de franzir tanto a testa.

— Oi, deixe me apresentar — falei tentando melhorar o clima —, sou Nicolle, amiga do Kauã.

Eu não poderia me apresentar como sua namorada, depois que o filho parou de falar com eles por anos. Ai, como era estranha a situação toda. O que eles diriam se soubessem que eu também morreria em breve? Me mandariam para o inferno com toda a certeza. Mais uma para destruir seu filho.

— Muito prazer, Nicolle. Talvez você possa nos contar sobre nosso filho, afinal qualquer estranho deve saber muito mais do que os próprios pais — o homem falou irritado.

— Talvez eu estivesse sentado na sua sala agora, de mãos dadas com a minha mulher e vendo meu filho correr brincando, se você não fosse tão egoísta — Kauã disparou.

Eita! Nada bom!

— Entre, filho. Estava esperando por isso há anos. Você é bem-vindo nessa casa. Quem discorda, pode se retirar! — Amélia reagiu, repreendendo o marido com um olhar.

— Não sei se é uma boa ideia. Essa casa está repleta de lembranças tristes e

cruéis. Não sei o que estou fazendo aqui.

— Posso te dizer, o que veio fazer aqui. Até que a lembrança da sua mulher era viva, você nos manteve como culpados de um crime que foi você quem cometeu. Nós somos a lembrança de que você era adulto o suficiente para ter suas próprias escolhas. Então muito mais fácil ignorar seus pais, sem se preocupar um único dia se pelo menos sua mãe estava bem! — Felipe o olhou com ironia e depois me encarou. — Agora me parece que superou e resolveu fazer o quê? Veio buscar sua herança?

— Maldição! — murmurou Kauã. — Eu não ligo a mínima para a droga do seu dinheiro. Eu não ligo a mínima para aquilo tudo que você acha tão importante, pai. Eu achei que deveria ao menos...

— Realmente você não liga a mínima para aquilo que considero importante, ou saberia que minha mulher e meu filho eram tudo que me importava — Felipe falou cortando o filho. — Você se foi e levou o coração da sua mãe junto. E nunca se importou.

Por fim, depois de despejar toda a sua raiva, lágrimas brotaram nos olhos daquele homem e ele se foi para dentro.

Kauã, que até então não tinha soltado a minha mão, se virou e voltou para o carro xingando.

Dei um sorriso triste para a Amélia, que chorava de cabeça baixa e hesitante fui atrás dele.

— Kauã, espera! — gritei, quando percebi que ele tinha a intenção de me deixar para trás.

— Não. Espera você! — berrou. — Que acha a dona de todas as verdades. Você entra na minha vida, ocupa um lugar que nunca deveria ser de mais ninguém e acha que sabe o que é melhor para mim?

Um murro no capô do carro me fez dar um pulo.

— Você não sabe nada do que é perder tudo. Você não sabe nada sobre não ter mais ilusões e sonhos. Você vem com sua conversinha de mulher que sempre sorri e passa por cima de tudo e acha que com sua psicologia barata vai mudar o mundo.

— Eu não... — Não sobreviveria a tantas palavras cruéis.

— Sinto te informar, Nicolle, mas se isso resolvesse, eu teria comprado um livro de autoajuda e não precisaria lidar com as suas lágrimas.

Sim, elas já escorriam pelo meu rosto.

— Tudo que eu queria era te ver feliz, Kauã. Me desculpe por isso?

Senti meu autocontrole me abandonar e comecei a tremer da cabeça aos pés.

— Eu não quero ser feliz! Eu não mereço ser feliz! — gritou, antes de entrar no carro e me deixar para trás.

Ele me odiava. Era isso que eu desejava desde o começo daquele plano idiota. Mas odiava a vida e tudo que pudesse trazer felicidade também.

A minha vida não era um livro, onde tudo ficaria bem. Ele tinha razão, minha psicologia barata não servia de nada. Meus sorrisos não tinham mais importância e minha vida nenhum sentido.

Sentei-me em uma escada em frente da casa e fiquei olhando para o sol e pensando em quantos dias viveria e em como Kauã sofreria nessa vida. Mesmo com tudo que ele tinha feito, eu só conseguia pensar em como o queria feliz.



*ele e tao egoista que voce se pega pensando que se um dia um partir dessa vida,
que seja você. Pensar em viver sem o outro é insuportável.
E então o amor se mostra na forma mais pura
e você se lembra de que o outro precisa de você e suportar a dor da perda
talvez seja o melhor... para o outro.*

— Não fique assim, meu bem! — Amélia sentou do meu lado e colocou uma mão no meu ombro, gentilmente. — Ele nunca conseguiu superar a morte da mulher e se priva da felicidade.

— Amélia, eu preciso que você termine o que comecei! — Olhei para ela, não me envergonhando mais pelas lágrimas. — Kauã finge que vocês são culpados pela tragédia da sua vida, no entanto, só faz isso porque estar com vocês o ajudaria a ser feliz novamente e ele se recusa a isso. Só que algo dentro dele mudou, eu sei disso e preciso que você continue por mim.

— Não, Nicolle. Ele vai voltar atrás e ficarão bem. Dê um tempo e o perdoe.

Peguei na sua mão e a apertei entre as minhas. Só então pude olhar e ver como tinha tristeza por trás daqueles olhos. Aquela mulher tão elegante e dona de tantas coisas, no fim, não era feliz. Havia perdido tudo que tinha importância na vida.

— Não posso mais, Amélia. Estou indo embora e vai ser melhor assim para o Kauã. Só me promete que vai lutar por ele, preciso saber que ele vai ficar bem e...

Minha voz foi sumindo. Doía muito deixá-lo e doía ainda mais não saber se ele ficaria bem.

— Prometo. Sempre escutei o Felipe, que guardou tanto ódio pelo abandono do filho e acabei ficando com raiva do Kauã também. Agora vou fazer diferente. Vou lutar, vou ouvi-lo me xingar e bater a porta na minha cara quantas vezes forem necessárias.

Amélia começou a chorar. Cobriu os olhos com uma mão enquanto os soluços balançavam seus ombros. Acaricieei os seus dedos da mão que ainda mantinha entre as minhas.

— Acredito em você.

Levantei-me da escada. Era hora de partir.

— Vou mandar alguém a levar de volta para o Rio — Amélia falou, enquanto se levantava e enxugava as lágrimas, tentando se recompor.

— Obrigada.

Esperei que ela entrasse em casa e depois de alguns minutos, um homem apareceu para anunciar que me levaria até em casa.

No caminho até o Rio de Janeiro, tentei colocar meus pensamentos em ordem. Eu me sentia fraca e não tinha me alimentado. Quando o motorista perguntou onde eu morava, me dei conta de que já estávamos entrando na cidade e eu não tinha para onde ir. Pedi que ele me deixasse perto de um banco e aproveitei para sacar meu pagamento do mês.

Aquele dinheiro daria para eu pagar algumas diárias de um hotel.

Peguei um ônibus e fui até o hotel perto da fábrica, onde me hospedei da outra vez. Ele era ruim, mas era barato. Fui até a esquina e comprei um salgado antes de ir para o quarto.

Comi à força, porque fome eu não sentia há um bom tempo.

Olhei para o celular em cima da cama e fiquei com a esperança de que tocasse. Eu não atenderia, mas saberia que sentia saudades e estava se permitindo amar.

Não tocou.

Antes de anoitecer fui até o supermercado mais próximo e comprei algumas roupas e produtos de higiene. Novamente, tudo havia ficado na casa do Kauã e dessa vez, eu não voltaria para pegar.

Tomei um longo banho e exausta me deitei. O sono foi bem-vindo.

Acordei com uma dor de cabeça terrível e sem conseguir abrir os olhos, de tanto que doíam. Puxei o braço para me libertar de alguma coisa que eu não sabia o que era e senti algo me espetando.

— Ai, meu Deus, onde estou?

Fiz um esforço sobre-humano e não consegui entender nada. Estava em um hospital.

— Ei, alguém pode me ajudar — chamei. — Por favor? — falei mais alto.

— Oi, Senhorita Nicolle? — uma enfermeira falou, consultando uma ficha pendurada na minha cama — Se sente melhor?

— Eu não... não sei onde estou, o que houve?

— Precisamos que você nos dê o telefone de algum parente ou amigo. Você precisa de ajuda.

— Preciso só saber o que aconteceu comigo.

Tentei me levantar, apoiando os braços na cama.

— Melhor não tentar fazer isso. Você está muito fraca e precisa descansar. Você foi encontrada pela camareira do hotel, depois do que imaginamos ser mais de um dia desmaiada.

Coloquei as mãos sobre a boca, chocada. Meu trabalho, minha vida...

— Você vai ficar bem, mas precisamos que me dê o telefone ou endereço de alguém mais próximo.

— Eu não tenho ninguém e já sei que estou morrendo. Estava esperando atendimento do Plano de Saúde.

— Você chegou com o sangue muito alterado e precisou de muitas bolsas de plasma. Estava fraca. Vai precisar ficar alguns dias por aqui, mas não vai morrer. Vou chamar o seu médico e ele vai explicar melhor.

Antes de sair, ela pegou um celular que estava dentro da gaveta de uma cômoda ao lado da cama.

— Não parava de tocar, por isso desligamos. Se quiser ligar para alguém, faça isso. Será bom para você ter um apoio.

Peguei o aparelho, trêmula e o abracei no meu peito. Era ele, eu tinha certeza.

Liguei e esperei impaciente. Assim que as informações apareceram na tela, pude constatar. Tinha centenas de chamadas perdidas dele. A bateria estava quase acabando. Considerei isso uma boa coisa. Se eu ficasse com ele o dia todos nas mãos, acabaria fraquejando e ligando para o Kauã.

Será que ele tinha mandado mensagens? Com os dedos trêmulos, cliquei e lá estavam, todas as mensagens dele piscando na tela.

Kauã

Não dá para pedir desculpas. Tem coisas que são imperdoáveis. Só me diz que está bem, onde está, como tem passado, só me diz alguma coisa?

Eu só preciso saber que você está bem e depois você nunca precisa falar comigo. Eu entendo perfeitamente. Sei da minha capacidade de estragar tudo e te ferir.

Não me torture mais. Diga que ao menos está se alimentando e tem um teto para te abrigar, que não seja na casa do seu pai.

Por favor, Nicolle, minha vida depende da sua resposta.

Seu Ogro.

Tá certo, me desculpe.

Você não é só uma psicologia barata ou um livro ambulante de autoajuda. Você faz isso também, mas é muito, muito mais que isso.

Para mim, Nicolle, você tem sido tudo.

Meu coração e meu pulmão.

Você é o meu sorriso. Então me liga.

Sorri entre as lágrimas, eu queria tanto ele ao meu lado. Queria abraçá-lo e dizer que tudo estava bem, só que nada estava bem.

Sem remetente:

Tem um parque de diversões aqui perto de casa. Você quer vir, sem compromisso? Juro que nem falo com você. Se divirta e depois te levo para casa.

Me liga.

Kauã, seu ogro (agora em pele de ovelha).

Hoje fui ao seu trabalho e eles me contaram que faz dois dias que você não aparece e nem telefona. Nicolle, eu sei que você não perde um dia de trabalho. Se não me ligar até a meia-noite de hoje, vou entrar com um pedido de busca na polícia. Anunciar que você está desaparecida e depois que te encontrar, vou pessoalmente colocar as algemas nos seus braços e você nunca mais vai sair da minha cama, entendeu?

Você sabe que não brinco em serviço. Sabe também que cumpro minhas ameaças. Então liga.

— Olá, Nicolle, sou Dr. Macvanel! — um jovem médico me estendeu a mão.

Desajeitada, tentei limpar as lágrimas e acabei passando o celular pelo rosto. Com a outra mão estiquei para cumprimentá-lo e quase derrubei o pedestal que segurava o soro.

— Vejo que já está melhor — ele falou tentando conter as risadas — Fico feliz. Você quase morreu, Nicolle. Você vinha se cuidando?

— Recebi o diagnóstico há alguns dias e estava esperando a vaga pelo Plano de Saúde.

— Que diagnóstico recebeu? — perguntou confuso.

— De que estou com leucemia e devo morrer em breve. O médico me adiantou. Assim posso escolher o meu caixão e talvez a roupa que vou usar no meu velório. Eu acho que tenho o direito de uma roupa nova para ser enterrada, não acha?

Sorri ao ver sua cara de choque. Ia dizer para ele ficar calmo, que eu sabia lidar perfeitamente bem com o meu fim. Será que eu sabia?

Ele ergueu uma sobrancelha e seu olhar foi de choque para espantado e depois para divertimento em questão de segundos.

— Realmente você vai morrer. Todos nós vamos. É a única certeza da vida, mas espero que antes você fique bem velhinha e enrugada. Você não tem leucemia, Nicolle. Você está apresentando um quadro grave de anemia e vai precisar de tratamento, mas não está com leucemia e nem com os dias contados. Quero saber quem falou isso para você. Quero o nome.

Calma!

Respira Nicolle!

Senti o ar faltar.

— Como assim você vem me dizer agora que eu não estou morrendo? — berrei.

— Olha, eu achei que era uma boa notícia.

Descontrolada, puxei o jaleco dele e com olhar mortal, continuei.

— Obviamente que a notícia é ótima. Eu não estava feliz em morrer, no entanto, eu passei dias lidando como isso, e simplesmente... eu, eu...

Comecei a chorar. De alívio, de medo que eles estivessem enganados e me dando falsas esperanças, medo de tudo. Medo do futuro.

Eu tinha me apegado à morte e agora estava perdida.

— Olha, me solta, por favor — ele agarrou minhas mãos delicadamente —, se quiser morrer, é tranquilo fazer isso sozinha. Pontes, prédios, veneno, sei lá, mas...

— Não quero morrer. Eu quero a verdade. Como uma simples anemia pode ser confundida com uma doença terminal?

— É o que quero descobrir. Por isso quero nomes depois. E não é uma simples anemia. Você quase morreu porque não procurou ajuda. Anemia não é uma simples condição, Nicolle. Ela pode matar se não for diagnosticada e cuidada. Você é irresponsável com sua saúde.

— Não. Eu sou pobre em um país onde a saúde não funciona e onde os Planos de Saúde são formas de arrecadar dinheiro da população. Então não diga o que você não sabe, vestido nesse seu jaleco de rei.

Ops! Eu estava descontrolada. Entendam que eu descobri que não vou morrer e preciso lidar com isso. A notícia é maravilhosa, eu sei. Só preciso me acostumar.

— Você precisa de tratamento. Precisamos saber a causa de uma anemia tão grave e você vai passar meses em tratamento.

— Mas não vou morrer!

— Pode morrer a qualquer minuto. Infarto, acidente, assassinato. É a lei da vida. Não posso te garantir que não vai morrer. Apesar de ser o rei do jaleco, não sou Deus.

— Isso eu já percebi. Deus não pode ser tão chato.

Ele me lançou um olhar de curiosidade e não conseguiu esconder um sorriso.

— Vou pedir para fazer alguns exames mentais também. Nunca conheci alguém que fizesse tanto escândalo quando descobriu que não morreria e tratasse médicos tão mal.

E eu sorri. Para ele e para a vida.

Eu me lembrei de alguém, também. Certo senhor músculo. As coisas agora tinham mudado e ele me pagaria por me deixar para trás.



*nao se poae mentir para o coracao.
Pode até o enganar por um tempo,
mas o tempo... Esse é fiel ao coração.*

Já que eu não estava morrendo, comecei minha nova vida enviando uma mensagem para o Kauã, depois de mendigar por um carregador de celular com todas as enfermeiras. Não queria meu nome no próximo noticiário e ele era bem capaz dessas coisas por controle. Eu era uma bonequinha que ele brincava e depois descartava, em qualquer lugar.

Saber que eu não morreria mudava tudo. Eu me preocupava tanto com ele, que ficasse bem, se perdoasse, mas agora eu queria que ele morresse, isso mesmo. Queria que ele fosse para a \$&\$#. Só para aprender a dar valor à vida.

Nicolle, sua barata...

Senhor Markes, eu estou bem, na verdade ótima.

Se você não me achou em lugar algum, que tal procurar na casa dos seus pais, que eu lembre você me deixou lá, feito uma barata tonta, e saiu gritando para o mundo que não me queria.

Ops! Devo ter te ofendido, me desculpe, você é muito importante é prepotente, né, senhor músculo?

Bom, eu saí de lá e advinha, estou vivendo a minha vida. Talvez eu até tenha conhecido alguém mais legal que você, afinal isso é tarefa fácil. Você é o cara mais chato que já conheci na vida. Então vá procurar o que fazer e me deixe ser só uma barata. Estou cansada de ser sua barata tonta.

Beijos nos seus músculos, porque tirando isso, nada mesmo se aproveita em você.

Era muito cruel. Por isso apertei o botão de enviar com um sorriso no rosto.

A vida estava me dando outra chance e eu agarraria com toda a força do mundo. Eu encontraria meu amor como dos livros e esqueceria aquele babaca.

Então porque será que eu não me sentia melhor depois que o descartei? Por que será que meu coração doía e eu só conseguia pensar nele?

— Enfermeira — gritei quando vi uma passando em frente à porta do meu quarto.

— Será que você pode chamar meu médico. Eu não estou bem.

— O que você sente, meu bem?

— Estou com dor no coração. Muito forte. Preciso mesmo do médico, aquele que usa um jaleco de rei, sabe.

Ela me encarou sem entender.

— Vou verificar quem está cuidado de você e se ele estiver aqui de plantão, eu mando chamar!

— Certo. Obrigada.

Estava ficando entediada de passar o dia todo nesse hospital. Eu queria andar, correr, trabalhar. Eu estava me sentindo viva.

Eu queria ter alta. Urgente!

— Me chamou?— perguntou o médico, finalmente vindo me socorrer.

— Sim. Estou com problemas. Pode me ajudar?

Ele tinha um ar de jovem imprudente. Acho que nos daríamos bem.

— Se você me disser o que tem, posso fazer o possível para tentar resolver. Eu sou quase um Deus, lembra? — ele sorriu, pegando no jaleco.

— Meu coração está doendo muito e não consigo me livrar dessa coisa desagradável!

Com o estetoscópio nas mãos, ele se aproximou e colocou em cima do meu coração, em silêncio. Fiquei esperando ele dizer que tinha algo muito errado, que ele estava partido ao meio, porém um remédio consertaria tudo.

— Como exatamente é essa dor, Nicolle?

— Hum... não é constante, aparece algumas horas do dia, sempre quando estou sonhando acordada e um aperto no meu peito faz com que eu tenha vontade de chorar. O que eu não faço, obviamente.

Com olhar pensativo, ele abriu um pequeno sorriso.

— Isso é dor de amor, menina. Seu coração está bem, pelo menos fisicamente.

— Então será que você pode me dar alta? Eu preciso resolver essa dor com um soco na cara de alguém. Posso sair agora?

— Amanhã. Hoje você continua aqui. Está pálida ainda, Nicolle. Não pode se levantar e sair por aí brincando de praticar boxe. Vou repetir seus exames de sangue e se os resultados forem favoráveis, amanhã cedo assino sua alta.

Senti vontade de gritar e dizer que não, queria ir embora agora, até me lembrar de um detalhe: eu não tinha casa e ficar no hospital significava economizar dinheiro do hotel.

Decidi explorar meu celular para ver se a hora passava. Por um milagre incrível eu tinha créditos absurdos para gastar e internet para o resto da vida. Eu imaginava que esse milagre tinha um nome. Como Kauã tinha me dado o celular, devia manter a conta e todos os benefícios em dia.

Baixei alguns programas como Facebook, Instagram e WhatsApp. Fui uma garota que nunca aproveitou o que a vida proporcionava e era uma aberração ambulante. Quem nesse século não tinha WhatsApp no celular? Pois bem, a antiga Nicolle não tinha.

Passei o dia me atualizando nas redes sociais e quando escureceu eu já tinha perfil no Facebook, Instagram e sido adicionada em alguns grupos no WhatsApp. Impressionante a tecnologia.

Meus dedos coçavam para buscar alguma coisa do Kauã. Controlei-me ao máximo e tudo que fiz foi ver se ele estava online e estava. Não resisti e abri a foto do perfil. Acabei salvando na galeria e usando como papel de parede. Foi só isso!

Para tentar me lembrar dos meus propósitos e convicções, digitei no Word do celular a lista de todas as qualidades do meu amor como dos livros, só para me lembrar de que ele não se encaixava em nada.

Senti vontade de dormir abraçada ao celular, mas resisti. Isso já estava ficando ridículo. Eu não era uma adolescente boba e imatura. Era só boba e imatura, não mais uma adolescente.

Adormeci como sempre sonhando com alguém em especial.

O outro dia amanheceu lindo, já que às oito da manhã recebi um pacote de remédio, um cartão pessoal do meu médico e a minha alta. Achei que poderia estar melhor se eu não estivesse sentindo tonturas, fraqueza e tivesse algum lugar para ir.

Acabei optando em pegar um táxi, indo para o trabalho levar meu atestado médico e garantir que eu tivesse onde trabalhar ainda. Fui chamada até uma sala onde assinei alguns papéis, entreguei o atestado e garanti que voltaria no outro dia ao batente. Firme e forte.

Uma nova Nicolle estava nascendo.

Quando coloquei os pés para fora da empresa, sem saber aonde iria, olhei

para o céu e vi como estava azul e o sol reluzente.

Sorri.

Sorri para a vida.

Como uma música começando bem e terminado desafinada, meu sorriso foi se apagando, quando meus olhos pousaram sobre um rosto muito conhecido, que me esperava, plantado em frente ao seu carro de luxo.

De camisa preta dessa vez.

Virei as costas e saí correndo. Eu sei, eu era maluca mesmo, porém se ele chegasse perto eu ia ceder, tinha certeza.

Eu só me esqueci de uns detalhes: tinha acabado de sair de um hospital, nunca tinha corrido mais que dois quarteirões sem morrer de cansaço e *fitness* era uma palavra que não existia no meu vocabulário. E Kauã era um Delegado de polícia, treinado para correr atrás de bandidos.

E bandida era como eu me sentia, correndo dele. Como a primeira vez que o vi. Então, estava na hora de me lembrar de tudo isso e encarar a realidade. No entanto, meu cérebro não processou essa parte e continuei correndo, até colidir com uma parede.

Uma parede de músculos!

— O que será que devo fazer nesse momento? Deixe-me pensar? — Ele colocou um dedo no queixo, pensativo. — Coloco você no carro e a levo para casa ou aproveito e te dou umas palmadas aqui mesmo, até você deixar de ser tão inconsequente?

Afastei-me, colocando as mãos na cintura, inconformada.

— Só pode ser piada né, alguma pegadinha? Primeiro você vai entender que NUNCA mais encosta um dedo em mim. Depois, vai lá à casa da sua mãe, ver se estou por lá onde me deixou.

Virei as costas e saí andando na direção contrária.

— Nicolle! — ele gritou. — A nossa conversa não acabou.

— A nossa conversa terminou faz tempo. Quero que você vá se ferrar!

— Me desculpe, tá? — Gesticulou com os braços. — Errei, fui um idiota como você diz. Mas eu a amo e não consigo ficar sem você. Será que pode voltar para casa?

— E o que você vai fazer comigo na sua casa? Me levar para cama, aproveitar uns dias até você ter outra crise de consciência e acabar que não

merece ser feliz. Aí me expulsa novamente, me joga fora da sua vida e pronto? Simples assim. Para com isso, Kauã. Eu não sou um brinquedo!

— Nunca achei que você fosse. Se considerasse isso, diria que você é uma montanha-russa que me coloca constantemente em picos de emoções que não sei como lidar. Mas estou disposto a aprender. Só você pode me ensinar.

Seus olhos estavam fixos nos meus, me deixando por um segundo me envolver naquele mar que me corroía por dentro.

Balancei a cabeça.

— Não. Eu não quero te ensinar nada. Quero só seguir a minha vida, sem você.

— Isso não vai ser possível. Sei que você me ama.

— Amor não é o suficiente. Minha mãe ama o meu pai e vive uma vida miserável por isso. Precisa-se muito mais que amor.

Ele me pegou pelos ombros, me forçando a olhar para ele.

— Eu não sou seu pai. Não me compare com um covarde que bate em mulheres para se sentir melhor.

— Você faz diferente, mas é covarde da mesma forma. Você se esconde atrás daquele acidente, diz que não merece ser feliz e assim segue a vida. Só que você esquece que deixa um rastro de sofrimento para trás, se esquece de que não foi o único que perdeu. Você perdeu a mulher e o filho. Seu pai e sua mãe perderam a nora, o neto e o filho.

— Não, eles não sabem...

— Eles não sabem o quê? O que é sofrer? Você acha que é o único que sofre. Você se coloca nessa posição de superior, mas fica o tempo todo se achando a vítima, que precisa se punir e sofrer. Olha para o lado, Kauã? — Fiz um círculo imaginário com os dedos. — Tem um mundo ao seu redor, pessoas que dariam tudo para se levantar de uma cama e ter a oportunidade de sobreviver por mais um tempo. Pessoas que lutam todos os dias para permanecerem vivas, porque a vida está chegando ao fim, muitas vezes por uma doença boba, que as tira desse mundo sem aviso. Enquanto você se enterra todos os dias, desperdiça a chance que a vida te deu de abrir os olhos novamente. Uma chance que a sua mulher e o seu filho não tiveram. E você desperdiça!

Tentei controlar minhas emoções, que já tomavam todo o meu ser. Mordi os lábios, controlando as lágrimas.

— Não sou obrigado a ouvir tanta coisa idiota! — falou me dando as costas.

— Isso. Me dê as costas como você faz com tudo que é importante na sua vida. Continue olhando para o seu próprio nariz.

Era isso então. Como estava previsto. Não era para dar certo, nunca foi. Têm algumas coisas na vida que não estão predestinadas. No caso da minha, era a felicidade que não foi programada para existir.

Mas eu estava viva. Isso tinha que bastar por enquanto.



O problema é que muitas vezes não se pode fugir do que está dentro de você.

Precisava resolver minha vida e isso dependia exclusivamente de mim. Nada de ficar esperando caridade, voltar chorando para casa, ou esperar um certo alguém ter um coração que não existia.

Fui ao banco onde tinha conta e recebia meu pagamento e no caixa eletrônico mesmo consegui um pequeno empréstimo, com juros abusivos, obviamente, mas era a única solução. Todos os meses, viria descontado uma quantia significativa do meu mísero salário. Só que eu não vi outra solução.

Com o dinheiro em mãos, fui até uma imobiliária e consegui alugar uma quitinete perto do trabalho. O lugar ficava a seis quadras da fábrica e eu não precisaria gastar com transporte. Deixei três meses de aluguel adiantados, assinei o contrato e por fim peguei a chave. Eu tinha um lar agora.

Passei em uma loja de móveis e comprei o necessário para começar a minha vida, uma cama, um pequeno guarda-roupa, geladeira, fogão, uma mesa e uma televisão que me dei ao luxo.

Já fui para o apartamento com o caminhão da loja. Depois de tudo colocado no lugar, abri um sorriso. Era bom ter coisas suas e pela primeira vez na vida não depender de ninguém. Não era ruim depender das pessoas, o ruim era escutar alguém jogando isso na sua cara todos os dias e a insegurança de não ter onde morar quando o dia amanhecesse.

Fui ao hipermercado próximo, comprei mantimentos, algumas roupas para mim, roupas de cama e mesa e um vaso de flor para alegrar o ambiente. Quando o dia terminou, estava exausta, mas na minha casa. Eu tinha um lar. Era um ovo, na verdade, mas era meu lar.

Bati palmas, dei alguns gritos de alegria e caí na cama, chorando até adormecer. Uma contradição absurda de sentimentos.

Alegria e medo misturados. Eu tinha uma chance de viver, estava com medo, assustada, desesperada por estar sozinha, mas feliz por estar viva.

Quando o dia amanheceu, chequei o celular para ver se não tinha nenhuma mensagem do Kauã. Não tinha. Ele tinha, por fim, entendido que não dava certo. Tinha desistido.

Fingi que aquilo não me afetava.

Fui para o trabalho, decidida a esquecer de tudo aquilo. Eu precisava ter

uma vida normal. O que falta para você, Nicolle, é ter amigas. Isso! Um bando de amigas para ir para a farra, encher a cara e acordar de ressaca.

Eu sempre escutava o pessoal combinando saídas para bares depois do expediente. Nunca aceitava e nem me envolvia com aquilo. Isso precisava começar a mudar.

— Ana? — chamei uma moça que trabalha na mesma máquina que eu, costurando bancos de motos. — Vocês ainda costumam ir para aqueles barzinhos depois do expediente?

— Sempre! — falou sorrindo. — Hoje mesmo é aniversário de um dos meninos e combinamos de ir ao Maracae, um barzinho superagitado aqui perto.

— Seria estranho se eu aparecesse por lá?

— Estranho é você nunca ir. Precisa se divertir, garota. A vida é curta.

Exaltante isso. A vida era curta.

— Você vai com quem?

— Vou com a Betani, do almoxarifado. Ela está de carro. Pode vir com a gente. Depois ela sempre nos deixa próximo a algum ponto de ônibus.

— Combinado! — Fiz um joia com a mãos.

Isso aí, garota. Vamos viver a vida, regada à tequila.

Quando o expediente terminou, acompanhei a Ana até o estacionamento, onde nos encontramos com a Betani, uma loira linda com um sorriso gigante no rosto e uma simpatia de dar inveja. Gostei dela de cara.

Entramos no seu carro, um gol simples, mas bem novo. Quanto eu tivesse com a minha vida mais estabilizada, tiraria carta e compraria um carro bem velhinho. Eu estava cheia de sonhos e planos pela primeira vez na vida.

O bar era bem perto, um local aconchegante e pouco movimentado. Uma grande mesa já estava reservada para o pessoal onde um garçom nos acompanhou até lá.

Fiquei sem cor quando percebi que o aniversariante da noite era o Leandro. O cara das desculpas dos velórios. O cara que me viu ser arrastada pelo Kauã. Ah!

Que raiva. Por que tudo tinha que ser tão complicado?

Ele abriu um sorriso quando me viu. Na verdade, um grande sorriso. Aproximei-me e dei um abraço, constrangida, o cumprimentando pelo aniversário.

— Senta do meu lado, Nicolle? — Puxou uma cadeira.

— Claro.

— O que quer beber? — pediu puxando assunto.

— Não sei. Nunca saí para beber. Quero algo bem cheio de álcool e doce.

— Oh, oh. Acho melhor ir devagar! — disse piscando o olho.

Estávamos flertando? Era isso? Porque ele me olhava com cara de bobo e eu tentava sorrir. Lembrei-me de como o Kauã faria se eu pedisse uma bebida forte. Com toda certeza ele enrugaria a testa, diria...

Ah, meu Deus dos homens imbecis!!! Eu tinha que esquecer aquele homem de qualquer forma.

Nicolle, se concentre em encontrar qualidade no Leandro.

— Pedi uma caipirinha de morango, mandei colocar bastante vodka e açúcar. Acho que vai ficar do seu gosto — falou me chamando de volta para a Terra.

— Ótimo. Vou adorar.

Eu gosto de coisas fortes. Músculos, principalmente. Focando no Leandro, reparei que ele era bonito, os braços precisavam de um pouco de academia. Um treino pesado por alguns meses resolveria o problema.

— Nicolle, o que aconteceu que te trouxe para o nosso mundo, garota? — a Betani perguntou enquanto virava uma caneca de Chopp.

— Percebi que a vida é muito curta. Pretendo viver vinte anos em um.

— Achou a companhia certa, toca aqui! — Ergueu o braço e deu um soco na minha mão. — Sexta tem boate e sábado tem festa do sabão na casa de um amigo.

— Nossa, que vida agitada.

O garçom colocou meu copo de bebida na mesa e já virei um gole, sentindo a garganta queimar.

— Vamos mais devagar com isso aqui! — o Leandro alertou. — Já está ficando vermelha.

Ele tocou meu rosto com as mãos. Se fosse em outro momento eu daria um tapa na sua cara por ser tão invasivo. Porém, a nova Nicolle sorriu.

Senti minha nuca arrepiar, como se tivesse um olhar sobre mim. Uma sensação muito conhecida quando o Kauã estava por perto. Balancei a cabeça.

Isso era loucura. Tomei mais um gole, prestando atenção na piada que a Betani contava. Ela era o centro das atenções e fazia isso com tanta naturalidade que invejava.

— Meu Deus, não olhem agora! — interrompeu a piada, se abaixando na mesa para cochichar. — Acabou de entrar um deus grego no bar e ele está encarando nossa mesa. Ai — ela se abanou —, nunca vi nada tão perfeito.

Todas as meninas caíram na gargalhada. Os homens sorriram com deboche.

— Não estraga a festa, Betani! — um deles falou.

— Podem olhar — a Ana falou. — Ele está no celular, não está prestando atenção.

Então olhei. Meu mundo parou. Congelei. E depois fervilhei de ódio.

Ódio dele por estar aqui, me seguindo e ódio de mim por ser incapaz de fechar a boca diante da beleza daquele homem. Ele tinha a expressão séria, falando ao telefone. Parecia irritado. E por todos os meus pecados, estava de camisa branca, agarrada no seu corpo perfeito, com vários botões deixando seu peito à mostra.

— Nicolle, pode parar de babar, meu bem, eu vi primeiro — a Ana brincou. Sorri, constrangida.

A conversa, a risadas e as bebidas, rolavam livremente na mesa. Mas a minha festa tinha acabado.

— Preciso ir ao banheiro! — falei, pedindo licença e arrumei a desculpa para me afastar.

Fui até o banheiro, com vontade de arrebentar alguma coisa. Olhei-me espelho só para conferir se estava com boa aparência. Tudo parecia bem. Fazia poucos dias que tinha saído do hospital, então dava para o gasto apesar da cansaça aparente. Só então me dei conta de que estava ingerindo álcool e tomando um monte de medicamentos. Isso não daria certo.

Que se dane! Cansei de fazer tudo certo.

Soltei os cabelos que estavam presos com um laço e chacoalhei. Melhorou.

Sorri para o espelho e voltei para o ataque. Só que não! Tinha mais alguém sentado à mesa. Alguém muito irritante.

Isso mesmo, ele estava sentado ao lado da Betani e falava alguma coisa no seu ouvido, fazendo-a sorrir.

Ele também sorria. E ele nunca sorria!

Eu só tinha uma certeza. Alguém morreria esta noite!



mas nao ha mal nenhum em desejar ter tudo.

— Deixa eu te apresentar mais uma amiga — Betani falou quando me aproximei da mesa. Não ia fugir como uma covarde.

— Isso, baby, quero conhecer todas as suas amigas.

O quê? Baby? Eu tinha escutado direito?

— Esta é a nossa mais nova companheira de balada. Nicolle, da produção. — Ela estendeu a mão, me apontando. — E esse é o Dr. Markes, nosso delegado. Ele acabou de garantir que vai ficar aqui na mesa para não deixar ninguém perder a linha. Quem perder vai ficar algemado, a noite toda.

Todos caíram na gargalhada. Menos eu.

— Por isso, garçom — Betani gritou —, quero uma garrafa de Tequila. Preciso perder completamente a linha.

Sentei-me ao lado do Leandro, e virei o primeiro copo que achei na mesa. Algo horrível e muito forte.

— Essa vodka era minha, mocinha! — Leandro advertiu.

Eu sentia os olhos do Kauã sobre mim, mas não retribuí o olhar. Iria ignorá-lo.

— Pelos seus olhares, sempre achei que o que era seu poderia ser meu — respondi maliciosamente, já um pouco alterada pela bebida.

Delicadamente, seus dedos tocaram meu rosto, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Tira as mãos dela, agora.

Leandro me olhou assustado.

— Esse não é o cara do encontro, seu irmão? — sussurrou.

— Não. Nunca vi na vida — respondi alto para que o Kauã ouvisse. — Você está com algum problema? — perguntei.

— Tirando a vontade de matar alguém, tudo ótimo.

— Então por que está pedindo para meu garoto tirar as mãos de mim?

Abri um sorriso, esperando a resposta.

— Garoto? Nossa! Quantos anos você tem?

— Depende da companhia. Eu tive um namorado tão chato que quando

estava com ele me sentia uma velha, sabe, naqueles programas caretas.

Eu achei que morreria com o seu olhar de raiva, mas eu não me deixaria intimidar. Todos na mesa pareciam chocados em meio ao fogo cruzado e até a Betani estava sem palavras.

— É... vocês não querem deixar isso para depois? — falou tentando quebrar o clima constrangedor.

— É só você pedir para o seu delegado me deixar em paz — retruquei.

— Algum problema com a minha amiga aqui, Kauã? Porque ela tem prioridade na mesa — Betani falou o reprovando.

— Nenhum. Ela só estava perdendo a linha e decidi intervir.

— Você quer algemar a Nicolle? — Ana gritou batendo palmas, entusiasmada. — Betani, você perdeu essa, mulher.

Todos começaram a rir. As bebidas foram servidas novamente.

— Fique tranquila, Betani! — falei entrando na brincadeira. — Ele não faz o meu tipo.

— E qual o seu tipo? — Kauã perguntou, jogando um copo no chão, fazendo estilhaços voarem para todos os lados.

Oh!

Ele tinha ultrapassado todos os limites.

Levantei da mesa, irada. Apontei o dedo na sua cara e o show continuou.

— O meu tipo são homens fortes, não covardes. Homens que enfrentam tudo por seu amor, enfrentam seus medos, seus fantasmas, seu passado. Tudo. Colocam tudo em algum lugar bem distante e lutam por seu amor. Meu tipo é um homem honrado, decente, que respeita uma vontade de uma mulher e quando ela diz não, é não! — Eu não tinha mais controle, as palavras eram rudes, duras e banhadas por minhas lágrimas. Eu despejava tudo sem ter coragem de olhar nos seus olhos. — Meu tipo é um homem que dá valor à vida, a vida que quase me foi negada, um homem que me abraçaria quando tudo no meu mundo desabou, que estaria lá para me apoiar quando achei que morreria. O meu tipo, Kauã, é um homem que me ame acima de tudo. E nunca, nunca me abandona. Eu preciso de alguém que me dê a certeza de que não vai acabar a qualquer momento, que não vai me deixar na próxima esquina. Um homem que não abusa do seu trabalho para impor as coisas, que não usa uma fachada para esconder a sua vida de merda. Eu preciso de um amor, não só de um homem.

Passei a manga da blusa no rosto, envergonhada pelas lágrimas e por toda a situação. Todo mundo olhava, sem entender. Então olhei para os seus olhos, brilhantes pelas lágrimas acumuladas e não suportei mais. Saí correndo de lá, desnorteada.

Eu o amava tanto, que tinha vontade de jogar tudo para o alto e correr para os seus braços.

Eu o amava, a ponto de desejar voltar lá e secar cada lágrima dos seus olhos. Eu amava muito mais que a mim mesma.

Só que não era recíproco. Precisava de garantias. Tudo na minha vida tinha sido frágil, estável, sem amanhã. Não poderia mais viver com aquela insegurança. Isso me mataria. Tinha que existir alguma solução para o amor. Se ele era colocado dentro do nosso coração, tinha que sair pela mesma porta que entrou, nem que eu precisasse abri-lo à força.

— Nicolle, espera! — chamou, assim que coloquei os pés calçada afora. — Me dá uma chance, só uma chance de falar com você, por favor.

Derrotada por seu apelo, me virei.

— Só uma chance. Eu não toco em você, juro, eu nunca mais te procuro, só me dá uma chance de falar com você. Não suporto ver alguém te tocando — ele disse, e houve algo na sua voz que beirava desespero.

Continuei em silêncio. Se dissesse alguma coisa, choraria feito uma fonte.

— Errei, já pedi perdão, tentei ficar longe, tentei te esquecer... eu tentei de tudo, Nicolle... — ele balbuciou meu nome com voz trêmula —, mas não se pode esquecer da sua vida e você... você é a minha vida. Eu já perdi tudo o que tinha. Não posso, não quero te perder. Eu sei que não mereço você, que não mereço ser feliz, mas eu quero tentar.

— Tentar não basta, Kauã. Eu preciso de acertos, certezas. Não de tentativas. Não dá pra viver na corda bamba. E se amanhã eu acordar doente, como vai ser? E se existir a possibilidade de você me perder, o que vai fazer?

— Não existe essa possibilidade. A vida não vai tirar mais nada que é meu. Não vou deixar. A outra vez foi diferente. Eu não priorizei e a vida me castigou. Eu tive escolhas e fiz a errada.

Meu Deus, como ele podia não enxergar a verdade? As coisas aconteciam porque a vida é assim.

— Não se pode amar se você não souber perder. Você tem que amar infinitamente, dar valor todos os dias, se preparando para perder. Quando isso

acontecer, você vai saber que deu valor, que fez tudo que podia e que você não perdeu, você ganhou uma vida ao lado da pessoa que amava. Porque a vida, mais cedo ou mais tarde tira as pessoas que a gente ama.

A minha vida era assim. Eu tinha perdido meu pai para a bebida e minha mãe para um amor doentio. E aquelas palavras que eu dizia eram um tapa na minha cara também, porque no fundo eu era covarde como Kauã, estava fugindo desse amor porque não aceitaria perder novamente.

— Jurei que nunca mais gostaria de sentir a dor da perda, então desisti de amar. Até você chegar, até você sorrir e me abraçar. Você me fez sorrir novamente. Isso tem que ter algum valor para você.

Neguei com a cabeça. Eu sabia que era o melhor. Amá-lo com todo o meu ser, sabendo que eu morreria em breve, era muito mais fácil do que amá-lo sabendo que eu tinha uma vida pela frente, e que parecia insuportável sem ele ao meu lado. Isso pioraria cada dia mais. Ficaria mais intenso a cada segundo e, então, quando olhasse para uma foto, uma lembrança do passado, ele me abandonaria e eu não suportaria.

A covarde sempre fui eu.

— Quando eu era adolescente, fiz uma lista de todas as qualidades que gostaria em um homem. Eu sonhava com o meu amor como dos livros que eu lia para fugir da minha realidade. — As lágrimas escorriam pelo meu rosto sem vergonha e soluço escapou. — E você... você não se enquadra em nenhuma das características. Você não é o homem que eu sonhei.

As palavras cruéis eram para colocar um fim. Precisava começar uma nova vida e colocar fim naquilo seria meu recomeço.

— Eu nunca listaria seus defeitos ou qualidades, Nicolle. Não há um livro neste mundo que descreva você. E não há palavras que descrevam o meu amor. Espero que quando você compreender isso, meu coração não tenha se fechado novamente, porque quando isso acontecer será um caminho sem volta.

Seus olhos úmidos se fixaram nos meus, por alguns segundos, ou minutos, não saberia dizer. Estava olhando para a minha alma e quando virou as costas, levou o meu coração.



*as lembranças se tornam as maiores companheiras...
Isso quando não suas inimigas.*

Chegar ao trabalho foi quase uma tarefa impossível. Meu corpo estava péssimo, a fraqueza me perseguia e tinha uma leve impressão de que isso tinha a ver com remédios, bebidas e falta de alimentação.

Outro problema era encarar o pessoal do trabalho. Quando, por fim, eu encontro amigos, dou um show de louca e pronto! Tudo acabado.

Como uma criminosa, trabalhei o dia todo evitando a Ana e o Leandro, o que era quase impossível já que eles trabalhavam no mesmo galpão que eu. A Betani era mais fácil, já que antes de ser apresentada a ela, nunca a tinha visto. Mas como o destino não era muito meu amigo, depois do almoço me colocaram para levar algumas caixas até o almoxarifado. Isso mesmo!

Inconformada, peguei a primeira caixa e fui para a força.

— Senhor Destino, espero que você esteja rindo muito nesse momento e que isso faça você passar mal para o resto da semana. Também espero que depois disso você se encontre com o Deus dos homens imbecis e vocês encontrem outras coisas para fazer que não atrapalhar a minha vida — falei alto, irritada.

Dei um chute na porta do almoxarifado que estava fechada.

A Betani estava lá, como previsto, confirmando as entregas que chegavam.

— Oi, Nick! — Abriu um sorriso ao me ver.

Desde quando eu era Nick para ela? Eu lembro que disse ter gostado dela e tudo mais, até ela dar em cima do meu ex. Eu também sei que é ex, mas ex de amiga é lobisomem. Todas deveriam ficar longe. Não precisa me lembrar de que ela não sabia que Kauã era meu ex.

Abri um sorriso gigante, indo ao seu encontro.

— Oi, Betani, não esperava te encontrar aqui. Claro, você trabalha aqui e é supernormal você estar aqui. — Nicolle contando mentiras. Ai, como eu era boba.

— Foi ótimo te ver hoje. Eu ia te procurar, deixado o expediente.

— Que tal se esquecer daquele episódio do bar? — pedi, inclinando a cabeça, tentando ser meiga.

— Queria só te pedir desculpas, Nick. Eu não sabia que você o conhecia, muito menos que vocês tinham um rolo, sei lá o quê, juntos.

“Rolo” era uma definição ótima para a minha relação com o Kauã. Então por que será que odiei escutar isso da sua boca?

— Não precisa pedir desculpas. Aquilo é um passado sem importância.

— Pode até ser passado, mas um pedaço de mau caminho como ele nunca será sem importância — completou, fazendo com que eu pensasse em matá-la.

— Me desculpe de novo. Eu não quis ser indiscreta, mas...

— Tranquilo, Betani, de verdade, aquilo é passado.

Abri mais um sorriso forçado, daquele que suas bochechas doem e seus músculos gritam por socorro ao serem forçados em excesso.

Coloquei a caixa em cima da mesa, disposta a sair dali o mais rápido possível.

— Então você não vai se importar se ele me levar para o baile do sabão no sábado, não é?

O QUÊ? COMO ASSIM?

— Ele me entregou um cartão. Ligue para ele ontem mesmo, pedindo desculpas por todo o transtorno e para saber se ele estava bem. Acabamos no telefone por horas e eu o convidei para a festa. Eu sei que se isso for problema, desmarco com ele.

Problema? Eu não tinha nenhum problema com o Kauã. Ele era um passado bem enterrado. Até porque eu era muito mais mulher que a Betani. Ela era linda, loira, olhos azuis, corpão de modelo, um carisma contagiante, super bem resolvida...

Tranquilo. Eu dava conta.

Até porque não tinha conta nenhuma. Eu não queria mais o Kauã. Tinha acabado.

— Pode ir com ele ao baile, Betani. Realmente não me importo.

— Ai, que bom. — Ela me deu um abraço. — Vou te passar o endereço da festa.

Betani pegou um pedaço de papel da sua mesa e rabiscou. Na verdade parecia que ela estava escrevendo em um convite de casamento. Até a letra da garota era perfeita!

— Prontinho. A festa começa às onze da noite. E a de sexta eu não vou poder ir. O Kauã prefere sair para jantar. Algo mais íntimo.

Meu coração deu um pulo dentro do meu peito. Coloquei a mão em cima,

tentando aplacar a dor que aquelas palavras causaram.

— Eu... eu já vou.

Saí da sala em disparada, contendo as lágrimas. Eu o tinha dispensando e tive a certeza que foi a atitude mais certa da minha vida. O que ele estava fazendo com a Betani só comprovava que ele não tinha coração e eu era só mais um brinquedo.

Respirei fundo e voltei ao trabalho, subornando um garoto para terminar de levar as caixas para o almoxarifado. O resto do dia foi uma droga. Quando o expediente acabou quase soltei fogos de artifício. Eu queria a minha casa, minha cama e um travesseiro para chorar. Não era pedir muito.

Passei o cartão desesperadamente. Quando coloquei os pés na rua, respirei aliviada. Até encontrar o Kauã parado, esperando encostado no carro, de braços cruzados e aquela postura prepotente de sempre. Só dispensou a camisa branca. Hoje ele estava de rosa. Ai, como ele combinava com rosa também.

O que ele estava fazendo aqui? Meu coração acelerou com a possibilidade dele ter vindo me ver. Eu estava começando a compreender que o amor não saía tão fácil do coração como entrava.

E então surgiu uma loira linda, com um sorriso perfeito e voou nos seus braços. Betani estava agarrada a ele em frente à fábrica e isso foi demais para que eu pudesse suportar.

Apressei meus passos. Precisava sair desesperadamente dali.

— Tchau, Nicolle! — Escutei a Betani gritar.

Não respondi. No entanto, ele tinha me visto e a sensação de humilhação tomou conta do meu ser.

Correndo igual louca, fui em direção ao ponto de ônibus. Pensei em substituir o travesseiro por um copo de bebida. Senti uma tontura, me desequilibrei e caí, feito uma pamonha no chão.

Olhei, não vi ninguém por perto. Levantei-me, juntei minha dignidade, deixei alguns pedaços da minha pele das mãos e dos joelhos no asfalto e caminhei devagar até o ponto mais próximo.

Quando o ônibus parou, subi quase gemendo as escadas. Ardia muito se ralar. Eu parecia uma criança, descabelada por correr, com os joelhos sangrando e os olhos cheios de lágrimas. Lembrei-me da minha mãe. Eu precisava tanto de um abraço nesse momento.

A crise se tornou um drama só e quando dei por mim estava soluçando. Uma mulher muito gentil do banco da frente me estendeu uma caixa de lenços.

— Obrigada! — agradei.

A tontura não tinha melhorado. Abri minha bolsa, peguei o celular e a receita dos meus remédios e vi anotado o telefone do médico. Só ele poderia me ajudar.

Disquei. Tocou até cair na caixa postal. Droga!

Disquei novamente.

— Alô? — respondeu do outro lado. Que alívio.

— Aqui é a sua paciente que estava com leucemia e, no fim, com anemia — falei apressadamente para que ele se lembrasse — Nicolle, com dois “eles”.

— A garota que odeia jalecos. Eu me lembro de você.

— Você está no hospital? Eu preciso de um médico — falei. Não consegui me conter e comecei a chorar novamente.

Engraçado que eu nunca fui de chorar. Eu era tão forte e agora tinha me tornado uma manteiga derretida. Kauã tinha estragado meu coração.

— Estou no meu consultório agora. Vou te passar o endereço e você vem aqui.

— Não tenho dinheiro. Só Plano de Saúde.

— Não quero seu dinheiro. Quero te ajudar.

Concordei e anotei no próprio celular o endereço. Coloquei no Google maps para ver em qual ponto eu tinha que descer. Como eu vivi tanto tempo sem esse aparelho?

Lembrei-me que os créditos e a internet deveriam cessar em breve, já que o Kauã estava em outra, não continuaria pagando minhas contas.

Que se dane! Isso era o menor dos meus problemas.

Desci no local indicado pelo celular, caminhei mais dois quarteirões até encontrar uma clínica imensa, com o nome “Gabriel Macvanel, clínico geral”. Nossa, eu nem sabia o nome dele. Não tinha nem reparado na receita.

Envergonhada de entrar naquele local tão chique, passei as mãos pelos cabelos, o que doeu muito, já que estavam raladas e enxuguei as lágrimas.

— Oi, eu liguei para o Dr. Jale... Dr. Gabriel — corrigi. — E ele me mandou vir aqui. Você pode avisá-lo?

— Você é a Nicolle? — a secretária perguntou, secamente.

— Eu mesma. Em carne e osso! — brinquei tentando descontraír.

Ela não sorriu. Chata!

— Me acompanhe. Ele está esperando você. O expediente já terminou.

Deve ser por isso que ela estava brava. Trabalhando fora do horário por minha culpa. Acompanhei-a por um longo corredor. Na última porta, ela abriu, fazendo sinal com as mãos para que eu entrasse.

Ele me aguardava, com um sorriso no rosto.

— Oi, Nicolle! — Ele estendeu a mão.

— Oi, Dr. Gabriel — respondi apertando sua mão.

— Fico lisonjeado em saber que agora você sabe meu nome. O que está acontecendo?

Ele fez sinal para que eu me sentasse na maca.

Obedeci e no mesmo instante em que sentei, seus olhos voaram para os meus joelhos ralados. Justo hoje, por conta do calor eu tinha ido trabalhar com um short jeans, deixando meus joelhos prontos para o acidente.

— Não foi nada! — falei rapidamente, mostrando as palmas das mãos também — Eu cáí. Mas esses são meus menores problemas.

— E quais seriam os piores?

Ele me deu as costas, indo abrir um armário, de onde retirou um arsenal de coisas.

— Estou muito fraca ainda, não me alimentei direito porque não tenho fome, ingeri bebida alcoólica ontem e deve, sim, ter alguma coisa errada com meu coração.

Parecendo divertido, ele deu um sorriso de meia boca e colocou um algodão no meu joelho, me fazendo ver estrelas.

Sim, tinha muitas formas de um homem fazer uma mulher ver estrelas. Eu estava aprendendo uma delas nesse momento.

— Isso arde, sabia?

— Sim, Nicolle, eu sabia. Sou o médico, lembra?

Ficamos em silêncio por algum tempo. Limpou os meus ferimentos, passou alguma coisa neles que aliviou a dor e colocou pequenos curativos nas mãos e nos joelhos.

— Isso vai ajudar. Quando for tomar banho, já pode tirar. Então vai aplicar novamente uma pomada que vou te entregar.

— Obrigada. Eu não sabia, de verdade, para onde ir.

— Você precisa se cuidar! — Ele já tinha ficado sério. — Se não se alimentar, vai voltar para o hospital em breve. Se ingerir bebida alcoólica, os remédios não farão o efeito desejado. Se você quer viver, Nicolle, não pode ser tão imprudente.

— Eu sei. Prometo melhorar. Tenho sido leviana nos últimos dias. Mas e sobre meu coração?

— Sobre ele, melhor você deixar para trás isso que tem causado tanta dor e buscar alguém que te faça sorrir.

O problema era que só tinha um homem que me fazia sorrir verdadeiramente. E esse homem estava dormindo com a minha mais nova amiga.

Que droga!

— Tem alguma coisa mais que posso fazer para te ajudar? — ele perguntou, me olhando nos olhos.

Tem sim. Um transplante de coração seria ótimo.

Mas tive uma ideia melhor.

— Você é comprometido? — perguntei, já vermelha como um pimentão.

— Não... Eu não... Não tenho namorada! — respondeu, parecendo desconcertado.

— Pode ir a uma festa comigo no sábado? Não tem nada demais, só mulheres na piscina, festa do sabão, sabe? — Eu falando demais, como sempre fazia quando precisava inventar uma história. — Eu fui convidada, meu ex também vai com minha amiga, mas não tem nada a ver com ele. Eu só quero ir com você, porque você é bem bonito, uma companhia boa...

— Já entendi, Nicolle! — Ele estava tentando conter um sorriso. — Você quer minha ajuda para tentar diminuir a dor no seu coração. Não tenho nenhum compromisso sábado. Pode contar comigo.

Fiz a única coisa que poderia fazer naquele minuto. Dei um abraço nele.

Kauã sentiria na pele o que eu estava sentindo. Babaca!



*Qualquer um pode amar que você está feliz.
Mas quem te ama, basta olhar nos seus olhos e
ver que não brilham como seu sorriso,
e simples assim, você é descoberta.
Quem ama desnuda seu coração.*

Sábado chegou. Não tão rápido como eu desejaria, nem tão simples como imaginei... eu passei mal, chorei, fiquei de luto durante a sexta à noite, no período que imaginei o Kauã e a Betani jantando juntos, enterrei-o durante o meu sonho, pisei na Betani, tudo normal.

E o sábado chegou!

Coloquei pepinos nos olhos para as olheiras, hidratei o cabelo, fiz as unhas, passei duas horas combatendo o frizz, maquiagem e enfim fiquei pronta.

O Gabriel veio me buscar às dez e meia da noite, como tínhamos combinado. Fiquei feliz que ele veio me buscar em um carro elegante e tudo mais.

Ele estava bem vestido, foi educado, abriu a porta para mim, foi agradável durante o percurso, mas ele não era o Kauã. E meu coração burro parecia não compreender.

Abri um sorriso gigante ao entrar na casa onde a festa estava sendo realizada. Uma mansão que eu nem conhecia o dono. A festa estava rolando ao lado da piscina, obviamente, já que era a festa do sabão.

Algumas meninas já circulavam de biquíni e tinha espuma para todos os lados. Uma verdadeira loucura que definitivamente eu não estava preparada.

Eu coloquei um biquíni por baixo da roupa, que obviamente precisei comprar, mas não tinha vontade nenhuma de deixá-lo à mostra. Era pequeno demais e branco. Isso mesmo, eu comprei um biquíni branco e não foi porque eu gostei dele. Era o único que estava em oferta na loja.

Aí você pode se perguntar por que eu coloquei se não pretendia mostrá-lo! Eu fiz isso porque queria me sentir normal na festa, então deixei as alças à mostra embaixo o vestido supercurto que optei por usar. Tudo porque eu gostava. Nada para provocar o Kauã.

Dei uma olhada em volta para ver se o via. Eu tinha uma forte tendência sadomasoquista.

— Você quer beber alguma coisa? — o Gabriel perguntou.

— Quero algo com álcool! — falei sem pensar.

— Então não deveria ter saído com seu médico! — Ele abriu um sorriso, me provocando. — Está proibida de beber álcool até que melhore. Vou pegar Coca pra você e álcool para mim.

— Muito injusto isso.

Antes que eu começasse as reclamações, ele saiu atrás de um garçom.

Fiquei plantada em um canto esperando, sem saber muito como agir. Era estranho.

Até que eles chegaram. O casal maravilha. Betani vinha na frente, como se estivesse em uma passarela, dentro de um vestido, na verdade, eu acho que era uma blusa pela altura que estava em suas pernas perfeitas, sem celulites. E atrás dela, vinha ele.

Meu coração foi de 0 a 1000 batimentos cardíacos em dois segundos, meus olhos traidores lacrimejaram e minha boca secou. Ele vestia um short daquele de sufistas, azul com flores amarelas e uma camiseta gola v colada nos seus músculos, desenhando todos eles com perfeição.

Seus olhos se encontram com os meus no mesmo instante, como se ímãs conectassem nossas almas. Ele não piscou e nem desviou o olhar. Senti minha pele se arrepiar e minhas bochechas corarem. Desviei o olhar, envergonhada, abatida, morta!

Eu amava aquele homem e comecei a imaginar o que faria para mudar isso. Era tão intenso, que não dava para ignorar e pensar que eu encontraria outro amor na próxima esquina.

Precisava parar de me enganar. Eu estava ferrada e precisava aceitar a situação.

O Gabriel voltou e me entregou um copo de Coca-Cola.

— Desculpa a demora. Isso aqui está uma loucura. Você quer dançar?

Eu? Dançar? Minhas pernas com toda certeza não me obedeceriam nesse momento. Ou talvez ele pudesse me segurar, porque eu me sentia prestes a ter um treco.

— Adoraria.

— Vem? — ele falou pegando minha mão e me arrastando até uma pista de dança improvisada no jardim.

Algo que deveria ser música eletrônica tocava. Eu não conhecia muito sobre

música, festas e baladas. Ele enlaçou meus braços no seu pescoço, me ajudando a entrar no ritmo.

Fechei os olhos e me deixei entregar ao ritmo. Era como se cada batida acompanhasse meu coração, mas não me dando prazer. As batidas feriam meu peito. Na minha mente eu revivia cada sorriso, cada palavra dele...

Só porque gostava de sofrer, abri os olhos e o procurei. Encontrei dançando com ela, não muito distante de nós. A diferença era que ela se agarrava ao corpo dele na dança e ele de olhos fechados parecia sentir tanto desejo que sua expressão era de dor.

Fui pega por Gabriel, olhando para ele.

— Ele é o remédio que você precisa para o seu coração? — ele perguntou se encostando ao meu ouvido para que eu escutasse.

— Ele não é o remédio. Ele é a doença! — falei.

Parecendo compreender, ele me olhou com pena. Eu não queria pena.

Fiquei com raiva por ser tão fraca. A vida inteira eu aprendi a me fechar na dor e não colocar nada para fora e agora estava prestes a chorar, como uma manteiga derretida.

Não! Eu precisava dar a volta por cima.

— Gabriel, o que você acha de aproveitarmos a piscina? Está tão quente à noite.

— Odeio piscina, Nicolle — ele falou sinceramente. — Mas se é pra melhorar essa sua cara triste, vamos lá!

Fomos até uma cadeira perto da piscina e ele tirou a camiseta. Tudo certinho por baixo, ele só esqueceu os músculos tipo “Kauã” em casa.

Affeee!

— Vamos? — perguntou, me vendo olhar seu peito constrangedoramente.

— É estanho nadar de vestido?

— Um pouco! — disse sorrindo.

— Acho que não quero nadar sem vestido e então melhor não nadarmos.

— Você me deixa confuso, Nicolle! — Já estava quase gargalhando. — Você quer nadar ou não quer?

— Quero nadar, mas de vestido, e de vestido fica estranho. Então melhor não nadar.

Abri meu sorriso dentes brilhantes esperando que ele compreendesse.

Então, para melhorar meu ânimo, a Betani me viu e veio correndo na minha direção. Obviamente, acompanhada do seu namorado.

— Oi, amiga. Que bom que veio e bem acompanhada. — Ela sorriu e passou sua visão raio-X pelo Gabriel.

— Oi — Kauã se resumiu a falar, nos olhando com sua normal cara de pitbull, como se falar muito fosse algo que não merecíamos.

— Oi! — respondi. — Deixa eu apresentar vocês. Gabriel essa é a Betani, uma amiga do trabalho e esse é o Kauã, um conhecido, agora namorado da Betani.

— E você quem é? — perguntou com certa irritação olhando para o Gabriel.

— Sou o médico e amigo da Nicolle.

— Nicolle está doente? — perguntou novamente, agora apavorado.

— Foi por isso que você faltou ao trabalho — Betani comentou com piedade, fazendo bico — O que você tem, amiga?

— Eu não estou doente — corrigi. — Estava doente, mas olhem, estou ótima. E acho que já está na hora de irmos embora dessa festa chata, não é, Gabriel?

Olhei implorando para que ele não dissesse mais nada. Só que parecia que os homens que me cercavam eram sempre complicados. Gabriel olhava para Kauã e não parecia nem um pouco preocupado em ir embora.

— Alguém pode me dizer o que aconteceu com a Nicolle, já que ela, mesmo morando debaixo do mesmo teto que eu, não foi capaz de me dizer?

Suas sobrancelhas se uniram. Fiquei com medo. Na verdade, eu fiquei irritada.

— Nossa! Vocês moraram juntos? — a Betani comentou desnecessariamente. — Por quanto tempo? — perguntou.

— Eu não disse porque, você, Kauã, tem o dom de olhar só para o seu próprio nariz — falei ignorando a retardada da Betani. — Então, acho que não tive oportunidade de desabafar.

— Na verdade, a Nicolle recebeu um falso diagnóstico de leucemia. Achou que tinha poucos dias de vida.

Kauã ficou branco e me olhou horrorizado.

Minha vontade era matar o Gabriel por ser tão linguarudo.

— Você pode me dizer quando foi isso, Nicolle? Ou será que tudo que tivemos foi só uma lembrança infeliz do seu passado?

Tinha amargura na sua voz. Eu o tinha magoado. Mas será que ele era o único magoado? Mesmo com tudo que tinha acontecido sempre se achava a vítima da história, o ferido, o traído, quando na verdade a vítima era eu.

— Foi quando você me prendeu por roubar um coco! — falei, cansada. — Eu tinha acabado de receber minha sentença de morte. E bam! — abri os braços — você me consolou desde o primeiro encontro, me trancando dentro de uma cela suja, com fome e me deixou lá.

— Mas o importante de toda a história é que Nicolle não tem leucemia. Ela tem uma anemia grave que estamos tratando. Vai ficar bem! — Gabriel deu uma pausa e completou — De saúde!

Porque do coração nada ia ficar bem, eu quase completei.

— Quando acho que você consegue se cuidar sozinha, eu vejo que você é a garota mais imatura que já conheci! — Kauã apontou o dedo, ignorando que estávamos acompanhados. — E no final das contas a pessoa mais covarde da história sempre foi você, escondendo tudo, fingindo ser o que não é.

— Ah é? — Cruzei os braços, para não dar um soco na cara dele. — Eu sou sempre o problema, não é?

— Você não percebe que se esconde atrás de uma mulher forte, quando tudo que precisa é de alguém que cuide de você? Eu quero muito cuidar de você — ele falou, por fim parecendo magoado, me olhando como seu eu estivesse arrancando seu coração. — Mas não se pode cuidar de alguém que não quer receber cuidados. Aproveite seu companheiro e cuide ao menos da sua saúde.

Ele pegou na mão da Betani e saiu, arrastando a garota para fora da casa.

Eu fiquei olhando, sem saber como me mover ou como respirar pelos próximos anos.

— Acho que nosso encontro acaba por aqui. Não vai rolar beijo, não é? — o Gabriel brincou, tentando ser legal.

Foi o suficiente para que eu desabasse em seus braços, chorando no peito que não era do Kauã. Isso estava virando rotina.



*talvez por isso as palavras fiquem tao distantes no dicionario.
Se um chega o outro tem que sair.*

A noite tinha acabado. Depois de passar em um drive e comprar mais comida do que eu poderia consumir em um mês, Gabriel me deixou em casa, acompanhada de uma lista de recomendações.

Eu percebi que dentro daquele homem existia um ser humano incrível. Constatei também que meu coração não gostava de homens incríveis. Ele amava os idiotas.

Sentei em frente à TV, com uma caixa de lenços e tentei me distrair. A única distração foi a contagem de lenços que usei. Foram 46, em dez minutos.

Fiquei lembrando que ele me chamou de imatura, covarde e senti meu sangue ferver. Ele não poderia sair impune de tantas acusações só porque era delegado.

Não! Eu precisava tomar uma atitude.

Nem que fosse para interromper ele e a Betani na cama, fazendo sei lá o quê! Não que isso me importasse e nem que viesse a calhar essa interrupção. Esse não era o foco. Queria me vingar dele, exigir um pedido de desculpas. Era o mínimo por tudo que fez.

Dei uma ajeitada na aparência que estava péssima, peguei um dinheiro na gaveta que não deveria ser gasto, chamei um táxi com o crédito do meu celular que ainda estava sendo pago por ele e saí.

Insegura, fui deixada em frente ao seu prédio. Lembrando que eu tinha a chave e cartão de entrada, entrei no prédio sem ser anunciada. Quando o elevador parou no andar dele, já tinha me arrependido amargamente de ter ido lá. Parei em frente à porta do apartamento, decidida a ir embora. Que ideia tinha sido aquela?

Mas eu já estava lá, não estava? O dinheiro do táxi já tinha sido gasto e não estamos em uma época em que dinheiro pode ser desperdiçado. Por isso resolvi ir em frente.

Bater na porta era algo estranho para a situação. Entrar sem bater seria pior ainda. Então o chamei.

— Kauã? — chamei a primeira vez, quase sussurrando.

Nem um ouvido biônico ouviria isso, mas a porta se abriu. Ele tinha

escutado.

Sem camisa, com um copo de bebida nas mãos, ele me encarava surpreso. O short amarelo e azul me fez imaginar como um dia de sol quente sendo decorado por um céu azul. Essa era a visão dele, um espetáculo da natureza.

Senti vontade de bater a cabeça na porta com o pensamento fora de hora.

— Oi... eu... então... — olhei para as minhas mãos, torci os dedos e ergui o olhar novamente. — Preciso... é...

Arqueando as sobrancelhas, esperou pacientemente, sem tentar completar as minhas frases, o que seria ótimo.

— Preciso falar com você! — consegui dizer por fim.

Ele se afastou um pouco, colocando o copo de bebida em cima da mesinha da sala e voltou, se encostando ao batente da porta com os braços cruzados.

Na verdade, nem lembrava mais porque estava lá, esqueci minhas motivações, minhas frases ensaiadas, só queria abraçá-lo e ser consolada. Queria uma promessa de que ele ficaria sempre ao meu lado, de que era eterno. Só queria a certeza de que tudo ficaria bem.

Engoli, com a visão já turva.

— Estou brava com você e preciso te xingar.

— Quer entrar para fazer isso ou prefere aqui no corredor mesmo?

As palavras ecoaram pelo corredor. Passou a mão nos cabelos. Parecia tão perdido quanto eu.

— Quero te dizer que você tem razão muitas vezes! — continuei. — Que eu sou imatura, irresponsável, que não sei cuidar de mim mesma, sou covarde, sou tudo isso. Minha vida é uma droga! Adoro apontar para você e falar todos os seus defeitos. Eu sou assim. Essa é a Nicolle que você pouco conheceu, porque a Nicolle que você amou, era forte, nunca chorava e sorria todos os dias! — As lágrimas já escorriam pelo meu rosto. — Não era essa Nicolle de agora. Aquela que você conheceu era uma fachada e vim te apresentar a verdadeira Nicolle.

Abri os braços e abaixei em uma menção.

— A verdadeira Nicolle passou a vida toda se escondendo dentro de uma fantasia, porque ela chegava à sua casa e não se conformava com a situação, não aceitava que tinha que apanhar uma vez por semana sem motivo, não achava certo ficar sem jantar, porque seu pai a achava indigna de comer uma refeição decente. Então, fingia que tudo estava bem e sorria enquanto seu coração

chorava. A verdadeira Nicolle não abriu espaço na sua vida para os amigos, porque achava que os amigos não compreenderiam seus hematomas constantes e nem suas desculpas esfarrapadas para não ir a um barzinho no final de semana, porque todo o dinheiro que ela tinha, pagava o aluguel para o próprio pai.

Kauã ergueu as mãos e, com as costas dos dedos, começou a traçar um caminho suave por minha face. Sua expressão era de angústia.

Fechei os olhos e continuei.

— A verdadeira Nicolle sempre falou de sonhos para os outros, viveu os sonhos dos livros, mas se esqueceu de todos os seus sonhos. Ela quis ensiná-lo a ter sonhos, quando ela mesma não tinha nenhum que era verdadeiro. A verdadeira Nicolle recebeu de braços abertos uma sentença de morte do médico, porque já se sentia morta há muito tempo. A verdadeira Nicolle nunca se aproximou de ninguém porque ser amada era algo que não conhecia; um sentimento tão distante que causava medo, ela é uma covarde. Então você apareceu...

Abri os olhos, estávamos a um centímetro um do outro.

— E você era tudo que eu tinha perdido. Você é meu sonho, meu sorriso, minha esperança no final do dia, meu abraço de apoio. Você é tudo e eu me agarrei a você, porque era fácil saber que morreria em breve e não teria que perdê-lo. Você era um sonho com data de validade. Então, era fácil. E aí você me abandonou, mostrou-me que não queria alguém preenchendo a sua vida e foi fácil aceitar porque eu morreria em breve. Era até consolador saber que me senti amada por alguém antes de morrer. Na sua ausência, meu coração em pedaços era compensado pelo que você tinha me proporcionado. E aí tudo mudou.

Ele encostou sua testa na minha, enfiando seus dedos pelos meus cabelos.

— E quando eu descobri que continuaria viva... — sussurrei —, eu não conseguia ver felicidade sem você ao meu lado. Eu tinha sonhos novamente e eram permeados por você. Então, a verdadeira Nicolle se acovardou novamente. Fingiu que poderia viver sem você, porque sabia que cada dia que passasse ao seu lado seria uma sentença. Estaria cada vez mais condenada a amá-lo e não sobreviveria quando você saísse, quando resolvesse mandar ela embora.

Fechou os olhos e respirou fundo.

— Não pretendo mandá-la embora. Eu quero você.

— E quando acabar? Como vai ser? Porque eu não sei se consigo continuar sozinha depois que você me ensinar a ser feliz novamente.

— Não vai acabar. Eu não vou deixar... não dessa vez.

Colocou os lábios nos meus e paciente explorou toda a minha boca, com a respiração irregular, os lábios gentis, acariciando minha alma. Não era só um beijo. Tinha contido saudade, amor, promessas e incertezas.

Meus braços se elevaram, acariciando seus cabelos, enquanto suas mãos percorriam meu rosto e todo meu corpo, matando a saudade.

Sem fôlego, ele se afastou.

— Me mostre a verdadeira Nicolle? Eu vou ensiná-la a ser feliz assim como você me mostrou que meu coração ainda batia. Mostre-me a verdadeira Nicolle que vou ensiná-la a ter sonhos, assim como você devolveu os meus.

Ele me olhava e tinha tanta emoção ali, que me embriagava.

— E se você achar que não merece ser feliz novamente?

— Vou me lembrar de que você precisa ser. E se sua felicidade está comigo, vou ser feliz por você.

— E a Betani? — perguntei insegura.

— Não existe ninguém além de você. Não vai existir!

O recompensei com um beijo. Dessa vez com urgência, cheia de amor e desejo. Ele me pegou no colo, sem separar sua boca da minha, fechando a porta do apartamento e me arrastando até o seu quarto.

As mãos percorrendo todo o meu corpo, em uma carícia íntima e única, que só ele seria capaz. Kauã se afastou o suficiente para falar.

— Eu tirei a sua roupa todos os dias nos meus sonhos desde que você partiu, fiz você arquear de desejo e me implorar por mais... — falou com a voz rouca.

— Então me mostre como eram seus sonhos... — sussurrei quase sem fôlego.

Seus dedos ágeis começaram a tirar minha roupa, enquanto me depositava na cama, com um carinho que chegava a doer.

— Você é minha! — sussurrou entre beijos e carícias.

E eu era. Não seria de mais ninguém. Estava marcada por ele, tatuada por seu amor.

— Sim... Toda sua...

Depois de me deixar nua, começou a se despir.

— Preciso sentir minha pele na sua, minha feiticeira.

Ele deslizou as mãos por meu corpo, deixando um rastro de beijo, por meus seios, barriga e muito mais...

— Você me enfeitiçou e nada sem você faz sentido! — Foi tudo que consegui escutar antes de me afundar em um mar de prazer e ser possuída por ele, de corpo e alma.



*nenhuma solução, o melhor talvez seja olhar para tras.
O seus caminhos podem ter se perdido todos por lá.*

— Você acha que podemos ficar em casa o dia todo? — o Kauã perguntou pela manhã.

Estávamos acordados há horas. No entanto, não me deixou sair do lado dele e me ensinou algumas coisas ilícitas que só de pensar já me deixava vermelha. Nem sabia que a boca dos seres humanos podia servir para tantas coisas.

— Você está vermelha, Nicolle. Pode me contar o que anda pensando?

— Não! — respondi de supetão. — São coisinhas bobas.

— Já cansei de dizer que você mente muito mal. Se continuar abrindo a boca desse jeito, vou aproveitar para fazer algumas coisas que sua mente anda pensando.

Inconformada, dei um tapa nele.

— Você está proibido de ler meus pensamentos. Isso é muito feio!

— E você está proibida de usar a palavra proibido. Isso me dá ideias. Ótimas ideias, na verdade.

Claro que o resto do dia nós nos limitamos a sair da cama só para comer.

— Você tem falado com sua mãe? — perguntei enquanto jantávamos um macarrão horroroso que ele tinha preparado. Na verdade, tinha aberto o pacotinho e colocado na panela para esquentar.

Colocou uma garfada na boca e não me respondeu. Esperei pacientemente acabar de engolir. Claro, paciência era meu forte!

— Eu te fiz uma pergunta, Kauã.

— Uma pergunta que eu não quero responder.

Kauã balançou a cabeça enquanto eu me segurava na cadeira para não me levantar e socá-lo.

— Achei que já tínhamos passado da fase de perguntas sem respostas! — continuei irritada.

— E eu achei que estávamos em lua de mel, onde assuntos como esse deveriam ser proibidos.

Peguei o garfo e comecei a brincar com a comida. Minha fome já tinha ido para o espaço.

— Lua de mel é para casais felizes que se casam. O que não é o nosso caso.

Kauã me olhou atentamente, parando de comer.

— O que não é o nosso caso? Seremos casados ou felizes?

— As duas coisas! — respondi sem pestanejar.

Empurrei o prato.

— Eu sou feliz com você, Nicolle. E você parecia bem feliz há alguns minutos!

Abriu um sorriso malicioso e o fuzilei com os olhos.

— Sou uma boa atriz! — afirmei sorrindo.

— De filme pornô? — rebateu me tirando do sério.

— Você é um idiota, Kauã.

Eu me levantei e fui saindo.

— Opa, opa! — Foi mais rápido e me segurou. — O almoço não terminou, minha feiticeira. Sou um idiota que te ama. Vou colocar comida na sua boca. Eu não tenho amnésia, você está doente e precisa se alimentar.

Depositando um beijo no meu pescoço, comecei a derreter.

— Me deixa cuidar de você? Te alimentar até você ficar completamente bem, te mimar e te satisfazer de todas as formas?

— Então me deixa chegar até você? — falei olhando nos seus olhos. — Não ignore as minhas perguntas e me deixe cuidar de você também?

— Não preciso de cuidados. Eu preciso de você. Só precisa compreender isso.

Ele me arrastou de volta até a cadeira, me colocando sentada no seu colo.

— Sua mãe está sofrendo... — insisti.

— Sua mãe também e mesmo assim você não fez nada para resolver. Deixá-la lá sozinha apanhando quase todos os dias! — falou de forma cruel.

A conversa tinha terminado.

Deixei-o terminar de me alimentar e fingi que tinha esquecido. No entanto, meu coração ficou marcado com aquelas palavras. Eu precisava ir ver minha mãe.

Antes de irmos dormir, Kauã me levou até o meu apartamento para pegar algumas roupas. Não o deixei descer. Estava envergonhada por minha humilde residência.

Também não comentei com ele que pretendia voltar a morar lá, pelo menos por enquanto. Não era certo jogar tudo para o alto. Tinha começado uma vida do zero. Pretendia continuar. No entanto, deixei esse assunto quieto porque sabia que Kauã não aceitaria e veria isso como uma desconfiança do nosso relacionamento. Eu me sentia cada vez melhor. Durante a semana, Kauã me buscou todos os dias para almoçarmos juntos em algum restaurante próximo do meu trabalho e o jantar, geralmente eu fazia. Cozinhar me fazia bem, eu me sentia feliz cozinhando para ele.

Percebi que era muito mais fácil melhorar quando estávamos felizes.

Riamos por coisas bobas, discutíamos por coisas idiotas e estávamos felizes juntos. Só que eu me pegava pensando se éramos um casal normal. Ele não me deixava falar do seu passado, quando tentava planejar um futuro desconversava, não poderia nunca tocar no assunto sobre visitar minha mãe e não me deixava andar um quarteirão, sozinha. O único lugar que ele me permitia afastar era do portão do trabalho para dentro.

Depois de uma semana, ele resolveu tocar em um assunto delicado durante o jantar.

— Acho que você não precisa mais manter seu apartamento.

Quase derrubei a panela que levava para a mesa de jantar. Já imaginava como essa discussão terminaria.

— Kauã, pretendo voltar a morar no meu apartamento.

— O quê? Não. Você está brincando comigo, não está?

— Não. Eu fiquei aqui essa semana, pretendo passar várias noites aqui com você, mas quero ter a minha casa.

Kauã contraiu os lábios, já perdendo o controle.

— Pode me explicar o por quê? Não é feliz aqui comigo, a mobília é desconfortável, a cama é ruim? Porque eu não te entendo, Nicolle!

— Não é nada disso e você sabe! É só que eu quero ter meu lar, minhas coisas, quero construir uma vida sozinha. Quero conquistar minhas coisas.

— Como vai conquistar suas coisas se sempre que você tenta se virar sem alguém por perto, você quase morre por algum motivo?

Irritado, ele se levantou da mesa onde me aguardava servir o jantar e começou a andar em círculos.

— Você não sabe nem andar um quarteirão sem tropeçar! — continuou. —

Está muito enganada se irei permitir isso. Eu cuido de você, me deixa fazer isso? Simples assim. Não teve um dia sequer que passou sem mim que não se machucasse.

— Talvez você não seja meu salvador, seja meu azar! — disparei jogando a panela de volta no fogão e saindo em disparada para o quarto.

Irritada, juntei algumas roupas e peguei meu celular.

— Onde você pensa que vai? — Entrou feito um furacão.

— Vou para o meu apartamento. Ficar morando na minha casa. É isso que vou fazer.

— Vai me abandonar de novo? — ele perguntou com desespero. — Parece que nosso amor é frágil, sem importância pra você. Na primeira oportunidade você me vira às costas.

— Não! Você está enganado, Kauã. Eu não estou indo embora e nem te abandonado. Estou salvando o nosso amor. Você quer me sufocar, me privar até que daqui uns dias você vai me trancar dentro de casa por medo de que eu me machuque, ou morra na próxima esquina.

— O que você quer então, me diga? — perguntou oferecendo um olhar resignado.

O silêncio prevaleceu um longo momento.

— Quero um relacionamento de verdade. Eu não tenho muita experiência em relacionamentos, mas sei que as pessoas conversam sobre passado e futuro, que não prendem as pessoas com medo de que elas morram na próxima esquina...

— Ah, você teve um exemplo de relacionamento dentro de casa. Isso é maravilhoso, está refletindo agora! — sorriu ironicamente.

— Não. Eu tive uma experiência que me deu a certeza de que aquilo não era amor, era doença. E eu não quero isso para minha vida.

— Então me diz, droga! — ele gritou, perdendo totalmente o controle. — Você quer voltar para o seu apartamento, é isso? Me ligar quando quiser dormir comigo, me punir pelo meu silêncio? Então vai.

Uma poltrona no canto do quarto foi escolhida por sua ira. Ele chutou o móvel, jogando longe e me fazendo encolher, com medo.

— Não consigo superar as coisas em uma semana. Eu não consigo esquecer o que aconteceu e a minha mãe e meu pai são o atestado do meu fracasso. Dói!

— Deu um soco no peito. — Me fere olhar para eles. Eu não liguei para minha mãe, porque não sei o que dizer e SIM, eu não consigo imaginar a mais remota possibilidade de te perder. Falar sobre o futuro é um assunto delicado. É difícil construir sonhos quando você perdeu todos.

— Não vamos conseguir viver assim, Kauã. Uma hora isso vai sufocar nós dois. Não percebe?

Olhei nos seus olhos, querendo que ele compreendesse. Também doía em mim, mas eu não queria isso para minha vida.

— Preciso de mais que um relacionamento de uma cama. Não consigo ser como as garotas que você dormia e depois esquecia em algum lugar, sem se importar.

— Você está sendo injusta! — Apontou o dedo no meu rosto. — Daria a minha vida por você. Você não compreendeu isso?

Ele saiu do quarto, batendo a porta e me deixando em prantos. Éramos dois corações feridos que não conseguiam se encontrar a não ser que nunca abrissemos a boca. Eu o amava e sabia com todo o meu ser que era recíproco. Só que não era suficiente. Estávamos fadados ao fracasso.

Deitei na sua cama, abraçando seu travesseiro e adormeci. Eu não tinha forças de ir embora.



Quando amanheceu, acordei perdida. Ele não tinha dormido comigo. Levantei rapidamente, com medo de me atrasar para o trabalho. Fui ao banheiro lavar o rosto. Minha aparência era péssima.

Depois de um bom banho, me troquei e olhei no celular. Faltava uma hora ainda para eu entrar na fábrica. Tinha acordado cedo demais. Na verdade, tinha tido uma péssima noite. Tinha me acostumado a entrelaçar minhas pernas nas do Kauã. Sua ausência me perturbava.

Onde ele tinha dormido?

Abri a porta do quarto, com o coração acelerado. Na sala, Kauã segurava um retrato da mulher e do filho, sua expressão era de pura dor.

Senti-me mal por ele e também triste. Não tinha motivos para ficar com ciúme. A família dele tinha morrido e eu estava ali, mas ele sempre os amaria muito e eu ficaria sempre depois da tragédia. Nunca seria o primeiro plano. Seria sempre uma tentativa de continuar a vida.

Passei por ele sem falar nada e fui para a cozinha.

A empregada estava no apartamento hoje e a encontrei arrumando a mesa do café da manhã.

Para não atrapalhar, voltei para a sala.

— Estou indo para o trabalho. Pedi que a Nina arrumasse o café para você. Tem dinheiro ali! — Ele apontou para a estante. — Pode pedir um táxi ou pegar um ônibus, como você preferir.

Suas palavras eram secas, desprovida de qualquer sentimento que não fosse raiva. Eu me limitei a assentir.

Olhei para o sofá e encontrei cobertas e um travesseiro. Ele tinha dormido ali, constatei com certo alívio. Confesso que o imaginei dormindo em alguma outra cama mais quente que a dele.

Fui para o trabalho sem tomar café. Estava sem fome.

O dia foi exaustivo. A fábrica tinha uma grande encomenda para exportação e fomos atolados de trabalho. Exausta, fui passar o cartão, já imaginando o que enfrentaria em casa.

O certo seria voltar para o meu apartamento, no entanto, nesse clima, eu acho que se o fizesse perderia o Kauã de vez. Não era isso que eu queria.

Eu o amava. Só queria que nós conseguíssemos ser normais.

— Nicolle! — Alguém chegou empurrando alguns funcionários e gritando.

Era a Betani. Tudo que eu não precisava para completar o dia.

— Vamos a um restaurante hoje, comemorar meu aniversário.

Obviamente que eu não iria. Abri um sorriso falso.

— Acho que não dá, hoje!— respondi.

— Ah, mas acabei de falar com o Kauã e ele garantiu que vai e pediu para levar você, então acho que você vai.

Betani piscou o olho e saiu desfilando.

Sabe quando você tem aquela vontade infinita de matar uma pessoa de forma lenta e dolorosa, pois então, essa era minha vontade no momento. Eu quero picar o Kauã lentamente.

Irritada, resolvi que revidaria.

Peguei o meu cartão de crédito que eu nunca, em hipótese alguma me permitia usar, e fui a um shopping center mais próximo ao apartamento do Kauã.

Mandeí um WhatsApp para ele, avisando que me atrasei no trabalho, mas chegaria em breve. Ele visualizou e nem se deu ao trabalho de responder.

Comprei um vestido curto, muito curto mesmo, preto, mais justo que meia calça, todo rendado e com uma abertura nas costas que ia até a cintura, deixando minhas costas quase toda à mostra.

Passei em uma loja de sapatos, comprei um Peep Toe preto com saltos gigantes. Para finalizar, passei em um salão de beleza e pedi que cortassem minha franja de maneira mais sexy, repicando as laterais. Livrei-me do meu corte de cabelo sem graça.

Entrei no apartamento que estava impecavelmente limpo e procurei Kauã. Não estava na sala, nem na cozinha. Devia estar no quarto. Abri a porta com cuidado, desejando vê-lo nu. Sim! Eu gostava de sofrer.

Escutei o barulho do chuveiro ligado. Ele estava tomando banho. Desejei estar lá. Já perdendo o foco, me recriminei mentalmente, peguei algumas coisas que precisava no quarto e fui para o quarto de hóspedes. Eu me trocava lá.

Tomei um banho rápido, porque já deveríamos estar atrasados, me vesti, completei com uma maquiagem bem provocante e saí do quarto.

A visão foi muito impactante.

Kauã estava parado ao lado do bar, se servindo de uma bebida. Vestia uma calça jeans escura, agarrada à sua bunda perfeita e uma camisa branca, com toda certeza para me provocar. Os cabelos ainda úmidos estavam bagunçados.

— Vamos? — falei chamando sua atenção.

Foi hilário. Ele me olhou começando pelo rosto e foi descendo por todo meu corpo, até os pés. Sua boca abriu em uma expressão de desejo que se tornou uma raiva contida por duas sobrancelhas arqueadas e uma testa pregueada.

— Onde pensa que vai assim?

— Ao aniversário da Betani! — Abri os braços declarando obviedade. — Ela me disse que você garantiu que iríamos.

Tentei esconder o rancor e o ciúme nas minhas palavras.

— Você não vai assim! — declarou me dando as costas.

— Assim como?

— Vestida assim. Não quero.

— Parece que o meu querer não te importa, então o seu também não vai me importar.

— Beleza. Quer me provocar, vamos nessa. Só vou te avisar, eu sou ótimo em guerras e um péssimo perdedor.

Kauã virou a bebida num gole só e foi saindo. Peguei minha bolsa e fui atrás, com um belo sorriso no rosto.

Entrei no carro batendo a porta bem forte. Ele odiava.

— Onde é essa festa? — perguntei brava. — Já que ela convidou você e eu estou indo por tabela.

O canto da sua boca se curvou em um sorriso indecente.

— Está com ciúme, baby?

— Eu? — Coloquei a mão no peito, ofendida. — Não se dê tanta importância. Porque eu teria ciúme de você? Você só aceitou o convite da Betani, a garota que ocupou a sua cama quando nós ficamos separados alguns dias e você não conseguiu ficar com as calças erguidas.

Só me dei conta de que estava gritando quando terminei.

— Eu não levei a Betani pra cama! — falou rudemente.

— Ah, me esqueci de que você não precisa de cama. Pode ter sido no sofá, na mesa, no tapete, ou outros lugares que EU sonhei e você fez com a Betani.

— O que você anda sonhando, Nicolle?

— Nada do seu interesse.

— Ah, mas seus sonhos eróticos são do meu interesse, com toda certeza.

— Não são eróticos. São românticos! — rebati.

— Podemos colocar os dois formatos na prática. Românticos pra você e eróticos para mim! — Ele me lançou um olhar de desejo que quase me fez voar no seu pescoço.

— Enquanto você não puder ser meu namorado de verdade, não quero compartilhar nada com você.

— Acontece que eu sou homem e não vou ficar aguentando suas crises sobre brincar de casinha.

Já estávamos discutindo novamente. Eu não era fácil, mas acho que Kauã ganhava.

— Posso brincar de casinha com outro se você quiser.

As palavras foram suficientes para que ele se calasse com olhar de ódio.

O restaurante escolhido pela Betani ficava distante, e o silêncio no carro fez com que demorasse uma eternidade para chegar. Quando chegamos Kauã deixou o carro com o manobrista e mesmo com raiva, pegou na minha mão, possessivamente.

Sentia-me péssima com aquela roupa escandalosa. Ao entrarmos no restaurante fomos levados até o andar de cima onde uma mesa grande e cheia de pessoas barulhentas já se divertiam.

A cena foi constrangedora. Quando nos aproximamos quase todos se silenciaram, nos encarando. Não sei dizer se por conta da minha falta de roupa ou pela beleza do Dr. Markes.

Betani se levantou e veio nos abraçar. E sim! Ela o abraçou também.

— Que casal lindo vocês formam. Parabéns, Nick, você é sortuda.

O comentário desnecessário me fez abrir um sorriso fingido.

Durante todo o jantar, eu sem me conter de ciúmes, fiquei em silêncio, enquanto Kauã e Betani trocavam conversas animadas.

Minha vontade era ter coragem suficiente para me levar e dançar como algumas meninas já faziam. Só que eu estava tão irritada que nem isso conseguia fazer.

— A Nick está desanimada hoje! — Betani falou me encarando. — O que acha de dançarmos um pouco, Kauã, pra ver se ela se anima?

O quê? Como assim? Vadia!!

Lancei um olhar ameaçador para os dois. Ele não faria isso.

Mas ele fez! Se levantou, pegou nas mãos dela e saíram rumo à pista de dança.

Nicolle, você precisa ter controle! Respira!

Foi o que fiz enquanto eles dançaram uma música agitada, quase colados um ao outro. O ideal seria dançar com outro, provocar ciúme, fazer meu look ter efeito sobre os homens. Mas não! Eu tinha ideia melhor.

Primeiro, colocaria Betani no seu devido lugar e, o Kauã, dele eu cuidaria em casa.

Vingança à moda Nicolle.

Eu me levantei e fui ao encontro dos dois.

— Será que pode me devolver o meu namorado por um minuto? — perguntei para Betani com o sorriso mais amigável possível.

— Claro! — respondeu desapontada.

Nem dei tempo dela se afastar, agarrei Kauã no ritmo da música e puxei seus lábios com meus dentes. A minha vontade era mordê-los até sangrar. Colei seu corpo no meu, sem dar chance de falar alguma coisa, o beijei, com pressa, urgência e raiva.

Minha deusa interior aplaudiu, quando ele correspondeu, me prendendo em seus braços, devorando minha boca com tanto desejo, que a motivação do beijo já tinha sido esquecida. Só conseguia me entregar àquele beijo, me agarrando ao seu corpo que, como o meu, tremia de desejo.

Não sei quanto tempo durou. Quando comecei voltar ao mundo real, ele me segurou percebendo que afastava meus lábios.

— Não! — sussurrou. — Não se distancie de mim. Não suporto a sua distância.

Seus dedos começaram a percorrer meu rosto, juntamente com seus olhos que me olhavam profundamente:

— Quero que me ensine a forma exata para te amar. Ficar longe de você, baby, é o pior tipo de tortura que já me impuseram.

— Não tenho a forma exata. Sou inexperiente em relacionamentos. Só que estou disposta a abrir meu coração para você, Kauã. Precisa fazer o mesmo.

Sentia-me tão vulnerável nos seus braços. Se ele pedisse qualquer coisa nesse momento, eu faria. Ele me tinha por inteiro. Precisava que fosse recíproco.

— Você já tem meu coração, Nicolle. Eu não o abri pra você, deixei-o em suas mãos.

Ele fechou os olhos, encostando sua testa na minha. Sua expressão era de dor.

— Mas ele está tão machucado que não consigo sequer tocá-lo.

Fechei os olhos, absorvendo a torrente de emoções que me inundavam. Uma música mais calma começou a invadir nossos ouvidos.

“EU SINTO O SEU AMOR PULSANDO EM MIM... A MINHA VIDA É TE QUERER...”

— Não adianta você me entregar seu coração, se eu não consigo tocar nele. Isso só me fere mais, porque o vejo machucado e me sinto impotente diante do seu desespero —continuei. — Me sinto importante pra você, Kauã, mas não importante o suficiente para te fazer superar o seu passado.

“ABANDONAMOS NOSSOS MEDOS, JÁ NÃO TEMOS MAIS SEGREDOS, SOU MEU EU EM VOCÊ...”²

A música era tudo que eu gostaria que acontecesse com nosso amor.

— Me dê um tempo. Me dê uma chance. Ajude-me? — suplicou abrindo os olhos.

— Com uma condição — impus. — Você pode até não fazer o que eu peço, mas te proibido de não me dizer o que sente e não responder minhas perguntas. Eu não consigo te ajudar se não souber o que se passa dentro de você.

— Também tenho uma condição! — impôs também. — Aceito a sua se você aceitar a minha.

Inclinei a cabeça para frente, fechei os olhos e o beijei com gosto.

— Aceito sua condição, sem nem mesmo saber do que se trata. Preciso que nosso amor dê certo. Acho que não sei viver mais sem os seus sorrisos.

— E meus sorrisos são todos seus, pequena. Não há sorriso sem Nicolle. Mas acho que precisa escutar minha condição antes de aceitá-la.

Seu olhar já estava sério. O desejo já estava longe e minhas preocupações de volta.

— Me diga.

— Se algum dia resolver visitar sua mãe, você vai me avisar. Irei junto com você. Se o seu pai encostar as mãos em você, vai me dar a permissão para mandá-lo para a cadeia.

Fiquei sem palavras. Suas condições iam além do que eu pudesse aceitar.

2 * Música “O quanto eu amo você, cantada por Loubet.



*O amor pode ser infinito, mas o que se doa precisa existir.
Não se pode dar o que não se possui.*

— Será que podemos ir para casa e discutir isso lá? — perguntei tentando ganhar tempo para pensar.

— Ótimo. Consigo ser melhor em acordos quando estamos sem roupas! — Abriu aquele sorriso safado. Meu coração parava de bater quando ele fazia isso.

Pegando na minha mão, saímos da pista de dança, voltando para a mesa só para nos despedirmos.

Todos os olhares estavam sobre nós e a cara da Betani não era das melhores. Acho que ela estava, por fim, entendendo que o cara tinha dona.

— Vamos nessa, pessoal! — o Kauã anunciou. — A dança fez as coisas esquentarem e vamos para casa, resolver alguns assuntos.

Fiquei roxa de tanta vergonha pelo comentário indecente. Alguns sorrisos surgiram, outros olhares de inveja e assim saímos em grande estilo.

— Você é maluco! — falei entrando no carro. —_Por que disse aquilo?

— Sei bem quando uma mulher não consegue respeitar sua amiga. Isso me dá nojo. Betani precisava entender algumas coisas hoje.

Olhei confusa.

— Você aceitou dançar com ela e estava gostando, pelo que vi.

— Aquilo foi uma forma de trazer você pra mim, Nicolle. Não tenho interesse algum naquela garota. Nunca tive.

— Você saiu com ela e sei lá o que fizeram! — A raiva era evidente na minha voz.

— Aquilo também foi uma forma de trazer você de volta. Nunca aconteceu nada entre nós. Achei que já tinha sido claro sobre isso.

— E quais são as coisas que Betani precisa entender? — perguntei sorrindo.

— Que você é a única mulher que amo. A única que desejo.

Ele atou o cinto de segurança em mim, aproveitando para deixar um selinho na minha boca.

— Não vou morrer até chegar em casa! — suspirei. — Sei colocar os cintos corretamente.

— Se posso garantir que você vai ficar bem, vou fazê—lo sempre. Melhor

se acostumar.

O percurso até o apartamento foi bem diferente da ida. O ar estava leve, ele colocou música para tocar e eu falei feito uma matraca.

Apesar de todas as nossas diferenças, estarmos juntos me fazia feliz.

Kauã não esperou eu abrir a porta do apartamento, já foi me agarrando no corredor.

— Pode parar, Senhor Markes. Vamos terminar a nossa conversa antes.

— Vamos inverter a ordem. Transamos e depois conversamos.

— Achei que comigo você fazia amor! — resmunguei manhosa.

— Hoje não consigo fazer amor com você. Estou louco de desejo. Preciso de sexo selvagem.

Por mais que eu já tivesse me acostumado com suas palavras pornográficas, ficava pink feito uma mula. Não que existissem mulas pinks. Eu já estava delirando antes da hora.

— Vamos direto para o quarto, se você esquecer aquele acordo. A minha parte no acordo.

Seu olhar ficou sombrio no mesmo minuto. Tinha acabado a farra antes mesmo de começar.

— Você precisa entender que é minha família. Por mais que eles me odeiem não posso ser responsável por meu pai na cadeia e minha mãe sozinha sem ter quem cuide dela.

— Você também precisa entender também tantas coisas da minha família, e não tem feito isso.

Bufei, sem saber que argumentos usar.

— Eu aceito — falei sem convicção. Depois eu veria o que ia fazer em relação a isso.

— Podemos partir para o quarto ou você quer me contar os outros lugares que você anda sonhando em ficar nua comigo?

— No tapete da sala! — falei abaixando a cabeça, envergonhada.

Seu olhar de desejo me consumiu e se apagou no mesmo minuto que ele olhou para os porta-retratos da mulher e do filho espalhados pelo cômodo.

Só então me dei conta do meu pedido. E só então percebi como o passado sempre estaria entre nós dois.

Sorri, tristemente.

— Pode ser no quarto hoje. Não me importo.

Abraçando-me, ele me apertou contra o seu peito, como se pedisse desculpas. Vagarosamente me pegou no colo, como se eu fosse uma pluma e me levou para o quarto, depositando meu corpo na sua cama.

Nada mais foi dito. Ele tirou minha roupa e as suas, peça por peça, sem desviar seu olhar do meu. Seu carinho era tanto que ele não fez o prometido. Não foi sexo. Foi amor na forma mais pura.

Quando alcançou o êxtase, ele gritou meu nome e depois: “me desculpa”.



Quando cheguei ao trabalho, por uma infeliz coincidência, dei de cara com Betani. Eu jurava que ela viraria a cara, mas ela veio me abraçar. Definitivamente aquela garota tinha sérios problemas.

Decidi não me preocupar. Tinha coisas muito mais sérias para resolver.

Lembrei-me da conversa com Kauã. Precisava muito ver minha mãe, só que ir com ele lá, não estava nos meus planos.

Daria um jeito.

O trabalho consumiu todas as minhas energias e me esqueci do assunto durante o dia. Quando cheguei exausta no apartamento, tudo que desejava era um abraço do Kauã. Tinha me mandado uma mensagem para que fosse de táxi para casa, surgiu uma emergência na delegacia e ele não sabia que horas sairia de lá.

Tomei um banho relaxante na banheira. Quando terminei, fui xeretar na geladeira, procurando algo que a empregada deixava pronto para comermos.

Escolhi um caldo de aipim e coloquei o pote no micro-ondas. Quando abri, o cheiro era maravilhoso, mas não sei por que a primeira garfada fez meu estômago embrulhar e voei para o banheiro. Só não coloquei as tripas para fora, porque fiz um esforço absurdo e consegui engolir um pouco de água da torneira.

O que era aquilo? Eu estava com uma virose, ou eram as vitaminas que eu estava tomando para combater a anemia?

Desisti de comer e fui me deitar. Sentia-me péssima. O Kauã não apareceu e acabei adormecendo. Só fui acordar quando o outro dia amanheceu. A cama continuava fria. Peguei o celular, preocupada e liguei para ele.

— Kauã? Cadê você, meu amor? — falei preocupada quando ele atendeu.

— Me desculpe, baby. Caso grave, passei a noite interrogando e devo ficar aqui o dia todo.

— Mas você está sem dormir?

— Eu aguento. Só me espere em casa. Hoje você não trabalha, então me espere nua, na cama.

— Seu pedido é uma ordem, Senhor Markes.

Deprimida por ter que passar o sábado sem ele, aproveitei o dia, peguei um táxi e fui até o meu apartamento para fazer uma faxina. Por ficar fechado sem ninguém, tinha poeira para todos os lados. Como o lugar era um cisco, antes do almoço eu já tinha terminado.

Sem fome, um pouco enjoada, tomei uma decisão.

Eu aproveitaria a ausência do Kauã para visitar minha mãe. Ele nem ficaria sabendo. Eu me senti mal por mentir, mas precisava saber como minha mãe estava. Seria uma visita bem rápida.

Peguei um ônibus até lá e fiquei na esquina olhando para minha antiga casa. Tudo continuava igual e parecia que fazia séculos que eu tinha vivido naquele lugar.

Tentei me lembrar de alguma coisa feliz que vivi naquela casa. Nada veio na memória. Era triste você não ter vontade de olhar para o seu passado.

Fiquei esperando por algum tempo. Eu não queria encontrar meu pai. Como o universo muitas vezes nos ajuda, vi meu pai saindo de casa, em direção oposta de onde eu estava. Já devia estar indo para o bar. Esperei ele se afastar e saí correndo. Só então me dei conta da saudade que sentia da minha mãe.

O portão e a porta estavam destrancados e entrei sem bater. Minha mãe deu um pulo de susto quando me viu. Estava na sala assistindo TV. A primeira coisa que pude notar, antes de abraçá-la, é que estava com uma mancha roxa em volta do olho direito.

Voei no seu pescoço e choramos juntas.

— Ai, meu Deus, você está bem, está viva! — Se afastou e passou a mão por meu rosto.

— Estou, mãe. E você?

— Agora que te vi, minha filha, estou bem.

Mas não estava. Seu olhar era de tristeza, seu rosto estava machucado, nada

ia bem.

— Mãe, vem comigo. Tenho um lugar para você morar. Eu cuido de você!
— implorei.

Ela balançou a cabeça.

— Não posso. Ele é meu marido. Se eu o abandonar, ele vai se acabar na bebida.

— Ele já se acabou, mãe. Vai te levar junto.

Balançando a cabeça novamente, deixou claro que era um assunto sem discussão.

— Já vou, mãe. Só passei para ver se estava bem. Como sempre, se você está com ele, mesmo ferida, fica bem. Olha — peguei um pedaço de papel em cima de uma mesinha e anotei o meu celular —, você pode me ligar, se precisar. Qualquer coisa que precisar pra você — frisei, meu pai estava fora. — Eu estou disposta a te ajudar.

Dei mais um abraço apertado. Quando me virei para sair, lá estava ele na porta, meu pai!



Não me permiti sentir medo como antes. Agora, dona da minha vida, eu não o temia. Fiquei esperando que ele saísse da porta para que pudesse passar. Como facilitar minha vida nunca foi seu passatempo preferido, ele não abriu caminho.

— Pode me deixar passar. Estou de saída! — pedi, tentando manter a calma.

— Temos algumas coisas para acertar! — falou vindo em minha direção.

Não recuei.

— Acho que já acertei minha conta com você. E te garanto que esse acerto me custou caro.

Tinha o custo de uma vida, vários anos perdidos, abrir mão da minha mãe, tinha custado sorrisos, lembranças felizes....

Deixei as palavras morrerem na minha mente. Aprendi durante a convivência com meu pai que nada o intimidava, ou o fazia refletir.

— Não fizemos o acerto final. Você levou um dinheiro da sua mãe que eu sei. Ela me contou tudo, Nicolle, como você exigiu que ela entregasse suas economias.

Olhei para minha buscando uma defesa. Nem sei por que fiz aquilo. Nunca ela faria isso. Com toda certeza mentiu para se proteger. Eu não a culpava.

— Te mando o dinheiro se isso importa tanto. Não necessito de esmolas, já colhi muitas nessa casa e não me orgulho.

Ele tinha se afastado um pouco da porta e aproveitei a oportunidade para sair. Tentei desviar do seu caminho inutilmente. Seus braços fortes agarraram o meu.

— Me solta, se não quiser que eu saia daqui e vá até a polícia. Você não me intimida mais.

As palavras duras fizeram seus olhos ferverem de raiva.

— Acha que tenho medo daquele delegado para quem você se vendeu? Tenho nojo de você.

Sua ira fez meus olhos trasbordarem. No fundo, ainda almejava uma palavra de amor, orgulho, ou qualquer coisa que não fosse ódio.

— Pelo menos não me vendi para uma bebida e destruí minha família. Vou construir uma família, pai. Pretendo honrá-la como você não fez. Agora me

solta.

— Como você quiser! — respondeu, me empurrando com tanta força para o chão, que caí, batendo violentamente o rosto na mesa de centro.

Gemi, levando os dedos para diminuir a dor. Estava sangrando. Droga!

Meu primeiro pensamento foi como eu esconderia isso do Kauã. Depois olhei para a minha mãe que assistiu de longe, sem se mover.

Meu pai saiu da sala, sem olhar para trás.

Levantei vagarosamente. Minha visita não estava saindo como planejado.

— Você está bem, Nick? — minha mãe perguntou de longe, como se a minha presença pudesse ser uma doença.

— Estou ótima. É assim que você gosta de pensar, não é? Meu rosto está sangrando, meu coração despedaçado por ver você nessa situação... — as lágrimas queimaram meus olhos. — É tão fácil achar que está tudo bem e me esquecer, mãe. Como você consegue? Me conta, por favor, porque eu quero aprender!

Abri os braços, inconformada, dizendo pela primeira vez o que eu nunca tinha dito na vida.

— Não tem um dia sequer que eu não me lembre de você. Estou aqui hoje, correndo o risco de arrumar uma briga gigante com a única pessoa que se importa comigo e fiz isso por você, mãe. Se eu trouxesse Kauã aqui, ele — aponte para a porta do quarto que ele entrou — sairia com algemas nas mãos.

— Não faça isso! — ela falou seriamente. — Não tire seu pai de mim. Eu o amo.

— Isso não é amor — gritei. — Isso é doença. E eu? O que sente por mim?

Já sabia a resposta, mas precisava perguntar. Como sempre disse, gostava de sofrer.

Ela me fitou em silêncio, pensativa.

— Então é isso. Já terminamos nossa conversa! — falei quebrando o silêncio.

Enxerguei as lágrimas que escorriam do meu rosto, deixando minhas mãos vermelhas pelo sangue.

Saí correndo de lá, sem me importar com mais nada. Eu precisava dele.

Kauã era meu refúgio, o remédio para todas as minhas dores. Abraçá-lo era

como se eu encontrasse o amor na forma exata e isso resolvesse tudo. Eu amava aquele homem. Precisava que nos dois déssemos certo. Mesmo que eu nunca fosse o primeiro plano na sua vida, mesmo que a ex-mulher e o filho fossem fantasmas constantes em nossas vidas, eu suportaria.

Vivi de migalhas tantos anos com meus pais, mendigando por um abraço, um olhar que fosse pena, qualquer coisa eu aceitaria. E agora vivia impondo condições para que o Kauã ficasse comigo.

Só então percebi como estava sendo injusta. Cobrava tantas coisas dele, sendo que eu também era cheia de frustrações do passado. Tive sempre tanto pavor de um relacionamento como o dos meus pais, que estava estragando o meu por um medo, um trauma.

Peguei um táxi e voltei para o apartamento, torcendo para que o Kauã não tivesse chegado. Na atual situação em que estava, não teria como esconder dele o que tinha acontecido. Eu só esperava que ele me perdoasse.

Abri a porta bem devagar, como uma criminoso. Fui direto para o banheiro do quarto. Precisava tomar um banho e me recompor.

Então o vi. Parado perto da cama, com o celular na orelha.

Primeiro ele me olhou irado, em segundos ficou petrificado. Seu olhar era de pavor.

— Estou bem. Não me olhe assim, Kauã. Foi só um tombo — comecei a falar rapidamente. — Fui fazer faxina no meu apartamento e acabei escorregando, batendo o rosto na pia. Foi só isso.

Tirando a parte que minha blusa estava toda suja do sangue que pingava do meu rosto, a dor dilacerante que eu sentia, tinha sido só um tombo. Eu não menti afinal. Não tudo!

Sem dizer nenhuma palavra, correu até o banheiro e voltou com uma toalha úmida. Gentilmente, limpou todo o meu rosto e braços. Fechei os olhos diante do seu toque, na verdade, perdi as forças diante de tanto carinho.

— Sente-se na cama — mandou.

Obedeci.

Abrindo uma gaveta do guarda-roupas, retirou uma caixa de primeiros socorros. Em questão de minutos estava sendo medicada por algo que ardeu feito um inferno e tinha um curativo no rosto. Tendo uma noção melhor do que aconteceu, percebi que o corte tinha sido perto do queixo.

Kauã se afastou. Passou as mãos pelos cabelos, me dando as costas.

— Me diga o que aconteceu, Nicolle. E não ouse mentir pra mim! — disse, com um tom de voz saturado pelo ódio.

— Fui ver minha mãe... — falei derrotada — Eu sei que...

— Não. Você não sabe de nada! — Ele se virou, me encarando com a testa tão enrugada que senti medo. — Você fez uma promessa, Nicolle. Tínhamos um acordo.

— Um acordo que não me deu muitas escolhas. Eu só precisava ver minha mãe mais uma vez. Acabou. Perdoe-me?

— Eu não te proibi de ver sua mãe. Eu pedi que me convidasse para ir junto. Olha o seu rosto! — Sua voz começava se alterar — Vai se olhar no espelho, Nicolle. Além do corte, está inchando e tem um hematoma enorme se formando na sua bochecha. Foi seu pai?

Mesmo sabendo da resposta, Kauã perguntou. Só podia ser para me torturar.

— Você sabe quem foi.

— Me responde, droga! — ele gritou. — Você sai sem me dizer aonde vai, joga para o lixo tudo que nós combinamos e acha que pode ficar tudo bem? Responde a droga da pergunta.

— Foi ele! — falei já com lágrimas nos olhos. — Só queria me certificar que minha mãe estava bem. Só isso. Se você fosse comigo teria batido no meu pai, ou sei lá o que você faria com ele.

Vindo em minha direção, se abaixou ficando na mesma altura que eu, sentada na cama.

— Não quero bater no seu pai. — Ele apontou o dedo no meu rosto. — Eu quero matá-lo por encostar as mãos em você. Não farei isso, mas você vai me dar a permissão, como tínhamos combinado, para que eu mande ele para a cadeia. Vai agora comigo fazer exame de corpo delito e prestar a queixa.

Balancei a cabeça desesperada.

—Não. Minha mãe precisa daquele homem. Não consigo fazer isso! — Passei os braços no rosto tentando conter as lágrimas. — Acabou. Acredite em mim. Percebi que ela não me quer na sua vida. Nunca mais vou voltar lá.

— Não acredito em você. Não mais.

Ele se levantou, me dando as costas novamente, sem parar de passar as mãos pelos cabelos. Parecia tentar controlar sua ira.

— Ou me dá a permissão, ou pode voltar para o seu apartamento. Nossa história termina por aqui.

O quê? Não, não, não...

— Seu amor se resume a tão pouco? — perguntei sem me conformar. Levantei da cama, indo à sua direção. — Olha pra mim quando falo com você!

— Meu amor se resume a muito mais que você imagina e você não está levando em consideração. Não cresce! Nós acertamos e na primeira oportunidade você sabota o nosso amor. Sabe que o que mais tenho medo é te ver machucada, ou te perder e sai por aí se colocando em risco. Parece-me, Nicolle, que você faz de tudo para que eu te abandone. Se for isso que quer, está feito. Ou mando seu pai para a cadeia, ou acabou!

Meu olhar se estreitou. Odiei o que ele tinha dito.

— Engraçado que você não percebe o que faz também. Me culpa, me julga sem olhar para o lado. Como acha que me sinto sendo o segundo plano na sua vida? Como acha que sinto sendo trocada por lembranças da sua mulher e do seu filho? Eu nunca vou estar em primeiro lugar. Sempre terá uma sombra do seu passado.

Ele se inclinou para frente, perto demais, perto demais para que eu conseguisse me concentrar em algo que não fosse seu perfume e seus olhos encantadores.

— Eu sei exatamente como se sente — estendeu a mãos, tocando meu rosto, colhendo uma lágrima que descia —, sei de tudo, minha vida. Passei esses dois dias fora, comprando um apartamento novo, porque sei como se sente morando aqui e vendo eu me apegar às lembranças em todo o canto. Organizei para que nos mudássemos na próxima semana, em um lugar só nosso. As lembranças sempre existirão, mas eu queria que você povoasse a minha memória com lembranças suas, que cada canto da nossa casa fosse marcado por seus sorrisos, que eu pudesse amar você em cima do tapete da sala como você sonhou, que os domingos fossem seus, os bons dias fossem só para os seus ouvidos. — As palavras foram derramadas junto com suas lágrimas. Deus, ele estava chorando! — Eu queria que o passado ficasse no passado, que o futuro fosse todo seu, como merece, mas você estraga tudo. Você me faz te amar mais que a minha própria vida e, no instante seguinte, me faz sentir raiva de você. E eu não quero essas emoções contraditórias na minha vida. Não quero sair de casa e saber que você pode mentir pra mim, se colocando em risco. Não quero virar as costas e te ver machucada. Se você não consegue me dar o que eu quero, Nicolle, eu me

recuso a continuar te amando.

Dor! Senti meu coração ser massacrado por suas palavras. Transbordava amor dos seus olhos e mesmo assim ele estava me mandando embora da sua vida.

— Não pode me abandonar... eu... eu... — Fui tomada por soluços. Eu não aceitaria. Voei em seus braços. — Não me deixe. Eu não tenho mais ninguém. Eu te amo, Kauã.

Segurando em meus braços, ele me afastou.

— Eu não estou te abandonando. Estou te dando um tempo para pensar. Você diz que está sozinha, só que na primeira oportunidade defende aqueles que te negligenciaram por toda a sua vida. Abri mão de tudo por você. Liguei até para a minha mãe marcando um almoço no domingo. Se você diz que preciso superar o passado dessa forma, eu faço. Mas não vou aceitar suas atitudes imaturas.

— Me dê uma chance? — pedi arrasada.

— Essa é sua chance. Vá para o seu apartamento, ficar o tempo que for necessário para pensar o que realmente quer da sua vida. Quando souber exatamente do que precisa, vou estar te esperando.

O problema é que eu já sabia do que precisava, só não sabia como consertar toda aquela bagunça!



*Algo contraditório, poderíamos dizer.
Dois amantes procuram o silêncio quando se encontram.
Quando se separam, o silêncio se torna o inferno.*

— Já sei o que quero. Você, Kauã, é tudo que preciso!

Ficou calado, imóvel.

— Sinto muito se te decepcionei! — continuei.

Kauã suspirou. Ergueu o meu queixo, forçando-me a olhar para ele.

— Não estou decepcionado, anjo... — sussurrou as palavras — Estou furioso. Não suporto ver alguém te machucando mais do que já te machucaram. Se você não conseguir compreender isso, sou capaz de cometer uma loucura para te defender.

Encostei a cabeça no seu peito e chorei.

— A distância vai me machucar... — implorei mais uma vez por seu perdão.

— Não mais que a mim. A você, vai fortalecer ainda mais.

Depositou um beijo nos meus cabelos, soltou-me e saiu. Kauã abriu a porta do apartamento e se foi.

Deitei-me na cama em prantos. Abracei meus joelhos, sem conseguir suportar tanta dor. Mesmo à distância, meus pais conseguiam sempre destruir a minha vida. Era uma completa idiota, sempre querendo salvar o mundo e olha agora? Tinha perdido a coisa mais importante da minha vida e ninguém viria me salvar.

Uma ânsia tomou conta de mim. Voei no banheiro, vomitando novamente. Preocupada, coloquei a mão na testa para ver se estava com febre. Minha temperatura parecia normal. Pensei em ligar para o Gabriel, mas desisti. Não estava a fim de falar com ninguém.

Fui até a cozinha, revirando as gavetas até achar algum tipo de chá que pudesse aliviar o enjoo que sentia. Encontrei um de Camomila.

Coloquei água para ferver. Escutei meu celular que estava no bolso, apitar e o nome do Kauã brilhou na tela. Abri o WhatsApp, com o coração a mil.

Será que ele já tinha se arrependido?

Nicolle, vou ficar uns dias no meu apartamento novo. Se achar conveniente, pode ficar aí. A minha empregada pode continuar

cuidando da limpeza e cozinhado para você. Na gaveta do meu guarda-roupa tem uma carteira minha. Lá tem dinheiro suficiente para você se virar esse mês. Se precisar de mais, me avise. Qualquer problema que não seja relacionando com seu coração, pode me ligar.

Simples assim!

Ele me jogava para fora da sua vida, mas me deixava morando no seu apartamento e gastando o seu dinheiro. E eu que era a problemática da relação. Beleza!

Irritada, resolvi que iria parar de chorar feito idiota. Se ele queria um tempo, mostraria que não era relógio. Enxuguei as lágrimas. Acabei de fazer meu chá e bebi sem adicionar açúcar. Meu estômago estava péssimo.

Sentindo-me reestabelecida, tomei um banho aproveitando a banheira gigante só para mim, sem ter que dividir com ninguém. Sem fome, já relaxada e com a pele toda enrugada depois de uma hora dentro da banheira, deitei na cama também enorme e só para mim e liguei a TV.

Dentre todos os programas, decidi assistir um filme. “O noivo da minha melhor amiga” tinha acabado de começar. Chorei o filme inteiro. E era só uma comédia romântica. Não tinha nada a ver com Kauã, chorava pelo filme.

Antes de adormecer, só por curiosidade, olhei para a foto do perfil do Kauã. Meu coração parou quando vi uma selfie nossa sorrindo como bobos e apaixonados.

Chorei novamente até adormecer.

Jurei que acordaria melhor. Então, por que será que tinha a sensação de que tinha sido atropelada por um trem de carga? Foi só chegar à cozinha e encontrar a empregada fritando algo que pareciam ovos, que meu estômago embrulhou e voei para o banheiro.

Sem suportar o cheio de comida no apartamento, saí mais cedo para o trabalho. Eu precisava avisar que o Kauã não tomaria mais aquele café da manhã nojento.

Só de lembrar meu estômago se embrulhava.

Com todo o ânimo do mundo, entrei na fábrica, me lembrando de quando o Kauã me trazia. Todas às vezes nos despedíamos umas cinco vezes antes de nos desgrudarmos.

Lágrimas quiseram saltar.

— Deixa de ser idiota, Nicolle! — falei comigo mesma — Bola para frente, garota.

Só que como o universo estava conspirando contra a minha pessoa, dei de cara com a Betani no portão. Sério isso? Qual o problema comigo, Senhor Deus das Pessoas Sem Paciência?

— Oi, Nick! — Ela me abraçou.

— Oi, Betani, bom dia.

— Veio sozinha hoje? O Kauã não te trouxe?

Arg! Mataria um ser humano hoje! Sabe aquelas pessoas inconvenientes que uma hora você precisa colocar no lugar? Betani era esse ser humano.

— Não veio. Passamos a noite toda na cama, fazendo sexo muito pesado e ele não teve ânimo nem de sair de lá.

Seu olhar foi impagável. Ela ficou vermelha na hora, a boca se abriu e os olhos se estalaram.

— Nossa! Você é direta! — comentou por fim.

— Não costumo ser, mas como você parece desejar meu namorado o tempo todo, resolvi aguçar seus sonhos.

Desconcertada, não sabia o que dizer.

— Não... você está enganada...

— Sei que você o deseja. Já saiu com ele, não conseguiu nada e fica o tempo todo tentando pegar uma lasquinha. Vou te ajudar nos seus sonhos. — Estava transtornada de raiva. — Embaixo daquela camisa branca que o deixa tão sexy, tem a maior parede de músculos que você pode imaginar. Sim, ele é muito gostoso! Na cama — me abanei — , ele é aquele tipo de homem que faz você ver estrelas e depois o céu.

Dei uma piscada e saí pisando fundo.

— Betani — parei olhando para trás —, tem mais um detalhe: ele me ama!

Fui trabalhar com a alma lavada. Cretina! Ela tinha que entender seu lugar. Não importava que o Kauã estivesse mais comigo, ela precisava ter modos. Onde já se viu ficar cobiçando e se jogando em cima do namorado da amiga?

Graças a Deus a virose resolveu me abandonar e trabalhei o resto do dia sem sentir enjoos ou vomitar. Olhei no celular várias vezes procurando por

mensagens de certo alguém que já parecia ter me esquecido. Bom, pelo menos manteve a foto do WhatsApp comigo. Já era um começo.

Umas quatro da tarde, o chefe do meu setor anunciou que teria trabalho extra. Quem quisesse ficar, poderia estender o expediente até as oito na noite.

Aceitei na hora, já que se fosse para casa ficaria chorando e comendo brigadeiro até ficar gorda. O único problema é que acabei saindo da fábrica dez horas da noite. Os ônibus já não estavam circulando naquele ponto e me esqueci de pegar dinheiro para o táxi. Na verdade, não tinha quase dinheiro e não ficaria torrando o do Dr. Markes, mesmo que ele merecesse.

Aproveitei a oportunidade única. Peguei o celular e liguei para ele.

— Me diz que está bem? — já perguntou assustado.

— Estou. Desculpe-me por ligar. Eu fiquei até agora no trabalho e não tem mais ônibus. Estou sem dinheiro para o táxi também. Não tenho como ir para casa.

— Espere aí! — falou e desligou.

Abri um sorriso. Eu não forçaria a barra. Queria vê-lo. Só isso.

Depois de uns minutos, seu carro se aproximou.

Abri a porta animada até dar de cara com um homem que não era o Kauã.

— Olá, senhorita. Dr. Markes estava ocupado e pediu que eu viesse buscá-la. — Sorriu amável.

Tentei abrir um sorriso para não ser mal educada, mas a vontade era matar o Kauã. Um milhão de vezes idiota. Decidi que não faria mais papel de trouxa. Se ele queria distância, teria distância.

Irritada, cheguei ao apartamento dele, juntei todas as minhas coisas e voltei a morar no meu apartamento.

Desliguei o celular, desejando que ele me imaginasse morta.

Olhei-me no espelho para ver se os hematomas causados pelo meu pai estavam sumindo, só que estavam ficando verdes. Muito piores a cada dia. O corte já estava bem fechadinho.

Com fome, fiz um miojo e sentei no colchão da minha casa para comer. Olhei para os lados, desanimada.

Eu não tinha família; não tinha mais um namorado; minha única amiga era uma piranha chamada Betani; meu único amigo era meu médico que tinha segundas intenções comigo: minha vida estava ótima.

A primeira garfada de comida e pronto. Estômago embrulhado novamente e por fim um estalo na minha mente.

Não. Estava enganada, precisava estar enganada.



Desesperada, peguei o celular e liguei para Gabriel.

— Olha, me desculpe por te ligar essa hora. Você está dormindo? — já desembestei a falar, antes mesmo dele dizer “alô” — Me desculpe, ligo depois!

— Nicolle, estou ótimo também, e você? — falou me cortando. — Não estou dormindo. Dia de plantão hoje.

— Estou muito doente, Gabriel. Pode me ver agora?

— Claro. Você tem como vir até o hospital?

— Tenho. Me passa o endereço?

Anotei e, depois de muitos minutos, de um taxista muito xereta, que não parava de falar, e de quarenta reais mais pobre, cheguei ao hospital.

— Onde o encontro? — liguei e perguntei para ele.

— Já avisei na recepção. Fale com a Manuela.

Foi o que fiz. A garota simpática me levou até a sala dele.

— Oi! — falei envergonhada.

Eu queria me enfiar embaixo da mesa. Como eu contaria para ele sem ficar vermelha?

— Você está bem? O que sente?

— A princípio medo.

Ele sorriu.

— Engraçado. A primeira vez que você realmente me pediu um remédio, estava com dor no coração por amor mal resolvido e agora veio me procurar por uma doença chamada medo?

— É que esse medo, tem tudo a ver com um outro problema que pode ser de saúde, ou não. Nem sei explicar.

— Que tal me contar do começo?

— Eu estou fazendo tudo direitinho o que você mandou. Tomando as vitaminas... — Apontou para uma cadeira para que eu me sentasse. Obedeci. — Estou me alimentando bem. Até que há alguns dias comecei a sentir enjoos e vomitar constantemente e...

Arqueou as sobrancelhas e não tive coragem de terminar a frase.

— Você acha que pode estar grávida?

— Isso é muito confuso porque sempre, sabe... — cocei a cabeça —, sempre...

Era muito constrangedor. Devia ter procurado uma médica.

— Vocês sempre usaram preservativo?

— Isso. Sempre!

— Humm. O preservativo pode não ser 100% seguro. Tem várias questões envolvidas como mau uso, por exemplo. Acho que não precisamos discutir isso e sim fazer alguns exames para descobrir a verdade. Vou pedir que você retorne amanhã antes de ir para o trabalho para retiramos seu sangue. Dessa forma, já peço alguns outros exames para sabermos como anda sua saúde e como estão suas plaquetas. Tudo bem?

— Tudo ótimo! — tentei responder com um otimismo que não era real.

— Nicolle, independente do resultado, converse com o cara. Ele parecia amá-la de verdade e deveria estar aqui com você agora.

— É complicado! — falei pensativa.

— O amor é complicado. Por isso é tão belo.

Assenti emocionada. A volta para casa foi silenciosa. Dessa vez tive mais sorte com o taxista. A noite foi um tormento. O sono não veio e passei o tempo todo refletindo sobre a minha vida.

Eu não queria tomar decisões pelo Kauã, baseadas em um filho. Também não queria que ele fizesse isso. Queria que déssemos certo porque nos amávamos e ponto!

Comecei a pensar em como somos influenciados pela nossa infância, por nossos pais pelo resto da vida. Eu sempre seria aquela Nicolle paranoica, cobrando coisas que, muitas vezes, ele não poderia me dar, tudo porque não queria alguém como meu pai do meu lado. Por outro lado, poderia amar o Kauã com toda a minha força e vida. E isso não era pouco.

Ele me deixar também tinha sido uma atitude imatura, marcada por traumas passados.

Duas horas da manhã, tomei uma decisão. Eu reconquistaria o Kauã. Com isso, dormi decidida e sonhar com ele era meu alívio.

Durante o resto da semana, trabalhei pensando no sábado. Fui tirar sangue para os exames, mas não fui buscar os resultados.

Kauã me ligou algumas vezes. Não atendi. Optei por não responder suas mensagens constates no WhatsApp. Limitei-me a responder na quinta-feira, que estava bem.

No sábado de manhã, criei coragem e telefonei para ele.

— Kauã? É a Nicolle.

— Sei que é você porque aparece seu nome e sua foto no visor. E saberia mesmo que não aparecesse. Conheço até sua respiração, baby! — sussurrou.

Arrepiei-me. Fechei os olhos buscando pelo ar.

— Me conhece tanto e não sente falta? — indaguei.

— Sinto tanto que às vezes me falta o ar para continuar a viver.

As lágrimas se acumularam nos meus olhos. Deus, como eu o amava.

— Kauã, quero muito que nos acertemos, mas acho que você tem razão sobre nosso amor estar fadado ao fracasso. Então tive uma ideia.

— Adoro suas ideias! — falou com voz rouca. — Você pensa muitas coisas indevidas, Nicolle.

Senti o desejo tomando conta do meu corpo.

— Não são essas ideias — falei sorrindo e imaginado o seu sorriso perverso. — Podíamos começar de novo... — puxei o fôlego. — Quer ter um encontro comigo, só pra conversarmos, como se fosse a primeira vez que estivéssemos saindo?

— Adoraria, baby.

— Vai ser como se nunca tivesse existido nada entre nós. Um primeiro encontro de verdade, já que a primeira vez que nos vimos foi em uma delegacia.

— E onde deseja ir?

— Vou fazer um jantar, no seu antigo apartamento. — Porque o meu não tinha nem mesa. — Hoje à noite. Você é meu convidado.

— Que horas devo me apresentar e que roupa eu devo vestir?

— Às oito da noite. É indispensável o uso de camisa branca. O resto fica por sua conta.

— Como você preferir.

— Então... até mais... — falei com dor no coração por ter que desligar. Eu sentia tanta saudade.

— Nicolle, só uma pergunta. Você é o tipo de garota que costuma dormir

com os caras no primeiro encontro?

Não resisti. Gargalhei.

— Eu diria que sou uma mulher difícil. Uma garota de família. Daquelas que só depois do casamento.

Dessa vez foi ele que explodiu em uma risada gostosa.

— E mais uma coisa — acrescentei — , precisa trazer vinho e flores.

Desliguei sem escutar sua resposta. Animada, como não ficava em semanas, juntei algumas coisas e fui para o trabalho. De lá eu já ia para o apartamento do Kauã.

Assim que cheguei, voei para a cozinha e comecei a preparar o jantar. Peguei uma receita de risoto na internet feito com vinho e para acompanhar, uma costelinha de porco com molho barbecue.

Até que a carne assava, tomei um banho e vesti uma saia curta e uma blusa mais comportada. Hoje a noite era para conversar.

Com tudo quase pronto, arrumei a mesa com as louças mais chiques que encontrei no armário. Oito horas em ponto o interfone tocou. Ele tinha a chave, no entanto, estava agindo como um convidado. Sorri.

Abri a porta, já me preparando para não voar no seu pescoço.

Lá estava Kauã à moda Kauã. Como pedi, vestia uma camisa branca, com as mangas dobradas até pararem em cima dos seus músculos perfeitos dos braços. Vestia o mesmo short que usou na festa da piscina, de tecido azul com flores amarelas. Em uma mão segurava um buquê de rosas vermelhas e na outra um litro de vinho.

— Vai me deixar entrar? — perguntou enquanto eu ficava babando.

— Eu... eu vou, claro.

Estendendo a mão, peguei o vinho, o ajudando.

Já saí em direção à sala de jantar e coloquei em cima da mesa. Voltei o meu olhar para ele, que me encarava, sem piscar.

— Você está linda! — Estendeu o buquê de rosas.

— Obrigada! — falei envergonhada, pegando o buquê. — Vou colocar na água.

Saí em disparada para a cozinha. Precisava me recompor. Voltei para a sala de jantar, depois de alguns segundos.

— Quer comer primeiro, ou vamos conversar?

— Você que marcou o encontro. Estou à sua mercê! — respondeu.

Olhei indecisa e passei a mão trêmula pela testa.

— Vamos comer então! — disse por fim — E conversamos também junto.

Até que ele se acomodou, já fui servindo comida nos dois pratos e nos sentamos de frente um para o outro. Estava tão constrangida, como em um primeiro encontro de verdade. Kauã não estava facilitando. Não tirava os olhos de mim, calado.

— Você nunca me disse quais são as suas comidas preferidas... — comentei, esticando o prato para ele.

— Passei muito tempo da minha vida sem vontade de comer nada. Nada me satisfazia. Ultimamente, uma única refeição tem me feito feliz.

Quase engasguei. Ele estava falando de outra comida. Caramba! Senti minhas bochechas queimarem.

— E o que seria essa refeição? — perguntei incapaz de manter a boca fechada.

— Algo ilícito para o horário.

De longe pude sentir seu perfume intrigante. Ergui os olhos para fitá-lo, percebendo que tudo que queria era beijá-lo.

— Não vamos conseguir manter uma conversa séria dessa forma. Primeiros encontros não costumam ser assim! — Apontei para nós dois.

— Estou totalmente à sua mercê. É só me dizer o que fazer.

Tudo que ele dizia, me fazia pensar em coisas indevidas.

— Kauã, o que você pensa quando olha pra mim? — perguntei séria. Seu olhar se fechou, mostrando que tinha entendido a profundidade da pergunta.

— Muitas coisas. Quer saber todas ou a principal delas?

— Os dois.

— Vejo uma mulher linda que me olha com tanto amor que não me acho merecedor. Uma mulher tão sexy que não sabe o tamanho do poder que tem em um único piscar de olhos. Vejo um sorriso capaz de derreter uma geleira, mãos que tocam com tanto carinho que fazem meu coração se acelerar a ponto de me faltar o ar! — Seus olhos me fitavam com tanta intensidade, que o amei ainda mais, se é que isso era possível. — Vejo o ser humano mais incrível que já tive a

capacidade de conhecer, porque você, Nicolle, não desiste. Não desistiu dos seus pais, mesmo eles tendo te negligenciado por uma vida. Não desistiu de mim, mesmo eu tendo te abandonado várias vezes, você está aqui.

— Sei que você...

— Não — me interrompeu — não se desculpe por mim. — Se levantou, puxando a cadeira até o meu lado — Sabe o que mais eu vejo em você, vida minha? Uma menina assustada, que apesar de tudo isso, tem tanto medo de ficar sozinha que está aqui me pedindo perdão com o olhar, quando tudo que fez na vida foi amar. Você é incapaz de fazer algo que não seja amar, Nicolle. Sou indigno de você.

— Você é digno de todo o meu ser, Kauã.

— Não sou. Você me ama muito mais que você. Eu não mereço esse amor. Você precisa mudar, quero que mude por você. Olhe à sua volta. Você sorri para o mundo quando devia odiá-lo. Ama a vida quando devia culpar o mundo por ter sido tão cruel. Protege seu pai que nunca se importou com você. E me ama, nunca desiste de mim.

Mordi os lábios e balancei a cabeça, enquanto meus olhos se inundavam de lágrimas.

— Por que me deixou se sabia que meu amor era tão grande? — perguntei sem entender.

— Porque é isso que faço. Eu desisto de viver com muita facilidade. E viver significa te ver todos os dias. Você é minha vida, Nicolle. Odeio a possibilidade de te perder, de te ver machucada, então desisto!

Ri trêmula com a confissão dele. Kauã me amava, não duvidei disso. Com isso, deveria existir algum lugar nesse mundo que cabia nossa felicidade. Tinha que existir. Eu encontraria esse lugar.

— Me machuca quando você me deixa. Me machucou muito mais sua partida do que isso. — Apontei para o meu rosto — Quero que me faça uma promessa, Kauã.

— Não! — Balançou a cabeça, enquanto sua mão deslizava com delicadeza por todo o meu rosto. — Não posso mais fazer promessas. Como vê, não cumpro com nenhuma.

— Tem que prometer que não vai me abandonar. Eu preciso disso para ficar com você.

— Vou te prometer a única coisa que sei poder cumprir: — tremeu ao dizer

as palavras — prometo te amar, Nicolle. Enquanto eu viver prometo amá-la.

Respirei ofegante, demorando alguns segundos para me recuperar. Vagarosamente vi ele se ajoelhar no chão.

— Quero que se case comigo. Quero que seja minha, Nicolle, de corpo, alma e mente.

Ajoelhei-me à sua frente, porque sempre, para todo o sempre, queria ficar na mesma altura dele. Na mesma altura dos seus olhos e dos seus sonhos.

— Eu já sou sua por inteiro! — respondi emocionada.

— Então me deixa ser seu? — sussurrou.

E ele seria!



*O que voce nao conseguir alcançar fisicamente,
seu coração já conquistou em mente.*

Não foi preciso mais nenhuma palavra. Não existiam palavras para descrever o nosso amor. Com uma doçura que não condizia com o seu desejo, ele me pegou no colo e me levou até o quarto. Com um desejo que não cabia em nenhum espaço físico, ele me tomou para si. Com um amor que não cabia nos nossos corações, nos amamos.

E foi divino, pleno.

— Vou mandar pegar minhas coisas aqui e as suas. Quero que se mude amanhã para o nosso novo lar! — falou ainda na cama. Meu corpo descansava encostado no seu. — Você vai amar o novo apartamento, dá o dobro desse aqui.

— Mas esse já é um exagero. — O encarei perplexa. — Deve ser do tamanho do seu ego! — brinquei.

Um sorriso que me fascinava abriu no seu rosto.

— Eu diria que do tamanho do nosso amor.

Seus lábios brincaram com os meus, beijando-os várias e várias vezes, suavemente.

— Não acho que nosso amor caiba no mundo... — respondi.

— Não mesmo! — concordou. — Está com fome? — perguntou. — Deixamos o jantar pela metade.

— Estou morta de fome. Vamos voltar lá que esquento tudo no micro-ondas.

Assim que senti o cheiro da comida, o velho problema voltou e senti meu estômago se revirar. Sem tempo para explicações, corri para o banheiro. Horrorizado, ele me socorreu.

— O que houve? O que você tem?

— Só uma virose que me atinge há alguns dias.

Lavei o rosto e escovei os dentes. Kauã ficou petrificado me olhando.

— Se todas as vezes que eu ficar doente você ficar assim, não vai viver muito anos! — brinquei.

Eu precisava buscar meus exames, mas não queria que ele ficasse sabendo até que eu tivesse certeza. Eu nem sei como ele reagiria.

Enxuguei o rosto e o abracei.

— Está tudo bem, amor.

— Isso me assusta — sussurrou alisando meus cabelos.

Conseguimos jantar depois disso.

No domingo cedo, ele recebeu uma ligação da delegacia e precisou sair, muito bravo e irritado. Porém, me prometeu um passeio quando voltasse.

Aproveitei que saiu e liguei para o Gabriel.

— Nicolle, vou matar você, sua irresponsável! — ele falou sem me deixar dizer bom dia.

Eu tinha recusado suas ligações durante toda a semana. Eu me recusava a saber os resultados dos testes sem saber meu futuro com o Kauã.

— Me desculpe. Estava com problemas.

— Problemas você está agora. Precisa vir urgente me ver. Só que estou viajando hoje, mas amanhã, antes de qualquer coisa você vai até o hospital em que faço plantão.

— O que foi? — perguntei começando a me preocupar.

— Você está grávida, Nicolle.

Sem reação, fiquei em silêncio. A ficha demorou a cair. Quando recobrei a noção, abri um sorriso e passei a mão pela minha barriga.

— Nicolle, está aí? — perguntou do outro lado.

— Sim. Fiquei emocionada. Eu achei que...

Eu nem sei o que achei. Mas eu teria um filho, do Kauã. Inundei-me de amor.

— Tem um problema, Nicolle. A anemia na gravidez já pode estar presente no segundo, ou terceiro trimestre de gestação, onde a quantidade de hemoglobina no sangue diminui e a necessidade de ferro aumenta. Você está no primeiro mês de gestação e seu organismo está carente de ferro. Não sei porque, mas você está muito anêmica novamente, Nicolle. Isso pode oferecer riscos para você e o bebê.

Senti minhas pernas falharem. Nada aconteceria com meu bebê, eu não deixaria.

— Mandeí no seu WhatsApp mais algumas vitaminas para você tomar e uma lista de alimentos que você vai começar a consumir imediatamente. E amanhã vai me procurar.

— Meu bebê vai ficar bem? — perguntei desesperada.

— Vamos lutar para que vocês dois fiquem bem. Já chamei uma médica especialista em gestações de risco para me acompanhar no seu tratamento e gestação. Amanhã oito horas te espero no consultório.

— Muito obrigada, Gabriel. Você sabe que tenho um carinho muito grande por você! — falei antes de desligar.

Ele era um bom amigo.

— Eu sei... — ele falou.

Quando desliguei, olhei todos os medicamentos que pediu e os comprei de uma farmácia, por telefone. Preparei vários alimentos que ele indicou para o almoço. Isso ajudava a hora passar. Precisava falar com o Kauã, precisava dele.

Eu me senti uma criança perdida. Eu já amava demais aquele bebê.

— Você vai ficar bem, meu amor! — falei acariciando a minha barriga.

Como por castigo, Kauã só voltou para casa às seis da tarde.

— Meu Deus, que saudade! — Me abraçou apertado quando me viu. — Estou exausto e com vontade de você.

Beijei seus lábios, já com lágrimas nos olhos.

— O que foi? — ele se afastou, perguntando. — Por que está chorando, meu anjo?

— Tenho uma coisa para contar para você. Algo bom — falei sorrindo. — Espero que você ache bom.

— Se for bom para você, pequena, será ótimo para mim.

Peguei sua mão e levei até minha barriga.

Seu olhar foi de espanto quando compreendeu.

— Tem um bebê crescendo aqui dentro. Você vai ser pai.

— Como?

— Não sei. Fiquei sabendo hoje de manhã. Quando ficamos separados, passei mal algumas vezes e o Gabriel pediu alguns exames. Liguei pra ele agora cedo. Está bem no comecinho ainda.

Emocionado, ergueu minha blusa e começou a beijar minha barriga.

— Não consigo acreditar. Um filho? — Lágrimas escorriam do seu rosto. — Quando Arthur se foi, achei que nunca mais seria pai! — Seus olhos voltaram para os meus e ele beijou meus lábios. — Você me devolveu a vida, baby. Vai

me dar um filho.

— Sim...

Nós nos abraçamos e choramos emocionados.

— Vou pedir que preparem um quarto lindo para o nosso bebê no apartamento. Ele vai ter tudo.

— Já tem o principal, nosso amor. Só que tem uma questão nessa gestação. — Sabia que ele ficaria apavorado, só que eu precisava do seu apoio. — Estou anêmica e isso tende a piorar na gestação. Então é uma gravidez de risco, Gabriel me disse.

Eu achei que ele piraria, entraria em estado de choque, sei lá. Jurava que ele agiria como sempre.

— Vocês ficarão bem! — ele me abraçou. — Vou cuidar disso e vai ficar tudo bem.

Então o medo foi embora. Com seu apoio, meus fantasmas não tinham importância. Alguma coisa tinha mudado nele.

— Amanhã você não vai mais trabalhar. Vai cuidar desse bebê. Pode fazer isso por mim? — pediu com carinho, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Se você vai cuidar de mim, posso fazer até o impossível por nosso filho.

Tudo estava bem. Tudo ficaria bem com ele!



Na segunda, Kauã não foi ao trabalho. Acompanhou-me até o hospital. Foram feitos novos exames e fui encaminhada para a médica especialista. Ela agendou um ultrassom para o próximo mês e nossa ansiedade só aumentou com essa notícia. Ao sairmos de lá, fui até a fábrica e pedi a conta.

Kauã começou a me mimar desde o minuto que ficou sabendo do filho. A cada cinco minutos, perguntava se eu estava com vontade de comer algo e se estava bem. Enquanto estávamos fora de casa, pediu que nossas coisas fossem levadas para o apartamento novo.

À noite, quando pisei os pés no meu novo lar, voei no pescoço dele. Era tudo perfeito e nunca tinha visto tanto luxo reunido. O apartamento era uma cobertura com três suítes, aérea de lazer com churrasqueira e, sim, ofurô. A decoração era delicada como eu sonhava.

Decidimos que eu também entregaria meu apartamento de volta para a imobiliária. Não tinha mais o porquê eu mantê-lo. Levamos à risca todo o tratamento da anemia. Quando eu não tinha muita fome, Kauã me obrigava a comer.

A felicidade que compartilhávamos era impressionante. Já tínhamos entrado com os papéis para o casamento, só não tínhamos decidido se faríamos uma festa. Eu nunca mais tinha tocado no assunto dos seus pais. O deixaria resolver o que era melhor.

Quando completei dois meses de gravidez, fomos fazer o ultrassom. A sensação de escutar o coração do bebê bater foi inexplicável. Chorei e ele me beijou na frente da médica.

Quando saímos de lá, ele me olhou seriamente.

— Vou passar na casa dos meus pais. O que acha?

Surpresa, abri um sorriso.

— Quer contar a eles?

— Quero. Talvez agora eu entenda o que é o amor de um pai por um filho.

Assenti. A constatação me deixou triste ao me lembrar dos meus pais. Mesmo sem pegar meu filho nos braços, sabia que daria a vida por ele e abandoná-lo seria pior que a morte.

Eu amava o Kauã e sabia que ele seria o melhor pai do mundo. Mas se fosse

o contrário, não pensaria duas vezes antes de colocar meu filho como prioridade.

Ele pegou minha mão e apertou.

— Existem pessoas que não merecem ser pais. Mas a vida vai te dar só amor daqui para frente! — falou como se entendesse perfeitamente meus pensamentos.

Chegamos à casa dos pais dele, sem avisar.

Tocamos o interfone e fomos atendidos por sua mãe, que abriu um sorriso tão grande, que contagiou a nós dois no mesmo instante.

— Kauã? — Ela o abraçou forte.

— Oi, mãe. Viemos fazer uma visita.

— Oi, Nicolle! — Também me abraçou carinhosamente.

— Papai está em casa? — perguntou.

— Sim. Sente-se que vou chamá-lo.

Entramos na sala e nos acomodamos no sofá macio. Estava apavorada, com medo de que eles não recebessem bem a notícia do neto. Quando ela voltou com o marido, o silêncio foi constrangedor. Os dois se sentaram na nossa frente. O pai dele não tinha a melhor das caras.

— Estou tão feliz que estejam aqui! — Amélia falou segurando a mão do marido. — Estamos, não é, Felipe?

O homem não respondeu. Sua fisionomia dessa vez parecia abatida. Não tinha ódio como da outra vez, tinha mágoa no seu olhar quando olhava para o filho.

— Eu vim aqui hoje porque precisava dizer algumas coisas. Primeiro preciso pedir desculpas! — Kauã começou. — Nada vai trazer de volta esses anos que perdemos, mas, pai, quero que saiba que sofri todo esse tempo, não me permitindo ser feliz e você significava esse sentimento. Culpar você foi mais fácil. Eu precisava culpar alguém. Não suportava me culpar sozinho.

— Então uma mulher chega e muda tudo. Agora você pode vir até aqui e devemos esquecer todo o nosso sofrimento? Simples assim?

— Nada é simples, pai. Nicolle não é uma mulher qualquer. É a mulher que devolveu a minha vida e agora é minha noiva. E não é só por ela que estou aqui.

— Felipe — comecei. Eu precisava ajudá-lo —, imagino ter sido muito difícil perder a nora e o seu neto de uma única vez. E ainda ver o seu filho se

afastar.

— Não foi difícil. Foi impossível... — ele me respondeu cheio de raiva.

— Agora imagina se você tivesse perdido a sua mulher e, no mesmo dia, perdido seu filho, não por uma distância afetiva como aconteceu. Soubesse que nunca mais iria vê-los, abraçá-los?

Felipe abaixou os olhos, encarando as próprias mãos. Todos estavam em silêncio. Kauã pegou minha mão e apertou. Estava me agradecendo.

— Eu não sobreviveria — falou, por fim, me olhando com lágrimas nos olhos.

— Então, aproveite que o seu filho está aqui, vivo, pedindo-o perdão e sua mulher te implorando para aceitar.

— E todo esse tempo que perdemos? — questionou.

— Vamos compensá-lo. Kauã me fez viver uma vida em poucos dias. O tempo é relativo.

— Estamos sujeitos à tragédia nessa vida — disse olhando para o filho — E se você sumir novamente?

— Não vai acontecer, pai. Aprendi que preciso aproveitar o que tenho no agora, já que o futuro é incerto.

Parecia que Felipe estava querendo ceder, mas seus olhos mostravam medo. Amélia não parava de chorar. Aquela mulher já tinha sofrido o suficiente. Ele precisava ceder.

— Tem algo também que vocês precisam saber — Kauã falou. Ele me encarou ao dizer as palavras. — Vou ser pai novamente.

Tinha tanto orgulho nas suas palavras, que não me contive e o abracei.

—Ai, meu Deus! — Amélia falou entre palmas e lágrimas.

Quando o soltei, Kauã foi abraçado com carinho pela mãe. Felipe continuava distante, mas incapaz de conter a emoção.

— Parabéns, meu filho. Que orgulho de você!

— Obrigado, mãe. Nicolle tem mudado minha vida.

Pegando na minha mão, ela me puxou para o abraço triplo. Tinha tanto amor ali, que me sentia realizada. Até uma tontura me tomar. Mais que depressa, Kauã estendeu o braço para me segurar quando me viu cambaleando na sua frente.

— O que foi? — perguntou desesperado.

— Estou enjoada... com tonturas...

— Quer que eu chame o médico? — perguntou Felipe.

— Por favor, pai, faça isso! — Kauã se inclinou com cuidado para passar os braços por baixo dos meus joelhos, me erguendo com facilidade. — Vou levá-la para o meu quarto.

Amélia assentiu.

Em algum lugar dentro do meu ser que não estivesse passando mal, senti alegria por ouvir suas palavras. Kauã ainda pertencia àquela casa.

— Vai ficar bem, doçura! — Deslizou seu polegar por minha pele que parecia quente.

Meu corpo parecia desmoronar aos poucos. Tinha alguma coisa errada.

— Segure-se em mim! — murmurou ele — E confie em mim. Você confia, minha vida?

Assenti, já sem vontade de falar. Aos poucos fui fechando os olhos, sem forças.

— Não faça isso. Não me deixe aqui, abra os olhos.

Com esforço, obedeci. Seus olhos me encaravam com pavor.

— Não se atreva a me deixar por nem um minuto, entendeu?

— Sim...

Acomodando-me na cama, Kauã ajustou os travesseiros às minhas costas, me deixando com o tronco meio inclinado.

Sentou ao meu lado, acariciando meus cabelos.

— Precisamos de você bem! — ele sussurrou. Uma das suas mãos passeava pela minha barriga. — Consegue pensar em um nome para o bebê?

Eu não conseguia pensar em nada que não fosse o mal-estar que tomava conta do meu corpo. No entanto, não o culparia. Era uma tentativa de me distrair.

— Não sei... — respondi, pegando em uma das suas mãos.

Estava com medo.

— Eu pensei em deixar você escolher. O que acha? Eu tenho um péssimo gosto para nomes.

— Não sei.

— Você que sempre sabe de tudo! — Ele se debruçou, ficando com o rosto

próximo ao meu. — As palavras otimistas sempre partem de você, Nicolle. Me diz que vai ficar bem?

— Eu vou! — garanti antes de apagar.



*O melhor sentido do mundo esta naquilo que nao pode ser dito.
Um abraço, um olhar...*

Acordei na cama de um hospital. Kauã estava em uma poltrona ao lado da cama, dormindo profundamente. Fiquei olhando para aquele homem tão grande e que dormindo parecia tão frágil. Seus cabelos bagunçados, a barba por fazer, a roupa amarrotada, tudo isso demonstrava o seu cansaço.

Eu entrei em desespero quando lembrei-me do meu bebê.

— Kauã — chamei desesperada. — Acorda, Kauã?

Dando um pulo na poltrona, ele me olhou perdido.

— Você acordou, meu anjo. Está com dor?

— Meu bebê?

Não consegui completar a pergunta, com medo da resposta.

— O bebê está bem. — Abriu um sorriso tranquilizador. — Já é um guerreiro!

— O que aconteceu?

— Estamos esperando o médico aparecer. Fizemos vários exames, mas já me garantiram que o bebê está bem.

Kauã tentava manter a calma na sua voz, mas o desespero beirava suas palavras.

— Eu não entendo. Meu bebê vai nascer doente?

— Não. Nem você vai ficar doente. Vamos acompanhar e tudo vai ficar bem.

Suas mãos frias grandes pegaram meu rosto. Ali estava o olhar que eu amava. Um olhar de amor puro.

— Até que o bebê nasça, vou ficar do seu lado a cada minuto e nada vai acontecer. Eu não vou permitir. E você vai me ensinar a ser o seu amor como dos livros. O que acha?

— Você já é o amor mais perfeito ao que sonhei.

— Não! — Balançou a cabeça. Uma lágrima escorreu do meu olho e ele a beijou. — Sou cheio de defeitos. Quero ser exatamente como nos seus sonhos.

— Meus sonhos nunca alcançarão o seu amor, porque você vai além de tudo o que sonhei!

— Quando sairmos desse hospital e chegarmos até em casa, você vai me contar exatamente como era seu amor dos livros, ou não a levo mais! — falou com um sorriso perverso. — Ou, talvez, eu te leve e você tenha um castigo melhor para sua teimosia! — brincou.

— Temo esse castigo, então. Conto o que for necessário.

Seus lábios se encostaram aos meus gentilmente.

— Você vai ficar bem... — disse mais uma vez. Compreendi, então, que falava para si mesmo. Kauã tentava se convencer de algo que não tinha controle.

— Oi? Posso entrar? — um médico apareceu na porta.

— Claro! — Kauã respondeu, se afastando um pouco de mim, mas segurando minha mão.

— Nicolle, você está com oito semanas de gestação. Seu bebê é saudável, entretanto descobrimos nos seus exames um tumor já em estágio avançado no seu colo do útero.

A notícia caiu como uma bomba. Kauã apertou minha mão com tamanha força que senti meus dedos começarem a doer.

— Sinto muito, mas não temos muitas opções. O tumor está em estágio avançado e não dá para retirar sem fazer sessões de quimioterapia. Entretanto, essas sessões só podem ser iniciadas a partir do terceiro trimestre de gestação para não comprometer o desenvolvimento do bebê. Não temos certeza se você pode aguardar até lá, Nicolle. Achamos que a melhor opção seja fazer um aborto.

Cada palavra me matava por dentro. Nunca senti tanto medo em toda minha vida e nunca me senti tão forte.

— Ninguém vai arrancar esse bebê de mim. Ninguém!

Olhei desesperada para o Kauã, buscando apoio.

— Ninguém vai fazer nada que você não queira, meu amor.

— Vamos fazer assim, vocês podem ir para casa, conversem, pensem bem. Devemos priorizar a vida da mãe e se você não estiver bem, talvez, nem consiga levar esta gestação até o final.

— Obrigado, doutor, faremos isso! — Kauã disse.

As lágrimas caíam dos meus olhos, sem meu consentimento.

O médico respeitando nosso momento, disse que faria a alta e saiu do quarto. Agarrei-me ao pescoço do Kauã e chorei, todos os meus medos, toda a

minha dor.

Dessa vez, ele não disse nada. Não tinha o que ser dito.

— Me promete que não vai me fazer tirar esse bebê? — perguntei desesperada.

— Nunca faria nada que tirasse o sorriso do seu rosto, meu anjo.

Eu me afastei para olhar nos seus olhos.

— Te amo, Kauã. Quero que saiba que não há provas de amor maior do que esta. Sei que está tentando ser forte, que tenta me convencer de que tudo vai ficar bem e sei também que está morrendo por dentro com medo de me perder. Está sofrendo muito mais que eu! — completei emocionada.

Desviando o olhar para que eu não visse o medo e a emoção ali, ele me abraçou novamente.

— Você é tudo que eu tenho. Vou até o fim para te fazer bem e feliz. Vou rever meus conceitos, refazer minhas convicções, esquecer meus medos e superar minhas emoções. Eu vou ser o que você precisa todos os dias, porque na hora que eu precisei, você foi o meu sorriso e agora é meu coração.

— Você já é tudo isso e muito mais na minha vida.

— Agora vamos pra casa. Você precisa de descanso — falou.

Ele se afastou e começou a juntar às poucas coisas que estavam no quarto, logo que a enfermeira voltou com a minha alta. Estava fingindo suas emoções.

— Não quero você saindo naquelas cadeiras de roda. Vou te levar no colo.

— Consigo ir andando. Só preciso que você seja meu apoio.

— Serei suas pernas! — retrucou.

Sem dar espaço para argumentações, ele me pegou no colo. Na recepção do hospital, seus pais que aguardavam sentados, correram em nossa direção.

— Ela está bem? — Felipe perguntou.

— Vai ficar! — Kauã disse. — Ela e o bebê ficarão bem.

Amélia pegou uma sacola que ele carregava, deixando sua mão livre para me levar até o carro. Kauã ajeitou-me em seus braços, deixando-me o mais confortável. Lembrei-me da primeira vez que ele me pegou no colo, todo cheio de ordens, me fazendo suspirar por seu cheiro.

Encostei melhor no seu peito, aproveitando para relembrar o momento com nostalgia. Tantas coisas tinham mudado. Eu não era mais aquela Nicolle

assustada. Kauã não era mais aquele homem feito de pedra, inabalável. Mas alguma coisa continuava igual. Eu tinha novamente uma sentença de morte em minhas mãos.

Amélia ajudou Kauã a abrir a porta do carro e ele me acomodou no banco da frente, atando os cintos de segurança em mim. Antes de entrar no carro, Felipe chamou o filho e o abraçou.

De dentro do carro, assisti emocionada a cena. Era um abraço tão apertado que tinha contido pedidos de perdão de ambas as partes, sem dizer nenhuma palavra. Felipe deu alguns tapinhas de apoio no ombro no filho e falou alguma coisa no seu ouvido que não pude ouvir. Amélia se despediu de Kauã, em seguida, e ele voltou para o carro.

— Está se sentindo bem? — perguntou antes de dar partida.

— Muito bem! — falei sem graça.

Pensava que ia ficar tudo bem, apesar dessa vez estar difícil segurar a barra. Assim que chegamos ao apartamento, Kauã se apressou em me levar para o quarto, me colocando na cama.

— Vou ficar de castigo agora? Eu me sinto bem, amor, se quiser pode ir cuidar do seu trabalho.

— Não é castigo. Só quero te ver bem.

— Kauã, vai me deixar lutar por nosso filho, não vai?

Inspirei fundo. Eu nem sabia o que pensar. A única certeza era de que estava pedindo o impossível a ele.

— Como você consegue? — perguntou.

Segurou uma mecha do meu cabelo e começou a brincar com o polegar e o indicador.

— Como consigo o quê?

— Ser assim! É a segunda vez em pouco tempo que recebe o diagnóstico de uma doença que pode te matar. A primeira vez não era uma doença verdadeira, mas agora sabemos que é. Em vez de se desesperar, gritar, amaldiçoar Deus, você se limita a se preocupar com o nosso filho. Como consegue? Preciso aprender com você.

Sorri. Ele não retribuiu o sorriso. Seu olhar não tinha mais a vida que apresentava nos dias anteriores.

— Não posso me lamentar pelas rasteiras que a vida me dá. Se eu tivesse

feito isso, teria passado uma vida de amarguras e ressentimentos. Então, preciso me apegar ao que a vida me dá de bom, no meio de tudo isso. Se eu não tivesse recebido aquele diagnóstico de leucemia naquele dia, não tinha vagado por aí e não teria te conhecido. Se o diagnóstico não tivesse sido errado, eu teria te abandonado, porque não te queria ver sofrendo mais uma perda... — acariciei seu rosto. — Não posso pensar no que a vida me tira. Tenho que pensar no que ela me dá.

— Só que agora eu posso te perder... — sussurrou.

Lágrimas afloraram quentes e espontâneas.

— Se me perder, vai ter nosso filho.

— Não é uma escolha justa. O que me pede é algo que sou incapaz de fazer.

Estiquei os braços, passando ao redor do seu pescoço, enfiando meus dedos por seus cabelos macios.

— Não precisa escolher. Só me deixe lutar, por nossa família. Vou lutar pela minha vida também, porque tudo o que mais quero é ficar do seu lado até envelhecer, curtir cada pôr do sol com você é agradecer a cada manhã por seus beijos, com nosso filho nos braços.

Cansada, puxei-o para a cama, enrolando-me em seus braços.

Paralisei quando escutei um soluço. Apertando-me em seu peito, ele, por fim, desabou, soluçando em meus braços por um tempo que pareceu a eternidade, tamanha dor que senti por seu desespero.



*por um amor que ultrapasse a matéria,
por um amor puro e sincero, que por esse amor,
se escreva mais livros, se plante mais amor...*

Fiquei com tanto medo de tirarem meu filho, que pedi que Kauã fosse sozinho no médico e explicasse que eu esperaria para fazer as quimioterapias. Ele precisou assinar um termo assumindo a responsabilidade.

No mesmo dia, foi atrás de pesquisar os melhores médicos em gravidez com risco e montou uma equipe multidisciplinar que cuidaria do meu caso.

O primeiro mês foi cheio de medos. Eu me sentia fraca e indisposta, muitas vezes, e tentei não ficar apática. Kauã parecia um guerreiro, lutando contra si mesmo todos os dias para me fazer feliz. Eu podia enxergar a tristeza nos seus olhos.

Decidimos nunca mais falar sobre morte. Teríamos uma vida nova naquela casa e era isso que importava. Mesmo contra a minha vontade, Kauã deixava sempre uma enfermeira de plantão em casa quando saía para trabalhar.

Seus pais também ligavam constantemente para saber como eu estava. Não nos visitavam. Eu acho que queriam dar um tempo para o filho absorver tudo que vinha enfrentando. No entanto, o apoio vinha sempre por telefone.

No dia marcado para o ultrassom, além da ansiedade de ver o bebê, eu sofria pensando se ele estava bem. Do consultório, já íamos para o hospital onde eu faria a primeira sessão de quimioterapia.

O médico me explicou que as drogas da quimioterapia atingem o feto também, mas as células dele são jovens e se reproduzem rapidamente. Não há risco de malformação.

Antes de sair de casa, Kauã me abraçou.

— Estou do seu lado, baby. Para o que você precisar.

— Eu sei! — Sorri acariciando aquele rosto que me encantava cada dia mais.

— Está com medo de alguma coisa? Tem algum medo? — perguntou. — Quero enfrentá-los por você!

— Não, Kauã. Ter você ao meu lado já desfaz todos os meus medos. Ter você ao meu lado já é o suficiente para fazer meu coração bater.

E assim foi. Quando a médica disse que estava tudo bem com o bebê e que

era uma menina saudável, soube que não importava o rumo da minha vida, eu já tinha tudo.

Eu sonhava em poder ver minha filha crescer, sonhava em poder envelhecer ao lado do homem que amava, mas eu me apegaria ao que a vida me dava e não ao que eu poderia perder.

Se todos os dias nós nos apegássemos ao que temos de bom, ao invés de ficar olhando para o passado perdido, ou para o futuro incerto, viveríamos plenamente, daríamos valor devido aos momentos e às pessoas.

Começar a quimioterapia foi uma luta. E eu vivi cada uma delas. Perdi os cabelos, mas não perdi a esperança.

Nos dias que tive dores, mal-estar, não me deixei abater, me apeguei ao amor que recebia do Kauã. Ele queria se casar comigo, como tínhamos planejado. Decidi que esperaria a Hope, como chamaríamos nossa filha, nascer. Eu não tinha certeza de que um dia poderia dizer sim no altar, e mesmo assim não perdi a esperança. Deixei-a viva e a coloquei na minha filha.

Se eu me perdesse, ela ficaria.

Decidi nunca mais visitar meus pais e nem contar sobre a doença. Devemos amar as pessoas saudáveis e as doentes. Amar só o doente é um gesto de piedade e não de amor. É só uma forma de se livrar da culpa. Eu queria que eles se lembrassem da Nicolle viva e feliz que um dia conheceram.

Registrávamos todos os nossos momentos juntos em fotos. As fotos ficariam se eu partisse. Seriam a prova de que fomos felizes. Não que o amor precise de provas.

Quando minha barriga começou a crescer, vivenciamos juntos, eu e Kauã, nos amando a cada segundo um pouco mais, a ponto de não caber mais amor entre nós e transbordar por nossos olhos. Quando eu tinha medo, ele era a minha força. Quando ele fraquejava, eu era o seu apoio.

Descobri que quando se ama, realmente somos um só. A dor de um é a dor do outro. Você não chora sozinho, não fica doente só. O que afeta um, afeta o outro em dobro.

Descobri que amar é coexistir. E coexistir é existir em conjunto.

Fizemos tudo como se eu pudesse viver eternamente, assim como ele. Aprendi que assim como poderia morrer por aquela doença, ele também poderia partir de qualquer outra fatalidade da vida, então, passamos a viver um dia de cada vez, bastando a cada dia o seu mal e o seu bem.

Montamos o quarto de Hope, compramos seu enxoval, saímos para jantar juntos, fomos às consultas, às quimioterapias, sorrimos, amamos, choramos...

Quantas noites antes de dormir, eu o vi me dar às costas para que eu não visse seu sofrimento, assim como quantas noites o senti me apertar em seus braços, dizendo no silêncio que me protegeria e me amaria até o fim.

Senti-me feia em vários momentos da doença, perdi a autoestima e, então, no próximo segundo, ele me fazia sentir a mulher mais linda do mundo.

Então aprendi também que sempre Deus nos dá o fardo que conseguimos carregar. Muitas vezes em uma jornada que parece difícil. E lá no fundo encontramos uma luz, pode ser um amor, um abraço, um filho... Têm pessoas que se contentam com um brigadeiro e outras que não se alegram com nada.

Aprendi que não podemos dizer que somos sem sorte, amaldiçoados, castigados. Está em nós a forma como vemos o mundo. Está em nós a forma como aceitamos aquilo que temos.

Alguns têm tudo e não enxergam nada. Outros tiram da miséria suas maiores riquezas. Eu aprendi muito quando soube que poderia perder tudo. E quando Hope nasceu, enfim, entendi a plenitude do amor, quando a peguei nos meus braços e escutei o seu choro, soube o que era felicidade.

E quando fui perdendo as forças, na sala de cirurgia, senti os lábios do Kauã sobre os meus e sorri. Porque tive tudo e o tempo.... não importava.



Kauã,

Quando você estiver lendo essa carta não estarei mais do seu lado. Eu espero que você nunca tenha que lê-la, porque se isso acontecer significa que parti.

Mas se estiver lendo, quero que saiba de algumas coisas.

Eu fui feliz. Você me fez viver uma vida em alguns dias. Fez-me ver estrelas, sonhar, sorrir, me fez amar o viver.

Nós não podemos mudar o curso da vida, lutamos para conseguir o que se deseja, até certo ponto. Depois disso estamos sujeitos ao destino e a Deus.

Quando fiquei doente a primeira vez e achei que morreria, percebi que morreria feliz porque tinha te conhecido. Quando por fim a vida me deu mais uma chance, eu a abracei e corri até você.

Nunca foi fácil. Nunca é! As melhores coisas da vida necessitam de muitas lutas. Então, a vida decidiu que, talvez, eu realmente precisasse partir. Não procure entender isso, apenas aceite.

Nos dias que estive aí seu lado eu sorri como nunca, amei por uma vida, você fez com que eu fosse importante, como se o mundo realmente precisasse de mim para continuar caminhando.

Agora é sua vez de continuar essa caminhada.

Não deixe de sorrir. Se não o fizer por si mesmo, faça por sua filha, faça por mim. Quando olhar para o céu, pense que de lá estou te olhando e faça o que faria se soubesse que estou observando. Enrugue menos a testa, sorria mais, ame o nascer do sol, assim como o seu esconder todas as tardes, aproveite cada dia para abraçar sua filha como eu não fui capaz. Abrace por nós dois e siga sua vida. Sem olhar para trás. Siga como se cada dia fosse um presente, onde você terá a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas.

Aquelas pessoas que não o acrescentam nada, apenas as ignore. Aquelas que te fazem feliz, ame-as.

Só olhe para trás quando suas pernas perderem as forças. Lembre-se de tudo que te disse e depois continuem em frente. Ame de novo. Encontre alguém que faça você feliz, que

possa amar nossa filha.

Se apegue às coisas boas. Deixe de se irritar por bobagens. Viva todos os dias com as pessoas que você ama como se fosse o último dia que vai vê-las. As pessoas não conseguem compreender isso e sofrem com a perda, sofrem porque na existência do outro falharam mais do que seria preciso.

Seres humanos são falhos. O amor está aí para corrigir todas essas imperfeições. Não sofra, Kauã. Você me fez feliz, me realizou como mulher e me deu o maior presente: nossa filha.

Quando sonhei com um amor como dos livros, minha imaginação não alcançou você. Amar você foi algo incompreensível e indescritível. Não existem palavras nos livros para descrever o amor. O amor que vivi com você.

Uma vez me perguntou qual era meu maior medo. Eu não te respondi. Meu maior medo, meu amor, sempre foi imaginar seu sofrimento. Seja feliz por mim.

Sorria. Sorria e sorria. Cada sorriso seu, vai ser um dia a mais de lembranças minhas na terra.

E tenha esperança. Em dobro. Tenha esperança e Hope. O que mais precisar o mundo vai dar a você na medida em que pode suportar.

Te amo. Sempre te amarei.

Nicolle, eternamente sua.

— Papai, você quer sorvete? — Hope perguntou.

Olhei para aqueles cachinhos pretos caídos no rosto, aqueles olhos verdes que me encaravam com tanto amor e assenti.

Hope saiu correndo até o carrinho de sorvete.

Todos os dias eu acordava antes do sol nascer e ficava esperando ele sair. Todas as tardes eu ia com a Hope na orla da praia e ficava vendo ele se pôr. Olhar o sol era minha lembrança mais viva da Nicolle. O sol era vida e essa era a representação da mulher que mais amei na vida.

Na carta que eu lia todos os dias, Nicolle dizia que tinha sido feliz.

Aquele sorriso que tanto me encantou, mudou minha vida e depois se

apagou. Eu tentava sorrir por ela e ser feliz por Hope.

Não sei se um dia eu seria capaz de amar outra mulher como a amei. Eu tive tudo e não se pode ter tudo para sempre e nem substituir o tudo.

Dedicava-me em cuidar da nossa filha. Deixava-me cuidar daquilo que ela também não foi capaz. Coloquei o pai de Nicolle em um centro de reabilitação para alcoólatras e cuidava da sua mãe. Ela nunca me pediu isso, mas fazia porque sei que a faria feliz.

Nicolle era uma lembrança. No entanto, o amor que ela deixava pelo caminho ainda sobrevivia. Seus sorrisos não eram mais meus, mas foram por algum tempo e ser o motivo dos sorrisos mais belos que já vi, foi o presente mais amado que já recebi além de Hope.

Seus sorrisos estavam impressionando os anjos agora, eu tinha certeza.

Sorri mais uma vez entre as lágrimas. E saí atrás de Hope, minha esperança, minha pequena lembrança, meu maior amor.

Porque há amores que em uma vida não te ensinam nem o que é amar e existem amores que te fazem amar por uma vida, em poucos dias, horas ou até segundos.

Não é sobre tempo, é sobre sentimento.



Quando Nicolle nasceu nos meus sonhos, sempre a vi como uma garota lutadora. Ela foi uma guerreira. Lutou o livro todo para não morrer. E, assim, eu decidi que Nicolle sobreviveria. Entretanto, quando pensei melhor, soube que se ela morresse tudo aquilo que ela deixou como ensinamento durante o livro ficaria muito mais vivo nos nossos corações. Aprendi muito escrevendo *Por Um Amor Como Dos Livros*. Chorei horrores também.

Quero agradecer a Deus por esse trabalho, por toda a inspiração e por todas as portas que Ele abre na minha vida. Não sou digna de tanto amor.

Agradeço a toda a minha família. Cada um me apoiando do seu jeito. Eu juro que entendo todos.

Aos meus pais. Amor e tudo que resume a vocês. Obrigada.

Ao meu irmão e minha irmã Priscila (ela diz que é minha cunhada, eu não concordo). Tudo que foi escrito aqui, vivência nas nossas conversas. Vocês são uma lição de vida pra mim e os amo tanto que dedico este livro e todo meu amor a vocês.

Às minhas leitoras, fãs, família Doce Sabor, àquele grupo barulhento do WhatsApp, tanto carinho que não cabe no meu coração. Então, escrevo livros e distribuo a vocês.

A algumas amigas em especial, Luiza Raquel, Fabiola Cieto, Caira, Andrea, Silvia, Maiara, muito obrigada. Amor é pouco para descrever tudo que sinto.

Às várias pessoas que lutam por meu sucesso, apoiando minha carreira: Danilo Barbosa, Renata dias, Maria Angélica Constantino, Lunna Lima, Bianca Faria, Monica Kaster, Ariane Eleuterio, Laritza Oliveira e muita gente e se me esqueci de alguém, me perdoem. Meu obrigado do tamanho do mundo.

O maior obrigada do mundo a Beatriz Soares, minha assessora literária que me ajuda a não pirar na maioria dos dias.

À Luisa Soresini, minha revisora e agora amiga. Eu te encho de trabalhos, todos sem formatação, te dou prazos e, você? Você me atende porque é um anjo que Deus colocou na minha vida. Obrigada!

Todo amor do mundo para a melhor capista do mundo Marina Avila. Você faz capas com a alma. Não tem outra que faça tão bem. Obrigada.

Obrigada a todo o pessoal da Editora Pandorga que abriu espaço para esse meu livro, que é meu xodó. Espero que seja o primeiro de muitos.

Sempre, por último, meu obrigada a você, meu amor. Alison, você me deu inspirações, sempre foi e será meu amor como dos livros. Eu amo todas as suas

qualidades e muito mais seus defeitos. Você me faz sorrir. Seu amor muda meu mundo. Te amo infinitamente.

Enfim, que cada um que leu esse livro encontre seu amor como dos livros. Nem sempre perfeito, muitas vezes com alguns defeitos, mas que é um amor. Isso muitas vezes basta.

Não se precisa ter tudo se tiver amor.